

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

DENISE TEIXEIRA MRÁZ ZAPPAROLI

O teste do desenho da Casa-Árvore-Pessoa (H-T-P) em adultos paulistas

São Paulo
2022

DENISE TEIXEIRA MRÁZ ZAPPAROLI

O teste do desenho da Casa-Árvore-Pessoa (H-T-P) em adultos paulistas

Versão Original

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Orientadora: Prof. Dra. Irai Cristina Boccato Alves.

São Paulo
2022

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pela autora

Mráz Zapparoli, Denise Teixeira

O Teste do Desenho da Casa-Árvore-Pessoa em adultos paulistas / Denise Teixeira Mráz Zapparoli; orientadora Irai Cristina Boccato Alves. -- São Paulo, 2022.

165 f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2022.

1. Desenho da Casa-Árvore-Pessoa 2. H-T-P 3. Técnicas projetivas 4. Testes Psicológicos 5. Avaliação Psicológica I. Alves, Irai Cristina Boccato, orient. II. Título.

Nome: Mráz Zapparoli, Denise Teixeira

Título: O teste do desenho da Casa-Árvore-Pessoa (H-T-P) em adultos paulistas

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo para obtenção
do título de Doutora em Psicologia.

Aprovada em: 16/12/2022

Banca Examinadora

Profª Drª: Helena Rinaldi Rosa

Instituição: Instituto de Psicologia – USP

Julgamento: Aprovada

Profª Drª: Audrey Setton Lopes de Souza

Instituição: Instituto de Psicologia – USP

Julgamento: Aprovada

Profª Drª: Elisa Marina Bourroul Villela

Instituição: Externo

Julgamento: Aprovada

Profª Drª: Maria Cristina Barros Maciel Pellini

Instituição: UNIP

Julgamento: Aprovada

Profª Drª: Rosa Maria Lopes Affonso

Instituição: UNINOVE

Julgamento: Aprovada

Profª Drª: Terezinha Aparecida de Carvalho Amaro

Instituição: CUFMU

Julgamento: Aprovada

À Bia, minha mãe, pela vida que me ofereceu, por inspirar minha escolha profissional e por me guiar, também, no caminho da espiritualidade.

À Profª Drª Myriam Augusto da Silva Villarinho (*in memoriam*), por abrir a porta da docência em Avaliação Psicológica, convidando-me, ainda na graduação, para auxiliá-la nas aulas de TEAP.

À Profª Drª Irai Cristina Boccato Alves, com profunda admiração e respeito, não só por sua contribuição na área da Avaliação Psicológica, mas principalmente pelo acolhimento tão carinhoso.

Gratidão a todas essas bravas mulheres!

AGRADECIMENTOS

À Prof^ª Irai Cristina Boccato Alves, minha orientadora querida que pode suportar minha insistência em tê-la por perto, acompanhando o fechamento de um ciclo de muitas vitórias e conquistas.

À Audrey Setton Lopes de Souza e Paulo Francisco de Castro, pelas orientações e sugestões preciosas no Exame de Qualificação. Nortearam meu trabalho com delicadeza e sabedoria.

Às participantes da banca Profas. Dras. Audrey Setton Lopes de Souza, Elisa Marina Bourroul Vilela, Helena Rinaldi Rosa, Maria Cristina Barros Maciel Pellini, Rosa Maria Lopes Affonso e Terezinha Aparecida de Carvalho Amaro.

Às queridas Myriam Augusto da Silva Vilarinho (in memoriam) e Aspásia Papazanakis, por me inspirarem com seu brilhantismo e me ensinarem a usar a docência e o contato com os alunos como oportunidade única de, mesmo que minimamente, fazer a diferença na formação de futuros psicólogos, tornando o aprendizado leve, divertido e, ao mesmo tempo, profundo.

À Juliana Masami Morimoto, pela "longa" análise estatística e pela paciência e prontidão com que me acolheu.

Aos colegas da docência, que dividiram comigo, ao longo destes quase 40 anos, as turmas, as salas de aula e as experiências em Avaliação Psicológica. Mais especialmente à Carmen Silvia de Souza Nogueira, à Lucia Cunha Lee e à Santuza Fernandes S. Cavalini.

À Maria Leonor Espinosa Eneas e Terezinha Aparecida de Carvalho Amaro, amigas queridas que conheci na docência e as levarei para sempre.

À minha (Sim, tomei posse!) querida Livia Ortega Jantalia Farina, que esteve sempre por perto, em muitos sentidos, e foi especialmente necessária e prestativa, auxiliando-me nas aplicações e na tabulação dos dados. Obrigada por fazer parte deste momento importante da minha vida.

Ao Ricardo Tacini Ibañes, amigo de profissão e de vida, cujas contribuições fizeram toda diferença nesta trajetória. Obrigada pelos chocotinos, cafés, capuccinos e tantas outras delicadezas que me manteve focada e estimulada. Gratidão eterna!

À Luciana Maria Caetano e Maria Olívia Martins Rosa, pela atenção tão especial durante momentos difíceis desta jornada.

À Ana Maria Seraidarian Najjar, "Salvadora de Almas". Anjo que mudou e mudará sempre minha trajetória pessoal e profissional, permitindo que eu olhe para VIDA com a lente do amor e do entendimento.

A todos os alunos, tão especiais e importantes, que pude acompanhar ao longo da minha carreira. Muitos deles compartilhando suas histórias, seus dramas, suas dores, seus amores e seus DESENHOS.

À Universidade Presbiteriana Mackenzie e, mais especificamente ao Curso de Psicologia e seus coordenadores, por cederem o espaço para fazer parte das aplicações desta pesquisa.

Aos participantes da pesquisa, que permitiram dividir seu mundo psíquico comigo, por meio de seus desenhos. Espero que tenha sido tão bom para vocês, quanto foi para mim.

Aos meus amigos e familiares pela paciência inesgotável, perdendo a ausência, os desencontros, a distância e os esquecimentos de datas importantes. Prometo compensá-los em breve!

Às minhas meninas eternas, Mariana e Taís, que sempre foram luz na minha vida. Gratidão por tê-las em mim.

Ao Juju, meu marido e companheiro de todas as horas e para todo o sempre.

*"A paz, invadiu o meu coração
De repente me encheu de paz
Como se o vento de um tufão
Arrancasse meus pés do chão
Onde eu já não me enterro mais."
(Gilberto Gil / João Donato).*

RESUMO

MRÁZ ZAPPAROLI, D. T. (2022). *O teste do desenho da Casa-Árvore-Pessoa (H-T-P) em adultos paulistas*. 165 f. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo.

O objetivo deste trabalho é obter a frequência dos aspectos gerais, expressivos, projetivos e de uso das cores no H-T-P, em uma amostra de 117 participantes paulistas, entre 18 e 60 anos, com ensino superior completo ou incompleto. Como metodologia utilizou-se o programa SPSS e o teste do qui-quadrado ou teste exato de Fisher para estabelecer parâmetros normativos e apontar diferenças significativas (p) entre os sexos. Os resultados mostraram p em mulheres com idade compatível ao esperado no desenho da Casa e da Pessoa. Quanto à dominância lateral, houve p entre mulheres destras em comparação com os homens, apesar de haver mais homens sinistros (canhotos), que mulheres. Verificou-se p no item sequência da Casa com produção convencional feita por mulheres em relação aos homens. No desenho da Árvore houve p na presença de frutas em maior proporção feito por mulheres que por homens, remetendo às questões da maternidade e produtividade. Concluiu-se que existem diferenças significativas na maioria dos aspectos expressivos, mas que apenas alguns poucos aspectos de conteúdo se mostraram relevantes. Quanto as cores predominantes, observou-se que o marrom foi utilizado tanto na amostra feminina quanto masculina. Na Casa as cores mais empregadas por mulheres, foram o marrom, verde, azul, preto e laranja. Nos homens, todas as anteriores, exceto o laranja. Na Árvore, tanto homens quanto mulheres usaram o verde, marrom e vermelho. No desenho da Pessoa o marrom, preto e azul foram as cores mais empregadas, independente do sexo da amostra.

Palavras-chave: H-T-P. Desenho da casa-árvore-pessoa. Técnicas projetivas. Testes Psicológicos. Avaliação Psicológica.

ABSTRACT

MRAZ ZAPPAROLI, D.T. (2022). *The House-Tree-Person (H-T-P) drawing test in adults from São Paulo*. 165 f. Thesis (Doctorate – Graduate Program in School Psychology and Human Development) – Institute of Psychology. University of Sao Paulo, Sao Paulo.

The objective of this work is to obtain the frequency of general, expressive, projective aspects and use of colors in the H-T-P, in a sample of 117 participants from São Paulo, between 18 and 60 years old, with complete or incomplete higher education. As a methodology, the SPSS program and the chi-square test or Fisher's exact test were used to establish normative parameters and point out significant differences (p) between genders. The results showed p in women with an age compatible with what was expected in the design of Casa and Pessoa. As for lateral dominance, there were p among right-handed women compared to men, although there were more left-handed (left-handed) men than women. There was p in the sequence item of the House with conventional production made by women in relation to men. In the drawing of the Tree there was p in the presence of fruits in a greater proportion made by women than by men, referring to maternity and productivity issues. It was concluded that there are significant differences in most of the expressive aspects, but that only a few aspects of content were relevant. As for the predominant colors, it was observed that brown was used in both the female and male samples. In the House, the colors most used by women were brown, green, blue, black and orange. In men, all of the above, except orange. On the Tree, both men and women wore green, brown and red. In Pessoa's drawing, brown, black and blue were the most used colors, regardless of the gender of the sample.

Keywords: H-T-P. Drawing of the house-tree-person. Projective techniques. Psychological tests. Psychological Assessment.

RESUMEN

MRAZ ZAPPAROLI, D.T. (2022). La prueba de dibujo Casa-Árbol-Persona (H-T-P) en adultos de São Paulo. 165 f. Tesis (Doctorado – Programa de Posgrado en Psicología Escolar y Desarrollo Humano) – Instituto de Psicología. Universidad de Sao Paulo, Sao Paulo.

El objetivo de este trabajo es obtener la frecuencia de aspectos generales, expresivos, proyectivos y uso de colores en el H-T-P, en una muestra de 117 participantes de São Paulo, entre 18 y 60 años, con estudios superiores completos o incompletos. Como metodología se utilizó el programa SPSS y la prueba chi-cuadrado o prueba exacta de Fisher para establecer parámetros normativos y señalar diferencias significativas (p) entre géneros. Los resultados mostraron p en mujeres con edad compatible con lo esperado en el diseño de Casa y Pessoa. En cuanto a la dominancia lateral, hubo p entre las mujeres diestras en comparación con los hombres, aunque hubo más hombres zurdos (zurdos) que mujeres. Había p en la secuencia ítem de la Casa con producción convencional realizada por mujeres en relación a hombres. En el dibujo del Árbol hubo p en presencia de frutos en mayor proporción realizada por mujeres que por hombres, refiriéndose a temas de maternidad y productividad. Se concluyó que existen diferencias significativas en la mayoría de los aspectos expresivos, pero que solo algunos aspectos del contenido fueron relevantes. En cuanto a los colores predominantes, se observó que tanto en las muestras femeninas como masculinas se utilizó el marrón. En la Casa, los colores más utilizados por las mujeres fueron el marrón, el verde, el azul, el negro y el naranja. En hombres, todas las anteriores, excepto naranja. En el Árbol, tanto hombres como mujeres vestían de verde, marrón y rojo. En el dibujo de Pessoa, el marrón, el negro y el azul fueron los colores más utilizados, independientemente del género de la muestra.

Palabras clave: H-T-P. Dibujo de la casa-árbol-persona. Técnicas proyectivas. Pruebas psicológicas. Evaluación psicológica.

RESUMÉ

MRAZ ZAPPAROLI, DT (2022). Le test de dessin House-Tree-Person (H-T-P) chez les adultes de São Paulo. 165 f. Thèse (Doctorat – Programme d'études supérieures en psychologie scolaire et développement humain) – Institut de psychologie. Université de São Paulo, São Paulo.

L'objectif de ce travail est d'obtenir la fréquence des aspects généraux, expressifs, projectifs et de l'utilisation des couleurs dans le H-T-P, dans un échantillon de 117 participants de São Paulo, âgés de 18 à 60 ans, ayant suivi des études supérieures complètes ou incomplètes. Comme méthodologie, le programme SPSS et le test du chi carré ou test exact de Fisher ont été utilisés pour établir des paramètres normatifs et mettre en évidence des différences significatives (p) entre les sexes. Les résultats ont montré p chez les femmes avec un âge compatible avec ce qui était attendu dans la conception de Casa et Pessoa. En ce qui concerne la dominance latérale, il y avait p chez les femmes droitières par rapport aux hommes, bien qu'il y ait plus d'hommes gauchers (gauchers) que de femmes. Il y avait p dans l'item séquence de la maison avec une production conventionnelle faite par les femmes par rapport aux hommes. Dans le dessin de l'Arbre, il y avait p en présence de fruits dans une plus grande proportion faite par les femmes que par les hommes, se référant à des questions de maternité et de productivité. Il a été conclu qu'il existe des différences significatives dans la plupart des aspects expressifs, mais que seuls quelques aspects du contenu étaient pertinents. En ce qui concerne les couleurs prédominantes, il a été observé que le brun était utilisé à la fois dans les échantillons féminins et masculins. A la Maison, les couleurs les plus utilisées par les femmes étaient le marron, le vert, le bleu, le noir et l'orange. Chez les hommes, tout ce qui précède, sauf orange. Sur l'Arbre, hommes et femmes portaient du vert, du marron et du rouge. Dans le dessin de Pessoa, le marron, le noir et le bleu étaient les couleurs les plus utilisées, quel que soit le sexe de l'échantillon.

Mots-clés: H-T-P. Dessin de la maison-arbre-personne. Techniques projectives. Tests psychologiques. Évaluation psychologique.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição de frequência e percentual da amostra segundo sexo e idade.	85
Tabela 2- Medidas de tendência central e de dispersão das variáveis relacionadas ao tempo.	86
Tabela 3 - Distribuição de frequência e percentual da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas à dominância lateral e ao TT da aplicação do teste H-T-P.	86
Tabela 4 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: posição da folha no desenho da Casa.	87
Tabela 5- Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: tamanho, no desenho da Casa.	87
Tabela 6 - Distribuição da amostra segundo o sexo e características relacionadas ao aspecto expressivo: pressão, no desenho da Casa.	88
Tabela 7 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: tipo de traçado, no desenho da Casa.	88
Tabela 8 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: detalhes, no desenho da Casa.	89
Tabela 9 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: localização, no desenho da Casa.	89
Tabela 10 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: simetria, no desenho da Casa.	90
Tabela 11 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: movimento, no desenho da Casa.	90
Tabela 12 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos expressivos: sequência e início do desenho, no desenho da Casa.	91
Tabela 13 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos expressivos: comentários espontâneos, atitude e emoções, no desenho da Casa.	92
Tabela 14 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos expressivos: capacidade crítica e rasuras, no desenho da Casa.	92
Tabela 15 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos expressivos: pausas, TRI e TTD, no desenho da Casa.	93
Tabela 16 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: idade, no desenho da Casa.	94

Tabela 17 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: adaptação ao tema, no desenho da Casa.	95
Tabela 18 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: realização, no desenho da Casa.....	95
Tabela 19 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: solo, telhado e telhas, no desenho da Casa.....	96
Tabela 20 – Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: sótão e porão, do desenho da Casa.....	96
Tabela 21 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: chaminé e fumaça, no desenho da Casa.	97
Tabela 22- Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: paredes, pilares ou apoios, tijolos aparentes, no desenho da Casa.....	97
Tabela 23- Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto de conteúdo: porta, no desenho da Casa.	98
Tabela 24 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: degraus ou escadas, caminho, cerca e muro, no desenho da Casa.	99
Tabela 25 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto de conteúdo: janela, no desenho da Casa.	100
Tabela 26 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto de conteúdo: ângulo de visão, no desenho da Casa.....	100
Tabela 27- Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: casa dupla e parte frontal, no desenho da Casa.	101
Tabela 28 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: transparência, paisagem e outros elementos, no desenho da Casa.....	102
Tabela 29 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: posição da folha, no desenho da Árvore.	102
Tabela 30- Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: tamanho, no desenho da Árvore.....	103
Tabela 31 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: pressão, no desenho da Árvore.	103
Tabela 32 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: tipo de traçado, no desenho da Árvore.....	104
Tabela 33 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: detalhes, no desenho da Árvore.	104

Tabela 34 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: localização, no desenho da Árvore.	105
Tabela 35 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: simetria, no desenho da Árvore.....	105
Tabela 36- Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: movimento, no desenho da Árvore.	106
Tabela 37 -Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos expressivos: sequência e início do desenho, no desenho da Árvore.....	106
Tabela 38 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos expressivos: comentários espontâneos, atitude e emoções, no desenho da Árvore.	107
Tabela 39 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos expressivos: capacidade crítica e rasuras, no desenho da Árvore.	108
Tabela 40 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos expressivos: pausas, TRI e TTD, no desenho da Árvore.....	108
Tabela 41 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: idade, no desenho da Árvore.....	109
Tabela 42 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: adaptação ao tema, no desenho da Árvore.....	110
Tabela 43 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: realização, no desenho da Árvore.	110
Tabela 44 -Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: solo e raiz, no desenho da Árvore.	111
Tabela 45 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: tronco, sulcos, nós, buraco e galhos, no desenho da Árvore.....	111
Tabela 46 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: copa, galhos na copa, folhas, frutos e flores, no desenho da Árvore.	112
Tabela 47 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: animais, transparência, paisagem e outros elementos, no desenho da Árvore.	113
Tabela 48 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: posição da folha, no desenho da Pessoa.....	114
Tabela 49 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: tamanho, no desenho da Pessoa.	115

Tabela 50 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: pressão, no desenho da Pessoa.....	116
Tabela 51 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: tipo de traçado, no desenho da Pessoa.....	116
Tabela 52 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: detalhes, no desenho da Pessoa.....	117
Tabela 53 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: localização, no desenho da Pessoa.....	117
Tabela 54 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: simetria, no desenho da Pessoa.....	118
Tabela 55 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: movimento, no desenho da Pessoa.....	118
Tabela 56 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos expressivos: sequência e início do desenho, no desenho da Pessoa.....	119
Tabela 57- Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos expressivos: comentários espontâneos, atitude e emoções, no desenho da Pessoa.	120
Tabela 58 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos expressivos: capacidade crítica e rasuras, no desenho da Pessoa.....	120
Tabela 59 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos expressivos: pausas, TTR e TTD, no desenho da Pessoa.....	121
Tabela 60 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: idade, no desenho da Pessoa.....	122
Tabela 61 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: adaptação ao tema, no desenho da Pessoa.....	122
Tabela 62 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: realização, no desenho da Pessoa.....	123
Tabela 63 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto de conteúdo: sexo da 1ª pessoa, no desenho da Pessoa.....	123
Tabela 64 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto de conteúdo: solo, no desenho da Pessoa.....	124
Tabela 65 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto de conteúdo: busto, no desenho da Pessoa.....	124
Tabela 66 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: cabeça, olhos, boca, nariz, orelhas e queixo, no desenho da Pessoa..	125

Tabela 67 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: sobrancelhas, cílios, cabelo, pelos, barba e bigode, no desenho da Pessoa.	126
Tabela 68 -Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: pescoço, ombro e tronco, no desenho da Pessoa.....	127
Tabela 69 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: braços, mãos e dedos, no desenho da Pessoa.	127
Tabela 70 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: cintura, quadril, pernas e pés, no desenho da Pessoa.	128
Tabela 71 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: roupas e tipo de nu, no desenho da Pessoa.....	129
Tabela 72 – Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto de conteúdo: posição, no desenho da Pessoa.	130
Tabela 73 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: transparência, paisagem e outros elementos, no desenho da Pessoa..	130
Tabela 74 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao tipo de pessoa desenhada.	131
Tabela 75 -Distribuição da amostra, segundo características relacionadas à localização dos desenhos e lateralidade.....	132
Tabela 76 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas às cores predominantes, no desenho da Casa.....	133
Tabela 77 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas às cores predominantes, no desenho da Árvore.	134
Tabela 78 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas às cores predominantes, no desenho da Pessoa.	134
Tabela 79 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas à adequação das cores, nos desenhos da Casa, da Árvore e da Pessoa.....	135
Tabela 80 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas à comparação entre fase acromática e cromática.	136

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA	<i>American Psychological Association</i>
AVCI	Acidente Vascular Cerebral Isquêmico
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CAP	<i>Casa-Arbol-Persona</i>
CAT	<i>Children's Apperception Test</i>
CNS	Conselho Nacional de Saúde
DF-E	Desenhos de Família com Estória
DP	Desvio Padrão
EMAE	Escala Multidimensional de Autoestima
F	Feminino
HHTP	<i>House-House-Tree-Person</i>
HT-PP	<i>House-Tree-Two Person</i>
H-T-P	<i>House-Tree-Person Technique</i>
HTPP	<i>House-Tree-Person-Person</i>
HTTP	<i>House-Tree-Tree-Person</i>
IPUSP	Instituto de Psicologia da Universidade São Paulo
JNB	<i>John N. Buck Drawing Test</i>
KFD	Kinetic Family Drawing
KHTP	<i>Kinetic House-Tree-Person</i>
M	Masculino
n	Número da amostra
p	Nível de Significância
PDI	<i>Post-Drawing Interrogation</i>

SATEPSI	Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos
SHTP	<i>Sintetic House-Tree-Person</i>
SPSS	<i>Statistical Package for the Social Science</i>
TAT	<i>Thematic Apperception Test</i>
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TEAP	Técnicas de Exame e Aconselhamento Psicológico
TRI	Tempo de Reação Inicial
TT	Tempo Total
TTD	Tempo Total por Desenho
UPM	Universidade Presbiteriana Mackenzie
WPS	<i>Western Psychological Services</i>
WZT	Teste do Desenho de <i>Wartegg</i>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	22
2	OBJETIVOS.....	24
3	CONCEITO DE PROJEÇÃO	25
4	HISTÓRICO DO H-T-P	32
5	VARIAÇÕES DO H-T-P	46
5.1	Synthetic House-Tree-Person Technique	46
5.2	Kinetic House-Tree-Person Drawings.....	46
5.3	H-T-P Acromático e Cromático com inquérito	47
5.4	H-T-P acromático e cromático com inquérito único	47
5.5	H-T-P acromático com acréscimo de uma casa ou árvore alternativa	47
5.6	H-T-P acromático combinado com a Figura Humana de Machover.....	48
5.7	H-T-P acromático combinado com o Teste das Duas Pessoas	48
5.8	H-T-P acromático ou cromático, integrado.....	48
5.9	H-T-P acromático tradicional mais o H-T-P acromático ou cromático, integrado.....	48
6	ESTUDOS REALIZADOS COM O H-T-P	50
7	MÉTODO	64
7.1	Participantes	64
7.2	Instrumentos.....	64
7.3	Procedimentos técnicos.....	65
7.4	Procedimentos éticos.....	67
7.5	Critérios de análise utilizados no H-T-P.....	67
7.5.1	Aspectos Gerais.....	68
7.5.2	Processo Adaptativo	69
7.5.3	Processo Expressivo	70
7.5.4	Processo Projetivo	72
7.5.5	Cores	81
7.5.6	Comparação entre a Fase Acromática e a Cromática	82
7.6	Tratamento estatístico	82
8	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	85
9	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	137
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
	REFERÊNCIAS	144
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	151
	APÊNDICE B – Questionário de Levantamento socioeconômico	153

APÊNDICE C – Roteiro de aplicação	155
APÊNDICE D – Tabela de análise dos itens utilizados na pesquisa	163

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de mais de 40 anos de experiência pessoal, clínica e em educação no ensino superior. Na formação como Psicóloga, a pesquisadora teve a grata oportunidade de ser convidada pela inesquecível Myriam Augusto da Silva Vilarinho (*in memoriam*), para acompanhá-la como assistente nas disciplinas de avaliação psicológica, chamadas de Técnicas de Exame e Aconselhamento Psicológico (TEAP). O convite surgiu logo após cursar as referidas disciplinas na graduação e permitiu aprofundar os conhecimentos sobre essa temática instigante.

Todos os assuntos referentes à avaliação psicológica se tornaram o foco do interesse da pesquisadora, tais como condições de aplicação dos instrumentos usados pelos psicólogos, aspectos éticos e legislativos envolvidos nos processos de avaliação psicológica, recursos variados e estratégias psicológicas.

Dois anos mais tarde e já formada, começou suas experiências na prática clínica em psicodiagnóstico de crianças, de adolescentes e de adultos, ao mesmo tempo em que aumentava suas horas na docência no ensino superior. Foi então que conheceu a extraordinária Professora Aspásia Papazanakis e foi trabalhar com ela nas disciplinas de Avaliação da Personalidade. Novamente, agraciada com uma convivência leve, divertida e de profundo conhecimento, tendo-a como um exemplo de profissional e de admirável competência didática, ampliou seu conhecimento nos instrumentos de avaliação psicológica, principalmente sobre a técnica projetiva do desenho da Casa-Árvore-Pessoa (H-T-P).

Durante vários anos, as turmas da faculdade foram divididas entre elas, ficando a pesquisadora com as supervisões e a Aspásia com as aulas teóricas. A grade curricular, naquela época, permitia aos cursos de psicologia oferecerem uma ampla carga horária nas disciplinas de avaliação. Portanto, os alunos tinham condições de treinar a técnica de aplicação dos testes, em caráter didático. As aplicações eram realizadas pela professora, em sala de aula com caráter didático, e os alunos aplicavam em colaboradores voluntários, sendo essas supervisionadas em tempo real.

A gama de situações interessantes e instigantes, que envolviam essas atividades práticas, despertou mais ainda, na pesquisadora, a vontade de aprofundar os conhecimentos sobre o H-T-P. Foi então que ela conheceu Irai Cristina Boccato Alves, pesquisadora conhecida pelo seu engajamento na causa da Avaliação Psicológica, pelo seu aprofundado estudo e trabalho com desenhos e com técnicas expressivas, além de ser revisora da tradução do H-T-P no Brasil (Buck, 2003). Começou aí a concretização de uma profunda admiração e respeito por

aquela, que se tornou a orientadora do presente trabalho e inspirou esta pesquisadora a se debruçar sobre a referida temática, sendo, neste contexto, que a pesquisa pretende focar, mais especificamente, para contribuir com os estudos do H-T-P no Brasil, haja vista a escassez de trabalhos sobre o assunto.

A relevância desta pesquisa se justifica, também, para contribuir com a fundamentação e com o fornecimento de dados sobre a realidade brasileira, com o estabelecimento de aspectos característicos para a nossa população, de modo que os psicólogos brasileiros possam usar o H-T-P, com maior segurança nas avaliações psicológicas.

A fim de orientar a leitura da presente pesquisa, os temas foram organizados da seguinte maneira: inicialmente, será abordado o Conceito de Projeção, segundo proposta de Anzieu (1981/1976), com enfoque para o histórico e a etimologia do termo projeção, características, efeitos dos métodos projetivos e tipos de projeção. Em seguida, será trazido o Histórico do H-T-P, desde os autores, que trabalharam com o desenho da Casa, da Árvore e da Pessoa, com a finalidade de investigação de diferentes aspectos da personalidade do indivíduo, até o H-T-P utilizado nos dias de hoje e suas variações. Na sequência, será apresentado um levantamento de artigos científicos e estudos realizados com o H-T-P no Brasil. Será exposto também, detalhadamente, o método utilizado pela pesquisadora, começando pelos participantes, instrumentos utilizados, procedimentos técnicos e éticos, critérios para a análise dos itens levantados na pesquisa e o tratamento estatístico empregado. A apresentação, discussão dos resultados e as considerações finais serão expostas mais adiante.

Ao final do trabalho, o leitor encontrará, no Apêndice A, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o Questionário de levantamento socioeconômico (Apêndice B), o Roteiro de Aplicação do H-T-P, elaborado pela autora para facilitar as anotações durante a aplicação, de forma homogênea (Apêndice C) e a Tabela de análise dos itens utilizados na pesquisa (Apêndice D).

2 OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL: obter a frequência dos aspectos gerais, expressivos e projetivos nos desenhos da casa, da árvore e da pessoa, em uma amostra de adultos paulistas, com ensino superior completo ou incompleto.

OBJETIVO ESPECÍFICO: estabelecer parâmetros normativos das características comuns e pouco comuns nos desenhos da casa, da árvore e da pessoa, para verificar a existência de diferenças significativas nas características estudadas, em função do sexo.

3 CONCEITO DE PROJEÇÃO

O uso mais conhecido do desenho em Psicologia é o expressivo, muito presente em diferentes contextos, abordagens teórico-práticas e áreas de atuação profissional. Seja usado como forma de comunicação, principalmente entre as crianças, seja como expressão do processo evolutivo no desenvolvimento humano, ou na expressão da arte em psicopatologia (Van Kolck, 1984). Na abordagem psicodinâmica, a projeção tem um papel fundamental na análise e na interpretação do desenho, principalmente no contexto de diagnóstico psicológico e psicoterapêutico. Quando submetido à aplicação de um instrumento projetivo de desenho, o indivíduo se depara com uma condição menos estruturada e, portanto, mais propícia à manifestação de aspectos de sua personalidade que não são acessados pela consciência, não quer ou não pode revelar, permitindo a emergência de aspectos mais profundos e inconscientes.

Conforme mencionado anteriormente, o termo projeção será conceituado a partir das contribuições de Anzieu (1976/1989), uma vez que o H-T-P é um teste¹ projetivo. Em 1939, Lawrence K. Frank, no *Journal of Psychology*, empregou pela primeira vez o termo Métodos Projetivos para explicar o aspecto comum entre três testes, que apresentavam uma forma diferente de abordagem da personalidade. Comparou o Teste de Associação de Palavras (Jung, 1904), o Teste das Manchas de Tinta (Rorschach, 1920) e o Teste de Apercepção Temática (TAT) de Murray (1935), constatando que eles apresentavam características comuns, que os diferenciavam dos outros testes da época, ou seja, eles realizavam uma abordagem global e dinâmica da personalidade, compreendida como uma estrutura em permanente evolução, cujos elementos se integram (Anzieu, 1976/1989).

Van Kolck (1981) estabelece, a partir da orientação francesa, uma classificação dos procedimentos de avaliação da personalidade em dois grandes grupos, partindo de abordagens teóricas distintas. São eles denominados de técnicas analíticas e técnicas sincréticas. As analíticas, baseadas em uma concepção analítica, ou seja, com foco nas partes de um todo, acentuam os aspectos quantitativo e estatístico, com uma visão nomotética. As sincréticas, fundadas em uma concepção globalista, enfatizam os aspectos qualitativo e psicológico, com uma visão idiográfica. Como já mencionado, as duas técnicas correspondem a duas abordagens diferentes da personalidade. As analíticas fazem uma abordagem quantificada e analítica, que

¹ Anzieu (1976/1989) utiliza o termo teste, mas não no sentido psicométrico, indicando que são técnicas que não possuem o rigor estatístico, mas que, em compensação, ganham sob o aspecto qualitativo.

trabalha com os traços da personalidade em divisões dicotômicas, permitindo determinar em que grau o indivíduo possui um traço em questão. Já as sincréticas fazem uma abordagem intuitiva e global da personalidade, que permite determinar um tipo, caracterizar uma pessoa, estabelecer uma síndrome.

As principais diferenças entre os dois grupos são apontadas por Van Kolck (1981): as técnicas analíticas focalizam, em um certo sentido, os aspectos mais periféricos e superficiais da personalidade, tais como atitudes, interesses, traços de personalidade, em sua expressão mais direta no comportamento individual. Na maioria das vezes, solicitam informações sobre aquilo que o indivíduo tem conhecimento, o procedimento é mais quantitativo e estatístico, pertencem ao grupo dos métodos experimentais e são baseadas na Teoria da Medida, com abordagem psicométrica. Abrange um conjunto mais variado de instrumentos, tais como questionários, inventários, escalas etc.

As técnicas sincréticas focalizam a personalidade em um plano mais profundo, em seus níveis mais centrais. Investigam aspectos dos quais o indivíduo não tem plena consciência e envolvem procedimentos mais qualitativos e descritivos, pertencem ao grupo dos métodos clínicos e abrange um conjunto mais homogêneo de instrumentos, tais como o das técnicas projetivas e expressivas.

Anzieu (1976/1989) relaciona, etimologicamente, o termo projeção às diferentes áreas das ciências. Ressaltou que, apesar de terem sentidos próprios, os termos se aplicam, precisamente, às técnicas projetivas. Na Física, o termo projeção tem sua origem no latim *projetare*, que significa jogar para fora, lançar adiante. Como exemplo, menciona o jato no lançamento de projéteis, cujo termo aplica-se a qualquer sólido pesado que se move no espaço, abandonado a si mesmo após haver recebido impulso. A relação estabelecida entre o sentido de projeção na Física e nas Técnicas Projetivas é de que estas favorecem a descarga, sobre o material apresentado, ou seja, a resposta dada ao teste projetivo (histórias, desenhos etc.), refere-se ao que o examinando não aceita ou reconhece como característica sua, ou como ponto vulnerável. Trata-se de colocar para fora algo que está dentro de si, lançar para o mundo exterior sua resposta.

No H-T-P, os desenhos podem funcionar como facilitadores para projeção de aspectos da personalidade, de maneira inconsciente e catártica, expulsando conteúdos inaceitáveis ou não reconhecidos como seus. Por exemplo, um indivíduo que apresenta características de agressividade, mas não as reconhece ou não as assume, mas que faz um desenho com diversos elementos referentes a traços agressivos (Machover, 1949/1974).

Na Matemática, também, existe o termo projeção, utilizado na Geometria Projetiva, ramo surgido no século XVII, para estudar as propriedades geométricas constantes de uma projeção. Especificamente, encontramos a Geometria Projetiva na Perspectiva, na Isometria e na Neurologia. Nessas três áreas, o que prepondera é a lei, na qual um ponto ou um conjunto de pontos, num determinado espaço, passa para outro espaço, sem que haja perda da configuração. Na Perspectiva, existe a correspondência entre pontos do espaço e pontos de uma reta ou superfície. Na Isometria, está implícita a noção de propriedade projetiva, ou seja, as propriedades de uma figura são conservadas em qualquer projeção plana da mesma figura. Na Neurologia, a correspondência se dá pela estrutura das áreas cerebrais.

Anzieu (1976/1989) considera ser o sentido proposto na Matemática que estabelece o rigor das técnicas projetivas. O autor partiu do pressuposto que o protocolo de respostas do teste (no caso, os desenhos no H-T-P) correspondem à estrutura da personalidade do examinando, em que as características fundamentais da primeira são conservadas na segunda. Portanto, os desenhos e as respostas dadas aos inquéritos correspondem a um deslocamento de características do indivíduo, ou seja, a ideia de que, se foi produzido pela pessoa, é reconhecido como inerente a ela. Muda o espaço, mas não são alteradas as características.

Finalmente em relação a Ótica, Anzieu (1976/1989) utilizou o termo projeção, aplicado ao Teatro de Sombras e ao Cinema. Partindo de um foco de luz, a projeção luminosa envia raios sobre uma superfície, revelando o que estava confuso ou obscuro. Para Anzieu, o foco de luz representa o teste, a película em negativo, a pessoa e, a tela revelada e ampliada representa a interpretação dada às respostas do indivíduo. Esse autor considera que o teste incide sob os pontos escuros, menos conscientes e menos aparentes do examinando, revelando-os e ampliando-os. O que estava escondido se ilumina, o latente se manifesta, o que estava no interior emerge à superfície e, o que estava estável e emaranhado é desvendado.

Nesse sentido, os desenhos representam aspectos da personalidade do indivíduo que estavam escondidos e inacessíveis, sendo que, a partir da interpretação, esses aspectos são ampliados e revelados, por meio da análise do material, obtida no contexto de avaliação psicológica e por um profissional preparado e com experiência.

Anzieu (1976/1989) estabeleceu uma relação de influência indireta entre as características dos testes projetivos, a saber a ambiguidade do material apresentado ao indivíduo e a liberdade de resposta a duas abordagens teóricas: a Psicologia da Forma (Gestalt), associada ao material ambíguo, e a Psicanálise, à liberdade de respostas.

Considerava, Anzieu, que a Psicologia da Forma analisa as figuras ambíguas e as ilusões geométricas, como representantes de um terreno fértil para a descoberta de formas perceptivas,

intelectuais e suas leis. A exploração dessas formas tem a intenção de pesquisar as condições externas da percepção. Já nas técnicas projetivas, a análise de um material ambíguo e a exploração livre das possibilidades de interpretação, oferecidas por esse material, constituem um modo seguro de abordagem dos aspectos da personalidade. A exploração das formas ambíguas, no caso das técnicas projetivas, tem a intenção de investigar as causas internas, que levam à determinada percepção. Por exemplo, uma pessoa que busca o desenho de uma casa, num banco de dados, encontra um grande número de imagens, no entanto, seleciona um desenho que a represente. Essa escolha não deve ser considerada aleatória, mas motivada por características de identificação com aspectos de sua personalidade.

Quanto à influência da Psicanálise, Anzieu (1976/1989) ressalta o foco, no processo particular de cada indivíduo, ao emitir suas respostas. Nas técnicas projetivas, existe uma instrução específica, mas o indivíduo tem liberdade para se manifestar, não existindo resposta certa ou errada. No desenho, a instrução é padronizada, sendo livre para fazer seu desenho, da forma que desejar.

Segundo Anzieu, Freud (1911-1913/2010, 1912-1914/2012) também tratou do termo projeção em dois momentos distintos e com funções e perspectivas diferentes. Em 1911, após ler o livro do Dr. Schreber, “Memória de um doente dos Nervos” (1903/2006), Freud formulou o primeiro conceito de projeção como mecanismo de defesa (1911-1913/2010) e, poucos anos mais tarde, reviu o conceito de projeção, declarando que a esta também ocorre, quando não há a presença de conflitos (Freud, 1912-1914/2012).

No início da Psicanálise, Freud, ao estudar as psiconeuroses de defesa e os sintomas associados a elas, considerava que o mecanismo de repressão do conflito e conversão explicava a histeria, que o deslocamento da culpa manifestava-se em sintomas obsessivos, que a negação da realidade, a partir de um sofrimento profundo, explicava as alucinações e, a projeção do ódio sobre o outro era um mecanismo típico de indivíduos humilhados. O autor usava a transferência e a resistência para tratar esses sintomas. (Freud, 1893-1895/2016).

Em 1896, no Rascunho K a Fliess, Freud usou pela primeira vez o termo projeção em caráter clínico, dizendo que, na paranoia, o reprimir-se a si mesmo é reprimido de uma maneira que se pode descrever como sendo uma projeção, suscitando um sintoma de defesa, o qual consiste na desconfiança em relação a outra pessoa.

Em 1911, Freud esclarece e aprofunda o conceito de Projeção, a partir da leitura da autobiografia do Dr. Schreber, um caso de paranoia que, para ele, explicava o desejo homossexual reprimido e projetado no outro. Formula, então, o conceito de projeção como mecanismo de defesa: "Uma percepção interna é reprimida e, substituindo-a, seu conteúdo,

após sofrer certa deformação, chega à consciência sob a forma de uma percepção vinda do exterior." (1911-1913/2010. pp. 88). Esse conceito inicial ocorre em três tempos, tal qual descrito por Freud:

- a) *"Eu (um homem) amo (ele, um homem)"*. O caráter homossexual desse amor torna-o intolerável à consciência.
- b) O sentimento de amor é então transformado em seu contrário: *"Eu não o amo, eu o odeio"*. A consciência do indivíduo, porém, não suporta mais experimentar um sentimento hostil.
- c) *"Eu o odeio"* torna-se *"Ele me odeia (ou me persegue), o que justifica o ódio que sinto por ele"*.

Em Totem e Tabu (1912-1914/2012), Freud declara que a projeção não ocorria exclusivamente com o propósito de defesa, mas que podia ocorrer também quando não há presença de conflito. Considera que a projeção das percepções internas influi sobre as percepções sensoriais, de modo que normalmente desempenham o papel principal na configuração do mundo exterior.

Portanto, na obra de Freud, temos o conceito de projeção ligado a duas funções diferentes: função defensiva (1911-1913/2010), que sempre ocorre inconscientemente, tem a finalidade de defender o ego dos impulsos e dos desejos e sempre reduz a tensão, atribuindo a outros impulsos, sentimentos e atitudes inconscientes, que não aceita em si mesmo; e função expressiva (1912-1914/2012), que não implica necessariamente processos inconscientes, tem por finalidade a exteriorização de dinâmicas internas, consistindo em uma conotação afetiva que o indivíduo atribui às situações do mundo externo, nem sempre reduz tensão e ocorre mais intensamente, quando as condições do ambiente são menos estruturadas ou objetivas.

Apesar de Freud não ter registrado em suas obras qualquer menção aos métodos projetivos, é, em seu conceito de projeção, enquanto função expressiva da personalidade, que se pode fundamentar as técnicas projetivas, ou seja, a ideia de que a projeção de características distintas de um indivíduo pode se exteriorizar, a partir da apresentação de um material ambíguo, com liberdade de tempo e de respostas (Anzieu, 1976/1989).

Por se tratar de uma técnica projetiva, o H-T-P apresenta, em seu material, características que permitem sua estruturação inconsciente, assim não existe certo ou errado nas respostas, o tempo é livre e as instruções são vagas. Essas características tornam a situação projetiva, em certa medida, vazia, que deve ser preenchida, recorrendo menos a suas aptidões e à inteligência e mais aos recursos afetivos e emocionais da personalidade. Tal situação tem

como efeito, no examinando, o surgimento de conflitos psicológicos, o desencadeamento de angústia e a regressão (Anzieu, 1976/1989).

No H-T-P e demais testes projetivos, tal situação de vazio é claramente observada no intervalo de tempo entre a apresentação do estímulo e o início da resposta. No manual do teste H-T-P, esse intervalo é denominado tempo de latência ou tempo de reação inicial (Buck, 1964/2003).

Anzieu (1976/1989) propôs que as características das técnicas projetivas têm como efeito gerar uma regressão psíquica, ao modelo da regressão descrita por Freud em “*A Interpretação dos Sonhos*” (1900/2020). Distingue, didaticamente, três níveis em que ocorre a regressão: no aspecto formal, que vai do pensamento racional e conceitual para o pensamento por meio de imagens ou pictórico, e à representação figurativa; no aspecto cronológico, regride da fase adulta à primeira infância, ou em se tratando de crianças, aos estágios anteriores do desenvolvimento pulsional e; no aspecto tópico, a regressão ocorre do ego ou superego ao id.

Em outras palavras, uma regressão dos processos secundários, regidos pelo princípio da realidade, para os processos primários, regidos pelo princípio do prazer. Uma analogia simples, mas que exemplifica essa regressão é pensar que o sonho sonhado e o sonho contado são diferentes. O primeiro atende ao princípio do prazer e o segundo ao da realidade. O mesmo ocorre, nas devidas proporções, no H-T-P, quando o indivíduo faz os desenhos e responde aos inquéritos.

Assim, pode-se observar que as técnicas projetivas buscam explorar respostas nos níveis mais profundos da personalidade, provocando uma diminuição do controle exercido pelo ego sobre o inconsciente. Focalizam o ego em sua parte consciente e pré-consciente, informando sobre os mecanismos de defesa, sua capacidade de suportar a angústia e os afetos desagradáveis, a forma e a intensidade destes e o grau de fortaleza ou de fragilidade do ego, frente às demandas da realidade (Anzieu, 1976/1989). Permitem, portanto, conhecer os afetos, as pulsões, as fantasias, os mecanismos de defesa e as fontes de angústia de um indivíduo, bem como fornecem dados sobre as formas de controle e de elaboração exercidas.

Ainda tratando do termo projeção, relacionado aos métodos projetivos, vale ressaltar que a projeção pode se dar de diferentes formas. Anzieu menciona que Ombredane, em 1952, distingue três tipos de projeção: a especular, que pode ser indicativa ou optativa, catártica e complementar.

A projeção especular é aquela em que o indivíduo encontra no outro características que pretende ter ou tem, ou seja, atribui características suas ao outro, pode ocorrer de modo indicativo, quando projeta o que é ou acredita ser de forma direta, como sua imagem refletida

no espelho, ou do modo optativo, em que projeta o que deseja ser ou gostaria de ser de forma indireta, invertida.

Na projeção catártica, o indivíduo desloca para o outro características que não deseja ter, o que não quer ser ou o que recusa ser. Nessa projeção, o indivíduo projeta aquilo que rejeita em si mesmo. Expulsa algo que não aceita em si, portanto, sem sintonia com seu ego (egodistônico).

Na projeção complementar, atribui aos outros características que justifiquem as suas, ou o que os outros são ou deveriam ser em relação a ele. O indivíduo nunca aparece como agente ou sujeito da ação, isenta-se de responsabilidade e coloca-se como vítima, como consequência.

4 HISTÓRICO DO H-T-P

Na história da humanidade, o desenho tem sido utilizado para expressar ações e sentimentos, tendo surgido muito antes dos símbolos para registrar a comunicação. No desenvolvimento de uma criança também pode-se observar a aquisição do desenho antes da escrita. Tanto o homem primitivo, quanto o contemporâneo, usam o desenho como um meio de expressão, para registrar suas experiências, emoções, sensações e percepção do mundo vivido ou imaginário (Hammer, 1978/1981).

O desenvolvimento do grafismo, por meio do desenho, é paralelo ao desenvolvimento mental e, por essa razão, o desenho inicialmente foi usado para avaliar o nível mental, de acordo com a proposta de Goodenough (1926) e, somente mais tarde, para avaliação da personalidade segundo a proposta de Machover (1949).

Em 1926, nos Estados Unidos, Florence Goodenough desenvolveu uma escala de avaliação da inteligência, a partir do desenho da Figura Humana. Em 1949, Karen Machover, com base nos estudos de Goodenough, observou que a figura humana, além de indicar o nível intelectual, era sensível também aos aspectos da área afetivo-emocional. Essa ideia levou Machover a desenvolver uma proposta de avaliação do Desenho da Figura Humana como técnica projetiva, com a finalidade de investigar os aspectos psicodinâmicos relacionados à imagem corporal e à autoestima. A autora solicitava ao indivíduo que desenhasse uma pessoa e depois fizesse a pessoa do sexo oposto ao desenhado anteriormente. Após cada produção, realizava-se um inquérito, com perguntas referentes às figuras desenhadas (Machover, 1949/1974).

O desenho da árvore como instrumento de investigação da personalidade foi usado inicialmente por Emil Jucker, que realizava orientação profissional, na Suíça, em 1928. Jucker considerava existir uma correspondência simbólica entre a árvore e o ser humano e que, por meio do desenho da árvore, seus orientandos poderiam expressar aspectos de sua problemática. Sua interpretação tinha bases puramente intuitivas (Kock, 1949/1978).

Em 1934, os trabalhos de Hurlock e Thomson abriram o caminho para uma investigação metódica dos desenhos de árvores. Esses autores estudaram a evolução da percepção infantil, solicitando às crianças pequenas (de quatro anos e meio a oito anos e meio), que representassem graficamente figuras conhecidas que pudessem recordar com facilidade: um homem, uma menina, uma casa, um cachorro, uma flor, um barco e uma árvore. Compilaram, assim, mais de 2.000 desenhos e, ao comparar, em cada nível de idade, a totalidade do desenho e suas partes

(ramos, folhas, presença ou ausência de frutos, entre outros). Os autores observaram que a riqueza de detalhes aumentava, à medida que a idade e o grau de inteligência eram maiores. Essa conclusão constituiu um dos fundamentos da escala de avaliação da inteligência, por meio do Desenho da Figura Humana de Florence Goodenough (Kock, 1949/1978; Alves, 1986).

Em 1947, na Suíça, Karl Kock (1949/1978) publicou o Teste da Árvore, para o qual estabeleceu normas de avaliação, a partir de um estudo estatístico e sistemático, propondo interpretações mais precisas do que as de Jucker. No Teste da Árvore, solicitava-se apenas um desenho. O material consistia em usar uma folha de papel branco para cada desenho, lápis e borracha, com a seguinte instrução: “Desenhe uma árvore frutífera, da melhor maneira possível”. Caso fosse necessário, poderia pedir outros desenhos de árvore, diferentes da primeira. Outra inspiração para Kock, além de Jucker, foi um explorador da África, chamado Henry M. Stanley (1890/2016) que formulou analogias entre a árvore e o ser humano. Segundo Hammer (1981), Kock, então, construiu um método, que estabelece a relação entre o fenômeno (desenho) e a realidade (árvore).

Na França, Renée Stora (1948/1980) propôs modificações nas instruções de Kock, solicitando quatro desenhos. A primeira solicitação era: “*Desenhe qualquer árvore, como lhe agrade, exceto um pinheiro*”. A exclusão do pinheiro era baseada na proposta do próprio Kock, que considerava o desenho do pinheiro um desenho estereotipado para a sociedade europeia. Acreditava também que pedir para que se desenhasse uma árvore frutífera seria sugerir uma produção que induzia à presença de frutos. Para Stora, a primeira árvore desenhada representava a reação do sujeito frente a uma situação desconhecida. A segunda solicitação era “*Desenhe uma árvore diferente da primeira*” que expressaria uma resposta a uma situação conhecida, revelando padrões de comportamento mais habituais. O terceiro desenho era “*uma árvore imaginária, uma árvore que não exista na realidade, a árvore dos seus sonhos*” (pp. 64-65). Ela partia do pressuposto de que esse desenho poderia revelar os desejos insatisfeitos na realidade e mostrava como operava o compromisso entre o desejo e a realidade. O último desenho solicitado era “*Desenhe, de olhos fechados, uma árvore*”, no qual o indivíduo deveria fechar seus olhos e desenhar uma árvore sem controle visual. Essa produção revelaria conflitos antigos e traumas da infância, que ainda interferiam na vida adulta.

Segundo Alves (1986) e Fromont (1980), a precursora na utilização do desenho da casa como instrumento de investigação foi Françoise Minkowska, que apresentou, em 1947, o Teste da Casa e o aplicou a um elevado número de crianças, refugiadas de diversas origens, que chegaram à França, depois da Segunda Guerra Mundial. A instrução dada era: “*Desenhe uma*

casa”, utilizando lápis coloridos. A interpretação era fundamentada exclusivamente na apreciação clínica.

Em 1946, o norte-americano John N. Buck, discípulo de Goodenough e psicólogo do “Lynchburg State Colony”, na Virgínia, apresentou um artigo intitulado “The HTP, a measure of adult intelligence and a projective device” (Buck, 1948). Dois anos mais tarde, o teste da Casa-Árvore-Pessoa (House-Tree-Person) foi publicado como manual, com a finalidade de compreender aspectos da personalidade do indivíduo, bem como sua interação com o ambiente e com as pessoas. Sua elaboração considerava que a casa, a árvore e a pessoa são itens familiares até para crianças pequenas, além de serem facilmente aceitos e estimularem verbalizações livres e francas (Buck, 1987). Aplicado inicialmente em adolescentes e adultos, solicitava três desenhos em folhas separadas, sendo que para o desenho da casa a folha era apresentada na posição horizontal e nos da árvore e da pessoa na posição vertical, contudo não se impedia que a posição da folha fosse alterada. A aplicação individual, sem limite de tempo, tinha como única exigência que o desenho fosse feito da melhor maneira possível (Van Kolk, 1981).

O próprio Buck (Buck & Hammer, 1969) retoma os marcos históricos e cronológicos na criação e desenvolvimento do H-T-P, trazendo um panorama geral sobre as produções realizadas no início da técnica. Ele fornece uma rica fundamentação do valor histórico e do interesse despertado nos profissionais e que será descrita a seguir.

No outono de 1937, na Lynchburg State Colony, Buck tentava convencer uma menina de 9 anos a responder algumas perguntas. Sem conseguir obter qualquer resposta verbal, Buck perguntou se ela estaria disposta a desenhar algo. Ela assentiu afirmativamente com a cabeça. Então recebeu papel e lápis e, imediatamente, produziu uma série de desenhos em que predominavam os símbolos sexuais. Enquanto a criança desenhava, Buck buscou fazer novamente alguma pergunta. Para o espanto dele, a criança respondeu com uma fluência que contrastava com seu silêncio anterior.

Nos meses seguintes, Buck utilizava esse recurso - que chamou de “liberação do lápis” - sempre que ele se deparava com um paciente em forte resistência. Logo constatou que os próprios desenhos do indivíduo forneciam informações psicodinâmicas, ainda mais úteis, do que as respostas do sujeito, enquanto desenhava.

No início do ano seguinte, Buck, sempre que possível, pedia ao indivíduo – independentemente da sua vontade, habilidade ou capacidade de verbalizar – para desenhar uma casa, uma árvore e uma pessoa. Como mencionado anteriormente, esses itens foram selecionados, pois eram os itens mais escolhidos espontaneamente; tinham uma boa aceitação

dos indivíduos, independente da idade, e pareciam estimular a verbalização (espontânea ou induzida) mais do que outros itens.

A abordagem utilizada anteriormente, de pedir que fizesse um desenho livre, foi abandonada, porque se descobriu que era altamente proveitoso comparar um dado desenho do indivíduo com desenhos dos mesmos itens que ele havia produzido em outros momentos de sua vida e também compará-los com os desenhos dos mesmos itens produzidos por outros indivíduos. Naquela época, a ênfase era colocada, em grande parte, nos aspectos quantitativos dos desenhos, e um sistema simples de pontuação foi construído.

No verão de 1939, era evidente para Buck que a análise qualitativa e a interpretação dos desenhos de Casa, Árvore e Pessoa poderiam fornecer uma riqueza de informações sobre a personalidade total do indivíduo. Foi então que criou um sistema de análise qualitativa em 10 categorias (Buck, 1948), a saber:

(1) Conceito: os desenhos são avaliados, a partir do ponto de vista do seu conteúdo, objetividade e consistência, além da ordem em que os detalhes são produzidos, dentro de um determinado todo.

(2) Detalhes: avaliados quanto à quantidade, relevância, ênfase e consistência.

(3) Proporção: considerada do ponto de vista da relação proporcional do todo desenhado com o espaço da folha, com um determinado detalhe do desenho e dos detalhes entre si, além da consistência.

(4) Perspectiva: avaliado quanto à relação de posição do todo desenhado com a folha de papel; o desenho na relação com o observador; um detalhe do desenho frente ao todo; e detalhe a detalhe dentro de um todo. Também avaliou a impressão de “vida” transmitida pelos desenhos; o uso de detalhes sexuais (reais ou simbólicos); e a conformidade dos desenhos com a realidade.

(5) Tempo: avaliados do ponto de vista do tempo utilizado para desenhar e a qualidade do desenho, tanto para um desenho específico, quanto para o conjunto total e períodos de latência.

(6) Comentários: considerações espontâneas ou emocionalmente induzidas; verbais ou escritas, são avaliadas quanto à quantidade, à relevância, ao alcance, à objetividade, à emocionalidade, ao ponto de ocorrência e à consistência.

(7) Qualidade da linha: avaliada quanto ao controle motor, força, tipo e consistência.

(8) Autocrítica: considerada do ponto de vista da consistência e do tipo.

(9) Atitude: avaliada perante toda a tarefa e em situações díspares.

(10) Movimento: avaliado quanto à quantidade, ao controle e à consistência. (Buck, 1948)

Em 1941, na Edição nº 12, do Vol. 2 do *Virginia Mental Hygiene Survey*, foi publicada a primeira descrição do Teste de Desenho JNB – como o H-T-P era então conhecido. O H-T-P, nesse momento, era utilizado como o teste nº 10 em uma escala de dez testes de inteligência (cinco itens verbais e cinco não verbais) que Buck tentava padronizar. Mais tarde, quando a Escala de Inteligência Wechsler foi apresentada, Buck abandonou sua escala de inteligência incipiente e começou a se concentrar em aperfeiçoar o H-T-P, como uma técnica projetiva.

Buck iniciou, em 1943, um estudo quantitativo de conjuntos de desenhos de Casa, Árvore e Pessoa, produzido por 140 adultos, cuidadosamente selecionados e razoavelmente bem ajustados, de sete níveis de inteligência predeterminados.

Um ano depois, Buck concluiu a padronização do sistema de pontuação quantitativa para indivíduos, a partir de quinze anos de idade. Foi então, a partir dessa data, e seguindo a sugestão feita pela Dra. Elizabeth Fehrer, do *Bryn Mawr College*, que Buck iniciou a primeira tentativa formal de fazer do H-T-P um procedimento de linguagem verbal, bem como gráfica.

Nesse mesmo ano, no Hospital da Universidade da Virgínia, com a cooperação do Dr. David Wilson, Chefe da Equipe Psiquiátrica, e da Sra. Dorota Rymarkiewiczowa, Psicóloga Chefe, Buck iniciou um estudo qualitativo do conjunto de desenhos da Casa, Árvore e Pessoa, produzidos por 150 adultos, que foram grosseiramente categorizados como desajustados, psicopatas, psicopatas neurótico, psicótico ou epilético.

Em 1945, o estudo qualitativo foi concluído e um sistema de análise e interpretação foi concebido. Ainda no Hospital da Universidade da Virgínia, o Sr. John T. Payne começou a guardar desenhos de giz de cera de Casa, Árvore e Pessoa, em uma tentativa de responder à pergunta: “*Que efeito a introdução da cor no H-T-P tem nas produções de um indivíduo?*”. O primeiro workshop já dado sobre o H-T-P foi conduzido por Buck em Charlottesville, Virgínia, nesse mesmo ano.

Em 1946, um sistema bastante elaborado de inquérito pós-desenho (PDI – *Post-Drawing Interrogation*) foi desenvolvido pelo autor para fornecer ao indivíduo uma ampla oportunidade de descrever, de definir e de interpretar seus desenhos de Casa, Árvore e Pessoa e seus respectivos simbolismos, bem como associações ligadas a eles.

Nesse mesmo ano, como já mencionado anteriormente, o H-T-P foi formalmente apresentado aos psicólogos em um artigo intitulado “*The HTP, a measure of adult intelligence and a projective device*” (Buck, 1948). Esse material foi mostrado também em uma reunião na *Psychology Section of the Virginia Academy of Science*, em Charlottesville, Virgínia e à

American Psychological Association (APA), em um encontro na Universidade da Pensilvânia, na Filadélfia.

Em 1947, um manual preliminar para uso com o H-T-P foi preparado e reproduzido para distribuição a psicólogos e a psiquiatras que solicitaram informações sobre a técnica.

Randolph Boring apresentou, em 1948, seu engenhoso e parcialmente estruturado H-T-P e, junto com o Dr. Robert Topper, começaram a usar uma variação estendida do H-T-P como um dispositivo de triagem de grupo no *Veterans Administration Hospital* em Tuscaloosa, Alabama (apud Buck & Hammer, 1969).

Ainda em 1947, um breve artigo de Buck, publicado na edição de abril do *Journal of Clinical Psychology*, descreveu o H-T-P e ilustrou seu uso em um único caso.

A primeira descrição do H-T-P em língua estrangeira foi publicada pelo Dr. Curt Bondy e Sra. Anne Sullivan, da Universidade de Hamburgo, Alemanha, na edição de julho, do *Die Sammlung*, fazendo um levantamento sobre testes psicológicos usados nos Estados Unidos.

Outra contribuição importante foi feita pelo Dr. Fred Brow, (1948, apud Buck & Hammer, 1969) que propôs acrescentar ao H-T-P, o desenho de uma Pessoa do sexo oposto ao desenho da Pessoa já realizado.

Verlin Spencer, na Penitenciária de San Quentin, na Califórnia, começou a trabalhar com sua extensão altamente imaginativa da fase cromática do H-T-P, buscando aquarela, bem como desenhos de giz de cera. Ele também começou a trabalhar com um tridimensional do H-T-P, usando massa de modelar como meio de expressão.

Em outubro, foi publicado o primeiro manual formal do uso da técnica, na edição N°5 do *Monograph Supplement*, do *Journal of Clinical Psychology*.

No início de 1949, tornou-se procedimento padrão realizar o H-T-P com desenhos cromáticos, bem como desenhos acromáticos. Isso expandiu muito o escopo da técnica. Não só dobrou a quantidade de material gráfico e produziu ainda mais material verbal, mas, mais importante, ainda, forneceu uma miniatura longitudinal de estudo sobre o indivíduo e uma série inestimável de verificações sobre a consistência interna do seu comportamento.

No mesmo ano, a fim de não tornar a aplicação completa do H-T-P da fase acromática e cromática, um PDI abreviado foi elaborado para uso na fase cromática, em que a falta de tempo impossibilitava a aplicação do PDI completo.

Em 1950, a *Veterans Administration*, muito gentilmente, registrou e reproduziu o material que Buck apresentou, em um workshop que ele havia coordenado no *Veterans Administration Hospital*, em Richmond, Virgínia.

Essa compilação, que ficou conhecida como *The Richmond Proceedings Material*, serviu como um Manual Suplementar. Ele continha uma discussão detalhada de princípios ou de postulados da teoria nos quais o H-T-P foi baseado, descreveu o procedimento padronizado de administração de desenhos acromáticos, PDI completo, desenhos cromáticos e PDI abreviado e, pela primeira vez, listou a pontuação qualitativa para os desenhos da Casa, da Árvore e da Pessoa, separadamente. Sendo que, durante esse ano, os PDIs e as pontuações foram revisadas.

No ano de 1951, as implicações qualitativas das pontuações e seus padrões foram identificados e relatados por Buck em um artigo intitulado “*The Quality of the Quantity*”, que apareceu na edição de outubro do *Journal of Clinical Psychology*. Essa “qualidade da quantidade” aumentou ainda mais o número de material diagnóstico e prognóstico derivável dos desenhos e forneceu verificações adicionais sobre a consistência interna do desempenho, sem haver gasto adicional de tempo.

No ano seguinte, o *Western Psychological Services (WPS)* publicou o Catálogo de Issac Jolles para a interpretação qualitativa do H-T-P. Além disso, Issac Jolles divulgou, no *Journal of Clinical Psychology*, os resultados de dois estudos sobre a validade de algumas hipóteses para a interpretação qualitativa do H-T-P para crianças, em idade escolar primária.

Ainda em 1952, a primeira descrição abrangente do H-T-P em uma língua estrangeira, diferente da apresentada em 1948, apareceu na *Revista de Psicología General y Aplicada* (Vol. 7, nº 2) de Madrid, Espanha, sob o título “*Una Descripción Breve de la Técnica C-A-P (Casa-Arbol-Persona)*”.

Uma ampla discussão do Dr. Emanuel F. Hammer, em 1953, sobre o papel do H-T-P na bateria de prognóstico avançou o uso da técnica para mais um passo importante, abordando temáticas sobre sexualidade e diferentes etnias, dentre outros temas.

Em 1954, o Dr. Hammer agrupou, pela primeira vez, vários sinais sugestivos do mesmo fator de personalidade no “*Guide for qualitative Research with the H-T-P*”, publicado pelo *Journal of General Psychology*. Esse guia foi, posteriormente, expandido e incorporado no “*Dr. Hammer's H-T-P Clinical Research Manual*”, que foi publicado pela *Western Psychological Services*.

Nesse mesmo ano, o Dr. Solomon Diamond publicou dois artigos no *Journal of Clinical Psychology*, descrevendo sua variação verbal do H-T-P, “*The House and Tree In Verbal Fantasy: I. Age and Sex Differences In Themes and Content*” e “*The House and Tree in Verbal Fantasy, II. Their Different Roles*”.

No ano de 1955, o Dr. Hammer e Sra. Selma Landisberg coordenaram um workshop de verão sobre o H-T-P em Nova York.

O Dr. Bernard C. Meyer, o Dr. Fred Brown e o Sr. Abraham Levine publicaram, na edição de novembro-dezembro da *Psychosomatic Medicine*, no artigo “*Observation on the House-Tree-Person Drawing Test Before and After Surgery*”, o primeiro relatório sobre a variação mais amplamente utilizada do H-T-P original, isto é, o H-T-P-P em que a Casa, a Árvore e a Pessoa são solicitados de maneira habitual e o indivíduo é, posteriormente, orientado a desenhar uma pessoa do sexo oposto ao que acabou de fazer espontaneamente.

Ainda em 1955, o Dr. Hammer publicou, no artigo *Comparison of the Performances of Negro Children and Adolescents on Two Tests of Intelligence, One an Emergency Scale*, do *Journal of Genetic Psychology*, o primeiro relatório sobre o uso do H-T-P com crianças e adolescentes negros.

Nessa mesma época, Isaac Jolles, preocupado com uma interpretação errônea a respeito da cor empregada para desenhar a pele da Pessoa, acrescentou um giz de cera de cor próxima ao tom da pele (Crayola #16), além das cores habituais, na fase cromática do H-T-P. Escreveu para Buck “... fiquei preocupado com a necessidade de uma cor de pele para o desenho da Pessoa para ter certeza de que, quando o amarelo for usado, significa hostilidade. O Crayola #16 não apenas forneceu um rosa (próximo à cor da pele), mas também introduziu um giz de cera branco. Desenhos usando o giz de cera branco foram, definitivamente, reveladores de atitudes antissociais” (1969, p.xii-xiii).

A partir de 1956, várias revisões e atualizações do H-T-P e do PDI foram feitas. Nesse mesmo ano, Isaac Jolles revisou o PDI dos desenhos de H-T-P feitos por crianças, sendo publicada pela WPS, que também publicou, em 1957, uma bibliografia atualizada do H-T-P, a qual listou publicações por título, autor e periódico ou livro, compilado por Dr. V. J. Bieliauskas.

Em 1958, o Dr. Hammer publicou no *Charles C. Thomas & Co*, um trabalho monumental, chamado “Aplicações Clínicas dos Desenhos Projetivos”, que foi apropriadamente intitulado de Bíblia do Desenho Projetivo. Nesse livro, que cobre todo o campo dos desenhos projetivos, o H-T-P ganhou um lugar de destaque e a fase cromática foi amplamente discutida pelo Dr. Hammer. Atualmente, esse livro é usado no mundo todo e foi traduzido em vários idiomas.

O Dr. Bieliauskas compilou uma extensa bibliografia do H-T-P, na qual, pela primeira vez, uma breve descrição e um comentário crítico foram dados para cada item listado, sendo publicado, em 1963, pela WPS, com o título “*The House-Tree-Person Research Review*”.

Em 1964, a WPS publicou a revisão de Jolles e a edição ampliada de seu “*Catalogue for the Qualitative Interpretation of the H-T-P*” e a edição revisada e ampliada de Buck, do antigo “*Richmond Proceeding Material*”, agora intitulado “*The House-Tree-Person Manual Supplement*”.

No ano seguinte, uma carta a Buck do Dr. B. Mohl-Hansen, Chefe do Departamento de Educação da Divisão Nacional de Lillemosegard, Dinamarca, indicou que um comitê havia sido estabelecido para ajudar o Sr. Borge Nielsen na tradução do H-T-P para o dinamarquês.

Em 19 de outubro, o Dr. Mieczyslaw Choynowski, Chefe do Laboratório Psicométrico da Academia Polonesa de Ciências, Varsóvia, Polônia, escreveu a Buck, dizendo que a validação objetiva do H-T-P havia sido realizada no Laboratório Psicométrico, sob sua direção.

Uma revisão expandida, atualizada, mais ilustrada e indexada do H-T-P, “*The House-Tree-Person Technique: Revised Manual*” foi também publicada pela WPS em 1966.

O livro “*The House-Tree-Person Technique: Variations and Applications*” foi compilado por Buck e pelo antigo colega, Emanuel F. Hammer, com a ajuda de diversos colaboradores ilustres. Nessa obra, os autores tinham a intenção de apresentar as principais variações do H-T-P e ilustrar o maior número possível dos variados usos para qual a técnica era empregada.

Em 1969, após 20 anos da primeira apresentação formal aos profissionais da área, Buck e Hammer publicaram, pela WPS, um trabalho de síntese do H-T-P, com as expansões e variações. Os autores pretendiam estimular a produção de mais trabalhos sobre o H-T-P, para refinar e aprimorar a técnica.

De fato, muitos pesquisadores, em diferentes lugares do mundo, lograram em estudar, aprofundar os estudos, ampliar o campo de uso da técnica e divulgar o H-T-P como um instrumento projetivo muito útil na avaliação da personalidade.

Atualmente, o H-T-P é composto por uma fase acromática e outra cromática, sempre seguidas dos inquéritos correspondentes. Os materiais usados são folhas brancas para cada produção gráfica, lápis preto nº 2, borracha, apontador, cronômetro e giz de cera (apenas para a fase cromática). Em diversos países da Europa, América do Norte e América do Sul, a aplicação do H-T-P é feita a partir de um protocolo de respostas. Trata-se do material original, elaborado por Buck e Hammer, em que uma folha de almaço apresenta os espaços específicos para o desenho da Casa, Árvore, Pessoa. No Brasil, utilizam-se apenas folhas de sulfite. A avaliação e a interpretação se baseiam nos aspectos adaptativos, expressivos e de conteúdo.

Segundo Van Kolck (1981), os aspectos adaptativos verificam a correspondência da produção gráfica com sexo, idade e nível sociocultural do indivíduo. Os aspectos expressivos

associam-se às qualidades gráficas do desenho, ou seja, a forma como o desenho foi feito. Os aspectos de conteúdo ou projetivos propriamente ditos (Hammer, 1978/1981) referem-se aos elementos característicos de cada desenho, ou seja, o que foi feito, a partir das instruções específicas.

Portanto, como visto anteriormente, quando o teste foi criado, Buck (1948) também propôs uma análise quantitativa, a partir da pontuação atribuída aos detalhes, para avaliação da inteligência. Verificou-se que, apesar de casas, de árvores e de pessoas poderem ser desenhadas em quase uma infinita variedade de modos, um sistema de avaliação quantitativa poderia ser proposto, para extrair informações úteis em relação ao nível intelectual do sujeito. Não muito tempo depois, foi constatado que informações mais valiosas, relativas aos aspectos não intelectuais da personalidade, poderiam ser inferidas, por meio de uma análise qualitativa dos desenhos.

Finalmente, tornou-se evidente que, com um cuidadoso inquérito após os desenhos, uma interpretação mais acurada das produções gráficas poderia ser feita e um material de análise adicional verbal poderia ser obtido. A análise qualitativa era feita com base nos detalhes interpretados, a partir da representação simbólica associada à estrutura e à dinâmica da personalidade. De acordo com Van Kolck (1981), o desenho da Casa era entendido como indicativo da maturidade psicosexual, o da Árvore como associado ao subconsciente e o da Pessoa, como indicador da personalidade do indivíduo, em seu relacionamento com os outros.

As três produções gráficas são consideradas como representações simbólicas do próprio indivíduo (Buck, 1987), sendo que o desenho da Casa, como lugar de moradia, desperta, também, associações referentes à vida familiar e às relações intrafamiliares, além de ser revelador da organização psíquica. O desenho da Árvore, como um ser vivo em um ambiente elementar, pode ser considerado um autorretrato inconsciente, despertando associações referentes às relações básicas e elementares que o indivíduo experimenta em seu meio. O desenho da Pessoa, como ser humano, desperta, de forma mais direta, associações específicas e gerais, referentes às relações interpessoais do indivíduo.

Tanto Machover (1949/1974), quanto Buck (1949/2003) consideravam que as figuras desenhadas pelo indivíduo não são apenas a projeção dele mesmo e de suas experiências, mas uma coleção de diferentes imagens e sentimentos acumulados, no curso de sua vida. O H-T-P é uma técnica elaborada para ajudar o psicólogo a obter informações relativas à sensibilidade, à maturidade, à flexibilidade, à eficiência, ao grau de integração da personalidade e à interação do indivíduo com o meio ambiente.

A primeira etapa da fase acromática é não verbal, envolve um processo criativo e pouco estruturado, cujo meio de expressão é relativamente simples: desenhar a mão livre e a lápis grafite preto, uma casa, uma árvore e uma pessoa. A segunda etapa é verbal, perceptiva e mais estruturada formalmente, pois nela é dada uma oportunidade ao sujeito de, por meio de um inquérito, descrever, definir e interpretar seus desenhos e seus respectivos ambientes e a fazer associações em relação a eles.

Na fase cromática, a primeira etapa envolve, novamente, os desenhos de uma casa, uma árvore e uma pessoa, porém com giz de cera, seguido, também, da fase de inquérito sobre suas produções.

Buck (1987) afirma que o H-T-P pode ser empregado com sucesso em avaliações individuais, para fornecer ao psicólogo dados significativos de diagnóstico e prognóstico relativos ao indivíduo, os quais, de outro modo, requereriam muito mais tempo para serem obtidos. Reaplicações do H-T-P, realizadas no decorrer do tratamento de um indivíduo, fornecem avaliações sobre as mudanças ocorridas durante a psicoterapia.

Segundo Buck (1987), o H-T-P pode ser usado em diversos contextos e de diferentes formas: na testagem coletiva como técnica isolada ou compondo uma bateria de testes para identificar desajustes, para avaliar a adaptação do indivíduo; antes de ingressar em uma escola ou em um treinamento especializado; para avaliar a integração de personalidade e o ajustamento em um emprego; como instrumento de pesquisa para identificar fatores de personalidade comuns a sujeitos, em um grupo.

O H-T-P tem como objetivos principais obter dados significativos a respeito da personalidade total do indivíduo e a interação dessa personalidade com o seu ambiente, específico e geral. Pode também contribuir para o diagnóstico diferencial, obtendo um quadro global da personalidade do indivíduo, além de avaliar seu progresso durante o tratamento. O uso do H-T-P para estabelecer *rapport*, selecionar indivíduos mais desajustados em um grupo e, follow-up na empresa, na escola e na clínica, são, também, objetivos indicados por Buck na edição revisada do Manual do H-T-P (1987).

Buck (1987) propôs 13 princípios ou postulados teóricos para o H-T-P, que não foram encontrados em outras referências bibliográficas, portanto, são apresentados conforme o referido autor, seguidos de comentários da pesquisadora, a partir de sua experiência:

1. O H-T-P é um dispositivo projetivo. As instruções são vagas e inespecíficas, apesar de o estímulo ser completamente familiar ao indivíduo. Como já tratado anteriormente, o H-T-P é considerado um teste projetivo e, portanto, caracteriza-se por instruções ambíguas e liberdade de tempo e de respostas. Ao ser solicitado a desenhar uma casa, uma árvore e uma

pessoa, o indivíduo, facilmente, remete-se a fases iniciais do seu desenvolvimento, sendo marcado pela aquisição do grafismo. É muito comum o indivíduo adulto, ao fazer o H-T-P, lembrar-se dos desenhos feitos na infância.

2. Ao fornecer um quadro geral da personalidade, o H-T-P também avalia a função cognitiva, tendo por base informações sobre os elementos dos detalhes específicos de cada desenho finalizado; o tamanho e a relação espacial dos detalhes (sua proporção, sua relação com o todo, a perspectiva etc.); formação de conceitos, evidenciada pela organização e qualidade do desenho completo e, também, pelos comentários espontâneos ou induzidos, feitos pelo sujeito; vocabulário empregado por ele para descrever e definir o que desenhou (medida geral da inteligência verbal).

Vários aspectos do H-T-P envolvem os processos cognitivos, tais como: linguagem, seja espontaneamente ou adquirida por meio dos inquéritos; percepção dos elementos desenhados; atenção tanto às instruções quanto à execução; memória dos conceitos adquiridos durante seu desenvolvimento e a transposição desses elementos mnêmicos para a realização do desenho. A função intelectual pode ser avaliada, no H-T-P, a partir de: detalhes, proporção, perspectiva, tamanho, relações espaciais, formação de conceito que é evidenciada pela organização e pela qualidade dos desenhos, entre outros.

3. Cada tema desenhado: a casa, a árvore, e a pessoa deve ser visto como um autorretrato. A ordem de aplicação deve ser a estabelecida pelo autor, permitindo que o indivíduo se projete, de uma maneira mais sutil no desenho da casa, para uma maneira mais evidente, no desenho da pessoa. A projeção tende a ser mais explícita no desenho da figura humana.

4. Cada desenho provoca associações conscientes, subconscientes e inconscientes. A casa parece trazer associações ligadas ao lar do examinando e aqueles que vivem com ele; a árvore traz associações relativas ao seu papel e sua habilidade em obter satisfações no seu ambiente em geral e o desenho da pessoa leva a associações ligadas às relações interpessoais, gerais e específicas. Em cada instância, o passado, o presente e o futuro podem estar envolvidos, seja de forma real ou imaginária.

5. Qualquer emoção manifestada pelo sujeito, enquanto desenha ou responde ao inquérito, representa uma reação emocional frente aos relacionamentos, situações, necessidades ou pressões. Essas reações estão direta ou simbolicamente representadas ou sugeridas, a partir dos desenhos.

6. Nenhum detalhe ou combinação de detalhes, no H-T-P, tem um significado único ou absoluto. O significado (ou significados) atribuídos por um indivíduo a esses detalhes, muitas

vezes é completamente diferente do significado simbólico usual e conhecido. O sentido que o sujeito dá ao seu desenho e aos seus detalhes é único e não deve ser menosprezado. Ele deve ter toda oportunidade para se expressar sobre isso, por meio do inquérito. Cabe ressaltar que do ponto de vista qualitativo, quanto menos comum forem essas representações atípicas, maior a possibilidade de verificar a presença de características que merecem atenção.

7. O sujeito pode indicar que um detalhe ou um conjunto deles, ou a maneira de apresentá-los, é de especial importância para ele, de várias formas. Dentre elas, pode-se destacar especialmente os sinais de importância positiva e negativa.

Um sinal que pode indicar importância positiva é a manifestação de emoções imediatamente antes, durante ou depois de desenhar um detalhe ou conjunto de detalhes, enquanto se comenta sobre eles. Também pode revelar um dado significativamente positivo, de uma outra maneira. Por exemplo, ao apresentar um detalhe ou um conjunto de detalhes, em uma sequência e desviar da ordem habitual, comum à maioria dos desenhos.

Quanto à ordem alterada, é fundamental que o examinador fique atento e registre essa alteração, enquanto o desenho está sendo produzido. O sujeito pode indicar a importância de um detalhe, ao mostrar uma preocupação fora do comum em relação a ele. Pode mostrar isso ao apagá-lo excessivamente, especialmente quando não é seguido por uma realização melhor. Cada um desses itens sugere pontos de atenção. Trata-se apenas de sinais, sendo necessário pesquisar mais dados, mas se for obtida uma quantidade suficiente de sinais, que apontem para uma mesma direção, provavelmente, pode indicar alguma dificuldade psicológica.

Existem alguns sinais que são definitivamente patológicos, por exemplo, a omissão da cabeça da pessoa, ou a omissão do telhado da casa, mas a maior parte dos sinais pode apenas indicar que há algo incomum para ser verificado. Podem também indicar dados significativos na apresentação de um detalhe ou um conjunto de detalhes, de uma maneira incomum. Outro dado significativo é a perseveração na apresentação de algum detalhe.

Quanto aos sinais negativos, o indivíduo pode desenhar um detalhe ou conjunto de detalhes incompletos, pode omitir um ou mais detalhes essenciais e pode comentar vagamente ou se recusar a comentar as suas produções.

8. A interpretação do H-T-P, tanto cromático como acromático, deve ser feita com muito cuidado, pois é necessário amplo conhecimento a respeito do examinando, seu ambiente presente e passado. Na prática clínica, o H-T-P nunca deve ser analisado às cegas.

9. A interpretação de um determinado item só pode ser feita, de modo correto, depois de ter sido relacionado à configuração total. É importante não supervalorizar dados isolados.

10. A reação do sujeito no uso de cores, na fase cromática, fornece indicações sobre a sua tolerância, seu controle e sua reação a estímulos que despertam emoções, principalmente quando se trata de uma fase em que o sujeito está particularmente vulnerável.

11. A comparação das análises quantitativa e qualitativa, dos conjuntos de desenhos acromáticos e cromáticos, dá uma ideia de estabilidade do nível de funcionamento da inteligência e constância de suas atitudes, emoções etc. Se uma pessoa é apenas levemente desajustada, a fase cromática do H-T-P será muito parecida com a fase acromática, tanto no aspecto qualitativo, como quantitativo. No entanto, se o sujeito apresentar dificuldades adaptativas, muitos detalhes da fase acromática serão mostrados e frequentemente exagerados na fase cromática.

12. Os desenhos do H-T-P acromáticos e cromáticos são altamente sensíveis e rapidamente refletem a presença de fatores psicopatológicos na personalidade dos indivíduos.

13. O H-T-P acromático e cromático pode ser considerado um estudo longitudinal em miniatura, pois exige que o sujeito faça as mesmas tarefas específicas e verbais, em dois tempos ou momentos diferentes: o psicológico e o cronológico. O primeiro parte da subjetividade do indivíduo e é verificado, a partir das emoções e dos sentimentos, durante a aplicação. O segundo é objetivo, temporal e mensurável.

5 VARIAÇÕES DO H-T-P

Conforme visto na evolução e desenvolvimento do H-T-P, o uso da técnica se expandiu por todo o mundo, estimulando pesquisadores e psicólogos a ampliarem o conhecimento, os recursos, o manejo e a criação de uma série de variações possíveis frente ao teste.

A seguir serão apresentadas algumas das variações, a partir de estudos mais recentes:

5.1 SYNTHETIC HOUSE-TREE-PERSON TECHNIQUE (S-H-T-P)

Mikami (1995), com base no H-T-P de Buck, propõe que o indivíduo faça o desenho de uma casa, uma árvore, uma pessoa e qualquer outra coisa que queira desenhar, em uma única folha de papel em branco. Informa, também, que não precisa de habilidade artística, mas que deve desenhar da melhor forma possível, inventando e não copiando ou usando qualquer recurso como, por exemplo, uma régua ou uma cópia.

5.2 KINETIC HOUSE-TREE-PERSON DRAWINGS (K-H-T-P)

Burns (1987) guardou, durante 20 anos, desenhos do H-T-P em que solicitava que a pessoa desenhasse a casa, a árvore e a pessoa na mesma folha em branco. A instrução dada é a seguinte: *"Desenhe uma casa, uma árvore e uma pessoa neste papel, com algum tipo de ação. Tente desenhar uma pessoa inteira, não uma caricatura ou uma pessoa de palito."* A folha de papel é apresentada na posição horizontal. Observou-se que os estilos e os símbolos empregados pelo indivíduo são muito diferentes dos vistos no H-T-P habitual. A essa técnica deu o nome de *Kinetic House-Tree-Person Drawings (K-H-T-P)*. Ao final do desenho, o indivíduo é estimulado a contar uma história sobre o que fez. Para Burns e Kaufman (1970) os métodos de análise empregados são semelhantes aos desenvolvidos por eles, no uso do *Kinetic-Family-Drawing (K-F-D)*.

Cattaneo (2020), em seu livro sobre o desenho no contexto de psicodiagnóstico, apresenta as técnicas gráficas mais utilizadas no campo clínico, descrevendo-as. Em relação ao H-T-P criado por Buck, ela traz sete variações, além do K-H-T-P. São elas as seguintes:

5.3 H-T-P ACROMÁTICO E CROMÁTICO COM INQUÉRITO (ASSOCIAÇÃO VERBAL INDIVIDUAL)

Versão criada a partir da original de Buck, em que são solicitados os três desenhos acromáticos, um em cada folha em branco, separadamente, e depois faz o inquérito de cada um deles. E, em seguida, os três desenhos cromáticos, com inquérito posterior, um para cada desenho, seguindo a proposta aprofundada por Hammer (1969). A versão cromática revela as necessidades básicas e os mecanismos de defesa, com maior eficácia, que os da fase acromática. O lápis grafite preto é substituído pelas cores.

5.4 H-T-P ACROMÁTICO E CROMÁTICO COM INQUÉRITO ÚNICO (ASSOCIAÇÃO VERBAL INTEGRADA)

Nessa variação, a diferença da proposta anterior é que, após os desenhos, o indivíduo deve contar uma única história que integre os três desenhos, tanto na fase acromática, quanto na cromática. Para Cattaneo, essa variação permite analisar a flexibilidade com que o indivíduo lida com a tarefa. São analisados aspectos relacionados à criatividade, a vínculos e à coerência da produção final.

5.5 H-T-P ACROMÁTICO COM ACRÉSCIMO DE UMA CASA OU ÁRVORE ALTERNATIVA

Num primeiro momento, são solicitados 4 desenhos acromáticos (H-H-T-P): casa, casa alternativa, árvore e pessoa em quatro folhas separadas e, em seguida, são pedidas quatro histórias, uma para cada desenho. Após a aplicação da fase acromática com o desenho da casa adicional e com a associação verbal, pedem-se mais quatro desenhos acromáticos (H-T-T-P), sendo o da casa, da árvore, de uma árvore alternativa e de uma pessoa, igualmente seguidos de quatro histórias. A instrução para o desenho alternativo ou adicional destaca a expectativa de mudança, solicitando o desenho, de forma diferente: "*Agora desenhe uma casa diferente (ou uma árvore diferente)*". Segundo a autora, o uso das imagens alternativas surgiu como um reteste, quando a produção anterior foi, aparentemente, muito pobre, atípica ou patológica. Considera que essa variação oferece ao indivíduo a oportunidade de enriquecer ou retificar o desenho inicial. Semelhanças e diferenças nos desenhos e nos inquéritos são analisadas, assim como o comportamento que o indivíduo apresenta diante da nova exigência de ter que fazer uma imagem diferente do mesmo conceito.

5.6 H-T-P ACROMÁTICO COMBINADO COM A FIGURA HUMANA DE MACHOVER (H-T-P-P)

Nessa variação, são solicitados quatro desenhos acromáticos: uma casa, uma árvore, uma pessoa e uma pessoa do sexo oposto ao desenhado anteriormente, cada um em uma folha de papel. Em seguida, pode solicitar as histórias separadamente ou pedir uma história única. Cada figura humana é interpretada isoladamente e as expressões psicodinâmicas do indivíduo são avaliadas.

5.7 H-T-P ACROMÁTICO COMBINADO COM O TESTE DAS DUAS PESSOAS (H-T-PP)

São solicitados três desenhos: casa e árvore em duas folhas separadas e duas pessoas em outra folha. Em seguida, são pedidas associações verbais da casa e da árvore, separadamente e uma história sobre as duas pessoas. Nessa versão, a consigna para o desenho das duas pessoas é dada da seguinte maneira: "*Desenhe duas pessoas quaisquer*", sem determinar os sexos. Após o desenho, pede-se para dar um nome a cada uma delas uma idade e, também, que escreva ou conte uma história com esses dois personagens e, ao final, dar um título para a história. (Bernstein, 1978)

5.8 H-T-P ACROMÁTICO OU CROMÁTICO, INTEGRADO (VARIAÇÃO DO S-H-T-P)

Solicita-se, em uma única folha, um desenho acromático ou cromático de casa, de árvore e de pessoa, seguido de uma história. Essa versão íntegra, como o próprio nome indica, os três desenhos no plano gráfico, dando-lhes uma certa paridade em seu valor de estímulo. Aqui é priorizada a história, mas além dos critérios interpretativos originais do teste, adiciona-se a análise da capacidade de planejamento, o tratamento gráfico dado a cada desenho, a observação de todo o processo e o resultado da produção. É possível fazer um inquérito posterior, enriquecendo a análise.

5.9 H-T-P ACROMÁTICO TRADICIONAL MAIS O H-T-P ACROMÁTICO OU CROMÁTICO, INTEGRADO (VARIAÇÃO DO S-H-T-P)

Aqui são apresentadas duas possibilidades: três desenhos acromáticos da casa, árvore e pessoa, uma em cada folha, seguidos de três inquéritos separados, mais um desenho acromático de casa, de árvore e de pessoa, em uma única folha, seguido de uma história. A outra

possibilidade é o mesmo procedimento anterior (H-T-P original), propondo mais um desenho cromático dos três desenhos em uma única folha, seguido também, de uma história.

6 ESTUDOS REALIZADOS COM O H-T-P

Para esta pesquisa, foi realizado um levantamento nas bases de dados sibi.usp.br, PsycINFO, PEP (*Psychoanalytic Eletronic Publisching*), Web of Science, Scopus, MEDLINE/PubMed, PePSIC, SciELO, CAPES, com o termo exato "*house tree person test*", "*house tree person drawing*", "*H-T-P*", excluindo a palavra "*hydroxytryptophan*" cuja abreviatura é a mesma e muitas vezes é confundida com o H-T-P. Foram encontrados 1679 resultados entre 1930 e 2022. Os dados foram cruzados e as referências repetidas foram eliminadas. Vale ressaltar que, a partir desse levantamento bibliográfico, identificou-se que os 10 países com mais produção de pesquisas sobre o H-T-P e suas variações, são: Estados Unidos da América, Reino Unido, Canadá, Austrália, Alemanha, China, Holanda, Itália, Japão e Brasil.

Foi considerada apenas literatura nos idiomas português, inglês e espanhol ou que apresentaram os artigos traduzidos para o idioma inglês. Os resumos foram lidos pela pesquisadora e, considerando que o foco central da presente pesquisa não é um levantamento bibliográfico, foram reservados para futuras pesquisas. Cabe ressaltar, que, nesse período de quase um século, houve poucas pesquisas sobre o H-T-P, principalmente, estudos de validade e de precisão.

Tendo em vista a amostra desta pesquisa, segue uma descrição de alguns trabalhos publicados no Brasil, organizados por área de especialidade do autor.

Até 2003 no Brasil, os psicólogos podiam contar com poucas obras que fundamentassem o estudo, o ensino e a interpretação do H-T-P. Traduções informais do manual de John Buck (1948, 1987) eram frequentemente usadas nos cursos de Psicologia para ensinar a técnica de aplicação e análise. O livro *Aplicações Clínicas dos Desenhos Projetivos*, de autoria de Emanuel F. Hammer (1981) é uma referência conceituada e bem fundamentada teoricamente, embora apresente dados da população norte americana. Atualmente no Brasil, encontramos para interpretação do H-T-P apenas o manual do H-T-P (Buck, 2003) e, como bibliografia complementar o livro de Hammer (1981) já mencionado. Os dois títulos são vendidos pela editora responsável, mas sem estudos atualizados de padronização, de validade e de precisão para a população brasileira.

A partir da Resolução nº 02/2003 (substituída pela nº 09/2018) do Conselho Federal de Psicologia, que define e regulamenta o uso, a elaboração e a comercialização de testes psicológicos no Brasil e da consequente criação do SATEPSI, grande parte dos testes utilizados nos processos de avaliação psicológica foram considerados desfavoráveis para uso. Todos os

testes projetivos para avaliação da personalidade estavam com seus estudos desatualizados para a população brasileira e, portanto, impedidos de serem usados por psicólogos. Em 2004 o H-T-P foi incluído na lista como único teste projetivo gráfico favorável para uso.

Na área clínica, podem ser encontradas algumas obras que tratam da aplicação e da interpretação de desenhos, de forma mais geral.

Anastasi & Urbina (2000) trazem informações importantes das bases teóricas sobre Avaliação Psicológica, mais especificamente da testagem, abordando a natureza e uso dos testes psicológicos, antecedentes históricos, princípios técnicos e metodológicos que envolvem a elaboração de um teste. Fornecem informações sobre diversos testes, dentre eles os que avaliam os processos cognitivos, destacando as técnicas projetivas nos testes de personalidade.

Arzeno (1995) explora, detalhadamente, o psicodiagnóstico desde os objetivos e as etapas do processo, o enquadre, as primeiras sessões para entrevista de anamnese, dedicando também espaço para abordar os testes projetivos gráficos.

Cohen, Swerdlik & Sturman (2014) e Hogan (2006) exploram a Avaliação Psicológica e a Testagem desde as considerações históricas, culturais e éticas, passando pelos critérios de confiabilidade e de validade de um teste, avaliação da inteligência e, especificamente, na avaliação da personalidade abordam os métodos projetivos, entre eles, o H-T-P.

Cox (2007), psicóloga, descreve a maneira como as crianças desenham, relacionando-os às etapas do desenvolvimento infantil. Enfatiza o desenho da figura humana e oferece contribuições sobre o uso diagnóstico dos desenhos infantis, propondo interpretações sobre objetos e cenas desenhadas. Aborda, também, a produção gráfica de crianças consideradas talentosas por suas habilidades artísticas, sendo elas do espectro do autismo ou não.

Cunha e Freitas (2000) apresentam detalhes sobre a técnica de aplicação e de interpretação do H-T-P, bem como indicam sinais para identificar diagnósticos de disfunção cerebral, traços psicóticos, depressivos e hipomaníacos.

Di Leo (1985) propõe que a interpretação clínica dos desenhos deve partir do todo e não da soma de suas partes. Procura minimizar a variável "subjetividade" na análise dos desenhos, alertando para que seja considerada uma pequena parte dos procedimentos de psicodiagnóstico e terapêuticos, portanto deve servir como auxílio no diagnóstico clínico. Para isso estabelece, a partir de exemplos de desenhos, uma lista de interpretação como sugestão de procedimento de análise, dividida em impressão global e análise de conteúdo. Aborda as influências da cognição e do afeto nas produções gráficas infantis, as características globais e específicas do desenho da figura humana, os efeitos da lateralidade e a relação entre o desenho da árvore e traços de

personalidade. Além disso, levanta alguns indicadores de desordens emocionais, refletidas nos desenhos.

Grassano (2004) desenvolve um trabalho de grande importância para levantamento de indicadores psicopatológicos, a partir de alguns instrumentos de avaliação psicológica: O Teste Desiderativo, o Teste de Relações Objetivas de H. Phillipson e dois testes gráficos, a saber, o Teste de Duas Pessoas de K. Machover e o H-T-P. Todos, exceto o H-T-P não estão favoráveis para uso, pelo SATEPSI. Partindo do estudo e da análise de casos de adultos, Grassano fez um levantamento de indicadores dos seguintes quadros psicopatológicos: Personalidade Esquizóide, Esquizoidia e Esquizofrenia; Personalidade Depressiva, Depressão Neurótica, Melancolia e Hipomania; Psicopatia e Traços Psicopáticos; Personalidade Obsessiva e Neurose Obsessiva; Personalidade Fóbica e Histeria de Angústia; Personalidade Demonstrativa e Histeria de Conversão. No apêndice, apresentam indicadores psicopatológicos em crianças, a partir da análise do CAT.

Greig (2004), psiquiatra e psicoterapeuta de formação analítica, de forma exemplar, compara a evolução do desenho infantil com a história da arte. Propõe algumas reflexões sobre o desenho infantil. A primeira delas é sobre o que ele chama de "nascimento da linguagem plástica" (p.13) com escassos estudos em crianças de idade entre 2 e 5 ou 6 anos. Uma outra questão focaliza a "idade de ouro" do desenho da criança, buscando relacionar suas produções com a arte e o símbolo. Enfatiza a presença esparsa de rebatimentos e de transparências nos desenhos de crianças da 1ª e 2ª infâncias. A terceira questão envolve os desenhos dos adolescentes, apontando os conflitos presentes nessa etapa do desenvolvimento e a última questão repassa a evolução do grafismo até os 8 anos de idade.

Klepsch & Logie (1984) focalizam o desenho da figura humana, desde a primeira publicação da arte infantil em 1887, pelo crítico de arte Conrado Ricci. Retomam o histórico do desenho de pessoas realizado por crianças desde Goodenough (1926). Descrevem também quatro usos projetivos dos desenhos: na avaliação da personalidade, das relações interpessoais, de valores grupais e atitudes. O H-T-P é discutido como instrumento de avaliação da personalidade, com ênfase no catálogo de interpretação elaborado por Jolles em 1971. Enfatizam que Jolles elaborou o catálogo dos desenhos do H-T-P, mas que os critérios devem ser considerados dentro do contexto da avaliação, juntamente com dados de anamnese. Todo o trabalho dos autores é ilustrado com exemplos de desenhos infantis.

Silva (1981) discute o emprego do termo projeção em um ensaio teórico. Utiliza três testes projetivos, propondo um guia de interpretação: o Rorschach, o TAT e o H-T-P. Apresenta e discute alguns casos ilustrativos, a partir de 3 perspectivas diferentes, oferecendo ao leitor a

oportunidade de explorar o material projetivo, focando para o conteúdo daquilo que é interpretado, para o "porquê" e o "para que" dessa interpretação, assim encontrando o "como" se deve interpretar.

Silva (2002), a partir da abordagem histórico-cultural, analisa os desenhos de crianças de 3 a 5 anos de idade e privilegia o processo de produção gráfica, especialmente nas condições sociais, configurando o desenho como uma atividade socialmente construída e mediada pela fala. Mostra como o ato de desenhar colabora para a aprendizagem nos diferentes níveis do desenvolvimento afetivo, social, motor e cognitivo.

Silva & Belmonte-de-Abreu (2016) destacam que a psicopatologia deve ser compreendida, a partir da intensidade e da frequência de aparecimentos dos sintomas, associados aos processos cognitivos. Dessa forma, opõe-se à visão idealista de que saúde e doença têm limites claros e bem definidos.

Descrevem as psicoses no sentido amplo, englobando quadros clínicos, desde o espectro até os transtornos psicóticos; abordam algumas especificidades no psicodiagnóstico desses pacientes psicóticos, tais como a importância da observação clínica para identificar sintomas, formas de manejar pacientes e seus familiares; apresentam alguns instrumentos no psicodiagnóstico desses pacientes, desde a entrevista de triagem, passando pelas baterias cognitivas, inventários, questionários e testes projetivos de personalidade, especificamente, o H-T-P; valorizam o H-T-P para avaliação desses pacientes, pois é sensível ao funcionamento inconsciente, atinge indivíduos de diferentes níveis de escolaridade e expressão verbal.

Widlöcher (1971/1965), psiquiatra e psicanalista, é uma referência clássica na análise de desenhos infantis. Apresenta a evolução do desenho infantil desde o começo da expressão gráfica, passando pelas garatujas, até o realismo intelectual e visual. Explora o desenho na avaliação da personalidade em seu valor expressivo, projetivo e narrativo. O valor expressivo envolve o "gesto gráfico" (p.105) ou seja, a maneira como a criança usa o espaço em branco da folha, as escolhas das formas e das cores, que exprimem seu estado emocional. O valor projetivo é encontrado no estudo geral da produção gráfica, evidenciando a visão infantil do mundo. Já o valor narrativo se relaciona às informações verbais que a criança manifesta sobre sua imaginação, sobre seus gostos, suas preocupações e seus interesses. Traz o H-T-P como um instrumento projetivo muito valioso para a avaliação da personalidade.

Na área da Educação e Artes também existem referências traduzidas e livros nacionais, que associam desenhos ao processo de desenvolvimento do grafismo e da criatividade, com foco na Educação.

Azenha (1997) relaciona as teorias psicogenéticas de Ferreiro e Luria na alfabetização de crianças, aos seus desenhos, com uma função que antecede a escrita e a leitura, implicando as representações pictóricas.

Bédard (2010), pedagoga canadense, desenvolve um trabalho sobre a interpretação de desenhos infantis, sugerindo uma ferramenta de análise e de compreensão das produções gráficas de crianças, para ser usada por pais e educadores. Aborda o desenvolvimento do grafismo infantil, a compreensão simbólica dos traços e das formas, bem como a interpretação de cores e alguns simbolismos associados ao conteúdo do desenho.

Derdyk (2010), artista e educadora, reflete sobre a linguagem gráfica da criança, a partir das vivências delas. Para isso, utiliza obras de alguns artistas renomados, relacionando ao desenho de uma criança, aproximando as produções dos mestres do passado com a linguagem gráfica do mundo contemporâneo.

Lowenfeld (1977), pedagogo, reúne respostas dadas aos pais sobre as atividades artísticas de seus filhos. Seu estudo serve como um guia de orientação às pessoas que trabalham com crianças, abordando as questões relacionadas ao sentido e à compreensão da arte infantil, à produção e à estimulação do processo criativo. Expõe o que esperar na produção artística dos vários estágios do desenvolvimento da criança.

Lowenfeld & Brittain (1970) estimulam a espontaneidade da criança e do adolescente em sua capacidade criadora e buscam fazer dela uma ferramenta para enriquecimento no processo de autorrealização, incentivando o ajustamento social e promovendo o equilíbrio e o amadurecimento psicológicos. Elaboram propostas para o ensino de pedagogos e de profissionais que trabalham com crianças e adolescentes, com a finalidade de estimular e aperfeiçoar a capacidade artística e criadora, desenvolvendo a maturidade emocional e intelectual.

Mèredieu (2006), Filósofa, escritora e especialista em arte moderna e contemporânea, busca explorar o universo gráfico infantil, com especial atenção aos métodos utilizados na análise do grafismo que costumam reduzir essas produções em comparação com a dos adultos. Retoma o histórico das produções infantis em uma época em que as crianças eram negligenciadas, passando pelo momento em que o desenho, por meio de Sophie Morgunstern, em 1926, o introduziu no tratamento psicanalítico de uma criança de 9 anos com mutismo. Aborda o desenho infantil como uma linguagem gráfica específica dentro do desenvolvimento da criança, como conquista de um espaço vivido, relacionando as 3 fases distinguidas por Piaget em relação à produção do espaço e que correspondem aos estágios propostos por Luquet (1927). Enfatiza que o uso do desenho infantil, sob a ótica da Psicologia é foco da maioria das pesquisas

e de trabalhos desenvolvidos, valorizando as muitas contribuições, mas criticando as posições reducionistas envolvidas nas interpretações. Considera, apropriadamente, que essas produções gráficas devem ser analisadas dentro de todo o contexto em que foram feitas, além do histórico de experiências vividas.

Perondi, Tronca & Tronca (2001) elaboraram uma das poucas obras produzidas por brasileiros. Um pedagogo, uma filósofa e uma professora de Artes Plásticas expõem um referencial teórico aprofundado sobre a relação entre escrita e desenho na infância. Relacionam o desenvolvimento do grafismo infantil e o processo de alfabetização. Ao final do trabalho, prepararam um guia, a partir de uma pesquisa que realizaram no sul do país, contando com 296 desenhos analisados, criaram uma relação de 31 signos, nos quais verificaram a correlação significativa entre o processo de alfabetização e o desenvolvimento gráfico-plástico da criança.

Pillar (2012) problematiza a interação entre desenho e escrita, como duas linguagens gráficas para expressar o mundo, de forma singular. Esses dois processos ocorrem concomitantemente e implicam interações entre as construções dos sistemas, de forma significativa, quando se apresentam mais evoluídas no desenho do que na escrita, concluindo que a aquisição do desenho é anterior ao da escrita.

Rabello, arte terapeuta, propõe reflexões sobre a produção de desenhos de crianças até 6 anos de idade, considerando-os fundamentais para facilitar a comunicação de suas emoções e sentimentos (2014). Posteriormente, elabora uma pesquisa sobre os simbolismos observados nos desenhos de idosos (2015).

Muitas pesquisas têm sido desenvolvidas com testes psicológicos, de forma sistemática nos últimos anos (Freitas & Noronha, 2005), mas poucos são os estudos com os testes projetivos e, mais especificamente, com o Teste H-T-P.

Em estudo feito com professores de cursos de graduação em Psicologia, para verificar quais as principais técnicas ensinadas, o H-T-P apareceu com frequência de 61,3% no grupo dos testes projetivos. Quanto às técnicas consideradas essenciais para a formação, o H-T-P ocorreu em 43,5% das respostas mais citadas, para compor o conteúdo básico ou mínimo para uma boa formação profissional (Alves, Alchieri & Marques, 2002).

Andrade (2013) desenvolveu um estudo com o objetivo de analisar a vivência de uma criança que perdeu um irmão e como essa perda repercutiu no seu desenvolvimento emocional, relacionado ao luto dos pais. Aplicou nos pais de três famílias, o Procedimento Desenho de Família com Estórias (DF-E) e, nos filhos, o H-T-P e o Teste das Fábulas, avaliando os psicodinamismos e a estrutura familiar. A análise dos resultados mostrou que as crianças foram influenciadas pelos pais, de acordo com o modo como eles elaboraram o próprio luto. O luto

pela morte do irmão despertou sentimentos de rivalidade fraterna e os pais apresentaram dificuldades para suprir as necessidades e as demandas dos filhos, o que dificultou a elaboração do luto, além de inibir a criatividade e a espontaneidade.

Na pesquisa realizada por Xavier, Pereira, Pupo e Silva (2015), para identificar as principais características psicológicas em quatro mulheres, com diagnóstico de recidiva do câncer, foi aplicado o H-T-P, tendo sido destacada, a partir da análise do teste, a prevalência de aspectos da personalidade que afetam o funcionamento psicológico e o enfrentamento do adoecer e do tratamento.

Silva e Avelar (2014) aplicaram o Teste do Desenho da Família e o Desenho da Casa, para investigar as representações de lar e de família de sete crianças moradoras de rua, de ambos os sexos, entre 10 e 14 anos de idade. Concluíram que a vulnerabilidade, causada pelas condições econômicas e afetivas, é fundamental para a compreensão de fatores determinantes da construção das representações de modelo de família, que, para essas crianças, não se referem ao modelo nuclear. Destacaram, ainda, que a aplicação dos referidos testes promoveu mobilização, ambivalência afetiva diante das representações de lar e da família, além de fragilidade afetiva. Sendo estes, fatores revividos na experiência de morador de rua.

O H-T-P também foi aplicado por Santos (2014) em 460 crianças entre 4 e 10 anos de idade, para identificar características psicológicas em crianças com bruxismo. Após a seleção, realizada por meio de entrevista e exame clínico ortodôntico, 68 crianças (15%) da amostra inicial foram diagnosticadas com bruxismo, sendo 38 do sexo masculino e 30 do sexo feminino, com 43% entre 4 e 6 anos de idade. A análise do H-T-P constatou que 58% das crianças com bruxismo apresentavam traços de insegurança, retraimento e inadequação, no período inicial, e 73% os mesmos traços após 18 meses.

Outra pesquisa, que utilizou o H-T-P, foi realizada por Vergueiro, Wahba, Conforto, Masini e Fuso (2013) para investigar os resultados de intervenção com uma técnica expressiva com material plástico em afásicos de expressão, causado por Acidente Vascular Cerebral Isquêmico (AVCI), no hemisfério esquerdo. O H-T-P foi aplicado antes e depois da intervenção e mostrou mudanças na personalidade observadas no processo de atendimento. Os resultados revelaram que os sujeitos apresentaram fortalecimento pessoal, proximidade com a realidade e enriquecimento no contato consigo mesmo e com o mundo externo. Os pesquisadores concluíram que os instrumentos de avaliação utilizados, assim como o H-T-P, mostraram o valor terapêutico da técnica utilizada.

Franco (2012) realizou estudo de caso de um dependente de heroína, internado durante 6 meses em casa de recuperação, na França, com o objetivo de discutir sobre a expressão de

seu mundo interno. Na avaliação psicológica realizada com esse paciente, foram aplicados os testes Zulliger, Pirâmides Coloridas de Pfister e H-T-P. As aplicações ocorreram em dois momentos distintos: no início e término de sua internação. Os dados obtidos com esses testes projetivos mostraram a coerência com sua realidade interna, caracterizada pelo intenso sofrimento no início do tratamento e sua reorganização psíquica próximo à alta, indicando bom prognóstico. A conclusão destacou a eficácia do uso dos testes projetivos para conhecer as dificuldades do paciente, para o tratamento da dependência química.

Silva, Silva, Monteiro e Branco (2011) investigaram os prejuízos psicológicos em crianças que sofreram hospitalização em função de um câncer. Utilizando o H-T-P, inicialmente, avaliaram a produção de 23 crianças, entre 5 e 12 anos de idade de ambos os sexos, sendo que apenas 10 concluíram o processo. Constatou-se a presença de inúmeros prejuízos causados pela hospitalização, destacando-se prejuízos nas defesas psíquicas e distúrbios psicossomáticos. Além disso, o H-T-P mostrou que determinadas condições do desenvolvimento da criança foram bloqueadas, em decorrência da hospitalização prolongada, além da internalização de vivências negativas, que prejudicam a elaboração de conteúdos emocionais positivos.

Ainda com crianças hospitalizadas com câncer, o H-T-P foi empregado para analisar os benefícios psicológicos da intervenção ludoterapêutica como cuidado paliativo. O H-T-P foi aplicado antes de iniciar o processo de intervenção e no final deste. Constatou-se, a partir da avaliação do H-T-P, que a ludoterapia apresenta benefícios significativos no cuidado paliativo de crianças hospitalizadas com câncer, permitindo a melhora das defesas psíquicas (Silva, Silva, Nascimento & Santos, 2010).

No campo das doenças crônicas, o H-T-P se mostrou eficiente para avaliar aspectos psicológicos de pacientes diabéticos, candidatos ao transplante de ilhotas pancreáticas. Ao pesquisar a respeito de aspectos psicológicos, na compreensão e na adesão ao tratamento, Pereira, Menegatti, Percegon, Aita e Riel (2007) avaliaram 13 candidatos, utilizando a entrevista psicodiagnóstica e o H-T-P, para avaliar a estabilidade de humor, apoio familiar, julgamento da realidade e adesão ao tratamento e estratégias de enfrentamento. Foi constatado que três candidatos foram contraindicados, por apresentarem transtorno de humor, baixo repertório de enfrentamento, baixa tolerância à frustração e dificuldades de adesão, além de transtornos psiquiátricos em dois deles, os quais foram encaminhados para tratamento especializado. Assim, a pesquisa mostrou a importância desses instrumentos para avaliação de indicação para transplante, permitindo identificar psicopatologia potencial ou presente, variáveis psicossociais, que podem contribuir com o transplante e a minimização dos riscos e

insucessos do tratamento, além de destacar a importância do serviço de Psicologia como rotina de avaliação pré-transplantes, influenciando na adesão, na adaptação e no prognóstico do tratamento.

Pereira (2011) investigou aspectos das manifestações clínicas e de organização da personalidade em duas pacientes adultas do sexo feminino, com diagnóstico psicodinâmico de Transtorno Dissociativo e Transtorno de Personalidade Histriônica, aplicando os testes projetivos H-T-P, Rorschach e Pirâmides Coloridas de Pfister. O H-T-P permitiu identificar dificuldades na organização de identidade, com presença de traços de ansiedade, imaturidade e conflito em relação à sexualidade. Constatou que a paciente com Transtorno Dissociativo apresentava maior controle das fantasias, caracterizando melhor a estruturação da personalidade em relação à paciente com personalidade histriônica. A pesquisa concluiu que a avaliação psicodiagnóstica, por meio de técnicas projetivas, permitiu identificar características da organização de personalidade dos dois transtornos e dos mecanismos de defesa, esclarecendo as sobreposições e contribuindo para a avaliação e tratamento.

Silva e Villemor-Amaral (2006) pesquisaram a validade concorrente entre as categorias de indicadores de autoestima dos testes projetivos CAT-A e H-T-P, que foram correlacionados com um instrumento de autorrelato e com a Escala Multidimensional de Auto-Estima (EMAE – Forma A). Foram avaliadas 32 crianças, de ambos os sexos, entre 7 e 10 anos de idade, cursando entre a 2ª e a 4ª séries do ensino fundamental. A análise dos dados indicou precisão e correlação entre os dados obtidos nos instrumentos. Destacaram que o H-T-P mostrou que a maioria dos sujeitos apresentava autoestima elevada (87,5%, N=28), enquanto a minoria (12,5%, N=4), autoestima rebaixada, confirmando a coerência com os resultados observados nos outros instrumentos e concordância de outros avaliadores, que pontuaram os indicadores de autoestima elevada (78,1%, N=25) e autoestima rebaixada (15,6%, N=5), sendo menor a discordância entre os juízes (6,3%, N=2). Assim foi obtida uma correlação positiva e moderada entre o CAT-A e o H-T-P ($r = 0,575$), indicando que os dois testes possuem grau de confiança satisfatório, para avaliar indicadores de autoestima em crianças desta faixa etária, de ambos os sexos.

Jacob, Loureiro, Marturano, Linhares e Machado (1999) estudaram a relação entre os aspectos afetivos e o desempenho acadêmico de 50 crianças, entre 8 e 12 anos de idade, de ambos os sexos, com nível intelectual médio. A utilização dos testes projetivos H-T-P e Pirâmides Coloridas de Pfister permitiram observar que o baixo rendimento escolar pode estar relacionado a sentimentos de fracasso e autoestima depreciativa, com produções empobrecidas e primitivas, sugerindo comprometimento cognitivo, em função das dificuldades afetivas, além

de dificuldades para a construção da identidade, sentimentos de inferioridade e menos valia e dificuldade na introjeção dos elementos humanos, que dificultam o desenvolvimento afetivo, associado à insegurança, à dificuldade no contato interpessoal, à dissociação e ao negativismo. O grupo de crianças sem atraso escolar apresentou melhor utilização dos recursos intelectuais e afetivos. Observaram capacidade elaborativa adequada, com recursos intelectuais e produção compatível com a idade e recursos cognitivos, permitindo a formação da identidade e do desenvolvimento cognitivo e afetivo mais satisfatórios.

Farah, Cardoso e Villemor-Amaral (2014) empregaram o H-T-P como critério para investigar a validade do Teste das Pirâmides Coloridas de Pfister em crianças, bem como verificar a precisão entre os avaliadores. Os testes foram aplicados em 200 crianças, entre 6 e 10 anos de idade, de ambos os sexos, cursando escolas públicas e privadas do Estado de São Paulo. Ocorreu 88% de concordância entre os avaliadores, sugerindo pouca possibilidade de erro e não foram encontradas diferenças significativas na comparação do aspecto formal cor do H-T-P, já que esse teste avalia mais os aspectos emocionais.

Borsa (2010) teceu considerações bastante pertinentes sobre o uso do H-T-P no Brasil, destacando a escassez de estudos sobre o referido teste. Concluiu que grande parte da literatura está desatualizada e existem poucas pesquisas atuais nas bases de dados, sugerindo que mais estudos devam ser feitos com a população brasileira, a fim de melhorar a qualidade das propriedades psicométricas do H-T-P, principalmente quanto à sua validade e fidedignidade.

Dos artigos, teses e dissertações mais recentes realizados no Brasil, entre 2019 e 2022, verifica-se um predomínio de pesquisas que utilizam o H-T-P como instrumento para avaliação psicológica. Sendo que foram encontrados 9 trabalhos na área jurídica, 5 na área hospitalar ou da saúde e 2 na área de formação do psicólogo. Foi encontrado apenas 1 artigo sobre as propriedades psicométricas do H-T-P. Abaixo, segue uma breve descrição sobre estas pesquisas.

Rocco (2019), Freitas & Santos (2020), Borges (2020), Cardoso; Silva; Campos; Ciraulo & Gaudêncio (2020) e Silva (2021) produziram material na área da psicologia jurídica, principalmente relacionado ao tema abuso sexual, seja vítima ou agressor.

Rocco (2019) utilizou o H-T-P, entre outros instrumentos de avaliação da personalidade e dos processos cognitivos, para investigar as condições emocionais e psicodinâmicas de mulheres da mesma família, que foram vítimas de violência sexual. O método empregado foi uma pesquisa clínico-qualitativa, com a utilização de técnicas projetivas de Avaliação Psicológica. Participaram do estudo a mãe, a avó e duas meninas, todas vítimas de abuso. A conclusão do estudo identificou que as envolvidas buscam estabelecer encontro afetivo, a fim

de suprir necessidades de dependência que não foram vivenciadas. Além disso, fica clara a repetição da violência entre as gerações, marcando a importância de um manejo específico dos psicólogos para atendimento de casos semelhantes.

Um outro estudo clínico-qualitativo de análise de caso múltiplo, foi elaborado por Silva (2021), que buscou compreender as implicações biopsicossociais da violência testemunhal entre familiares, a partir do H-T-P. O teste foi aplicado em duas crianças, de 9 e 10 anos de idade e se mostrou eficiente e sensível para identificar os aspectos psicodinâmicos das crianças que vivenciaram a experiência de violência intrafamiliar. Para a pesquisadora, o teste H-T-P facilitou a participação e a colaboração dos participantes, sendo atraente e estimulante para eles.

Em revisão da literatura científica nacional, autores (Cardoso, Silva, Campos, Ciraulo & Gaudêncio, 2020) pesquisaram a situação da Avaliação Psicológica, no contexto forense, com foco nos agressores sexuais. Verificaram que, dentre os testes projetivos mais usados, o Rorschach e o H-T-P são aqueles que permitem acessar aspectos da psicodinâmica dos agressores. Consideram que os testes projetivos gráficos, na avaliação desses agressores, devem ser usados com cautela, pois não há dados suficientes para embasar sua aplicação.

Ainda na área jurídica, Borges (2020) utilizou o H-T-P, entre outros instrumentos, para levantar indicadores emocionais de 7 adolescentes, vítimas de abuso sexual, sendo eles com idade entre 13 e 16 anos, 5 moças e 2 rapazes. Os principais indicadores encontrados foram sinais de: medo, insegurança, introversão, inadequação, ansiedade, preocupações sexuais, dependência, sentimentos de inferioridade, dificuldade de organização e tendências agressivas. O objetivo da pesquisa foi investigar as condições emocionais, compreender a experiência subjetiva, analisar competências sociais e possíveis problemas comportamentais e compreender o desenvolvimento da identidade desses adolescentes. Concluiu o autor que o instrumento utilizado pode auxiliar na compreensão das condições emocionais de adolescentes, vítimas de abuso sexual.

Freitas & Santos (2020), com objetivo de elaborar um organograma para as práticas avaliativas realizadas nas varas de infância e de juventude, verificaram que os principais instrumentos indicados nos processos de Avaliação Psicológica de crianças são: Escalas Wechsler de Inteligência para Crianças, desenho livre, desenhos de família, H-T-P, DFH e ETPC. No levantamento que fizeram, o H-T-P foi o teste mais usado em casos de adoção e de suspeita de abuso sexual.

Em relação aos processos de disputa de guarda, Magnus & Medeiros Lago (2020) pesquisaram como são realizados esses processos na região Sul do Brasil. Participaram do estudo 28 psicólogos e os resultados encontrados indicaram que os instrumentos mais usados

são o H-T-P, o Inventário de Estilos Parentais, o CAT-A e o SARP, além de entrevistas. O H-T-P foi o mais usado na avaliação dos genitores (48,3%), junto com o IEP (48,3%) e, também, o mais usado na avaliação dos filhos (65,5%), seguido pelo IEP (34,5%) e pelo CAT-A (31%).

Zavala, Elmor & Lourenço (2021) fizeram uma revisão sistemática da literatura, para levantamento de estudos sobre instrumentos mais usados, para auxiliar na identificação da alienação parental, na prática de profissionais que atuam no sistema judiciário brasileiro, nas perícias psicológicas. Encontraram 14 artigos e concluíram que a maioria dos profissionais optou pelo uso dos testes projetivos, destacando-se o H-T-P e o Rorschach.

Ainda na área jurídica, Schütz, Hausen, Costa, Paulachi & Irigaray (2022) buscaram caracterizar as perícias psicológicas usadas em processos de disputa de guarda, em varas de família, entre os anos 2008 e 2017. Esse estudo foi documental e retrospectivo. As observações lúdicas e o H-T-P foram os instrumentos mais usados com crianças. Houve maior frequência do H-T-P como teste psicológico, para avaliar aspectos da personalidade e sinais psicopatológicos. Os autores salientam que no Brasil a maioria dos testes e dos instrumentos psicológicos não foi desenvolvido para o uso específico no contexto jurídico, portanto, sugerem que os resultados sejam adaptados para finalidade judicial.

Na área da saúde foram encontrados 4 artigos e 1 dissertação. Cardoso, Alberton, Fernandes & Castro (2019) buscaram compreender a percepção de pacientes oncológicos infantojuvenis e familiares, sobre o papel do psicólogo no atendimento a esses pacientes. Participaram desse estudo 3 pessoas com câncer, em idade entre 8 e 14 anos e 6 familiares. Foi feito um uso adaptado do H-T-P, cuja aplicação tinha por finalidade investigar essa percepção. Concluíram, a partir da análise dos desenhos, que os participantes da pesquisa atribuem um significado positivo ao acompanhamento psicológico, valorizando os atendimentos durante o tratamento, aumentando a qualidade de vida e a capacidade de enfrentamento.

Em um estudo de caso realizado, por Macedo Neto, Granado & Salles (2020), a partir do processo de psicodiagnóstico interventivo, para compreender as atitudes de um paciente, ao receber o diagnóstico de câncer de próstata, o H-T-P foi usado como um dos instrumentos para investigar 3 categorias temáticas: a descoberta do diagnóstico, a vivência do diagnóstico no momento dos atendimentos e a compreensão dos aspectos latentes vinculados às atitudes diante do diagnóstico. Concluíram que o diagnóstico interventivo permitiu compreender o funcionamento intrapsíquico do paciente, identificando como principais mecanismos de defesa a repressão, o isolamento e a racionalização.

O teste H-T-P foi também utilizado para avaliar as condições psíquicas de mães, durante o processo de aleitamento materno exclusivo, principalmente, frente à interrupção precoce. A

partir da análise do teste, Almeida (2020) levanta, em seu estudo, que essas mães puérperas apresentaram uma condição psíquica regredida de dependência emocional e imaturidade.

Brasil, Ferreira, Neves, Santos & Silva (2021) apresentam um caso clínico de avaliação neuropsicológica, cujo diagnóstico era Síndrome de Prader Willi. Tratava-se de um menino de 9 anos de idade. Dentre os procedimentos e os instrumentos utilizados na avaliação, o H-T-P indicou sentimentos de inadequação, insegurança e inferioridade frente à relação com o mundo externo. Os pesquisadores identificaram, também, características encontradas no H-T-P que correspondiam aos aspectos emocionais característicos da Síndrome, tais como prejuízo na autoimagem e autoestima, associados à estereotipia, labilidade emocional e imaturidade nas relações sociais.

Uliana & Cunha (2020) utilizaram o H-T-P e o Teste do Desenho de Wartegg (WZT), antes e depois de 7 sessões de Intervenção Assistida por Animais (IAA), em 4 adultos com deficiência intelectual, com a presença de um cão coterapeuta da raça Golden Retriever de 7 anos de idade. O resultado dos dois instrumentos foi comparado e indicaram expansão da personalidade e redução da ansiedade, após as intervenções, com aumento de verbalização e o cão como forte instrumento motivador.

Na área da formação profissional do psicólogo, Salgado (2021) avalia os planos de ensino das disciplinas teóricas obrigatórias. A amostra de seu estudo envolveu Universidades Públicas e Privadas no Estado de São Paulo, com análise do Projeto Pedagógico e dos planos de ensino. O H-T-P aparece no grupo dos testes expressivos e/ou projetivos de personalidade junto com o Teste das Pirâmides Coloridas, Palográfico, TAT e o Rorschach.

Dias-Viana & da Costa (2021) investigaram aspectos relacionados à formação específica em Avaliação Psicológica. Focaram no contexto de atuação nos principais instrumentos utilizados e nas etapas dentro desse processo. Participaram 41 psicólogos do Estado do Ceará entre 22 e 59 anos. Os resultados obtidos indicaram que 70,73% dos profissionais não têm especialização em AP, os contextos de atuação foram em psicologia clínica (29,27%) e psicologia da saúde/hospitalar (24,38%). Os recursos mais utilizados foram entrevistas (51,22%), H-T-P (34,15%) e Palográfico (31,71%), entre outros. Muitos psicólogos associam AP exclusivamente à aplicação de teste e a maioria não realiza todas as etapas do processo de avaliação. Pelo estudo, concluiu-se que existem evidências claras de problemas quanto à formação inadequada desses profissionais, com falhas metodológicas no exercício profissional.

O único estudo mais recente encontrado, especificamente sobre as propriedades do Teste H-T-P, é o de Dias-Viana (2020). A partir de uma revisão sistemática da literatura e com

o objetivo de identificar e de analisar pesquisas feitas com o H-T-P no Brasil entre os anos de 1999 e 2018, o autor buscou reunir estudos sobre a qualidade psicométrica do teste. Dos 14 estudos selecionados, a maioria foi escrita por autores inseridos em instituições paulistas que tinham como principal objetivo, avaliar aspectos emocionais de populações clínicas. Concluiu que há necessidade evidente de construir parâmetros psicométricos para o H-T-P no Brasil, principalmente pela escassez de estudos.

Tardivo (2019), pesquisadora atuante na área da Avaliação Psicológica e de Testes Psicológicos, tem publicado pesquisas e desenvolvido estudos no Brasil, em larga escala, sobre o H-T-P. Tem trabalhado, junto a sua equipe, para promover mais estudos sobre os alcances do teste, a fim de atualizar a técnica e o Manual usado no Brasil (Buck, 2003), com estudos de fidedignidade e de validade, com uma amostra abrangente.

Frente às pesquisas e aos trabalhos encontrados, fica evidente que o uso do H-T-P, para levantamento de características emocionais e psicodinâmicas, em estudos de casos clínicos, é mais frequente. É notória a importância do H-T-P no contexto da Avaliação Psicológica, no entanto, é premente o investimento de pesquisadores em realizar investigações que estudem não só as propriedades psicométricas do teste, como proposto por Dias-Viana (2020), Borsa (2010) e Tardivo (2019), mas também sua aplicação nos diversos contextos de atuação do profissional psicólogo.

7 MÉTODO

7.1 PARTICIPANTES

Para realização do presente estudo, a amostra foi composta por 117 pessoas adultas, de ambos os sexos, com idade entre 18 e 60 anos, nascidos e residentes no Estado de São Paulo, com nível de escolaridade superior completo ou incompleto, que concordaram em participar voluntariamente da pesquisa, após assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A).

Adotou-se como critério de exclusão dos participantes indivíduos que estivessem com idade abaixo ou acima da faixa de 18 anos a 60 anos e 11 meses, que morassem fora do Estado de São Paulo há mais de 10 anos, que tivessem nascido em outro Estado ou país e lá ficando até um período anterior a 10 anos e que apresentassem diagnóstico de psicopatologia nos últimos 5 anos.

7.2 INSTRUMENTOS

Para a coleta de dados, foram utilizados os seguintes instrumentos:

1. Questionário de levantamento socioeconômico com perguntas sobre idade, sexo, escolaridade, condições gerais de vida, tais como local de nascimento, com quem mora, constituição familiar, estado civil, atuação profissional etc. (APÊNDICE B)

2. A Técnica projetiva do desenho da Casa-Árvore-Pessoa (Buck, 2003), em sua aplicação completa, ou seja: quatro fases, divididas em dois momentos: acromático e cromático. A primeira fase é não-verbal e não estruturada, consistindo em fazer os desenhos de uma casa, de uma árvore e de uma pessoa, cada um em uma folha de papel sulfite branco. Foi solicitado um desenho adicional de outra pessoa do sexo oposto ao desenhado anteriormente. Os desenhos foram feitos com lápis preto grafite nº 2 e com a possibilidade do uso da borracha. A segunda fase é verbal e compreende o inquérito posterior aos desenhos. Nessa fase, há uma série de perguntas sugeridas pelo autor (Buck, 2003) que provocam associações do examinando sobre os desenhos realizados. A terceira e quarta fases fazem parte do segundo momento, em que são solicitados novamente os três desenhos, utilizando somente giz de cera. Solicita-se que os desenhos sejam feitos da melhor forma possível, mesmo que não tenha habilidade artística,

pode-se fazer uso da borracha o quanto quiser e com tempo livre². A duração da aplicação compreende, aproximadamente, uma hora e 30 minutos, incluindo todas as fases. Todos os dados foram rigorosamente registrados pelo examinador, tais como tempo de latência, sequência do desenho, comentários do indivíduo durante o teste, pausas, expressões não-verbais significativas, uso da borracha e tempo total para execução de cada desenho e tempo de duração da aplicação.

3. Roteiro de aplicação do H-T-P. Elaborado pela pesquisadora, a partir da compilação dos dados do manual (Buck, 2003), para nortear e padronizar as instruções de aplicação e de registro das produções gráficas e respostas dos inqueritos. Foi utilizado como um material de apoio para as anotações (APÊNDICE C).

Apesar de constar no manual a instrução de solicitar ao indivíduo, caso não seja desenhado espontaneamente, uma linha de solo, sol e, no desenho da casa, planta-baixa, nesta pesquisa essas instruções foram omitidas, porque se considera que pedir esse complemento no desenho seria indução de produção, além de demandar mais tempo para a aplicação, o que poderia tornar cansativo. A prática da pesquisadora, em tantos anos de uso clínico e de ensino do H-T-P, demonstrou que as produções feitas a partir das referidas instruções não acrescentou informações adicionais às interpretações.

7.3 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS

Após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP para o desenvolvimento desta pesquisa (CAAE nº 79540317.3.0000.5561), foram feitos os contatos informais com os participantes adultos em espaços públicos, locais de trabalho, escolas, clubes, instituições religiosas e por indicação de pessoas para apresentação da pesquisa. Posteriormente, foi apresentada a proposta da pesquisa, solicitando a participação voluntária. Frente à disponibilidade, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi lido, para posterior agendamento e assinatura (APÊNDICE A).

As aplicações ocorreram em um único encontro, com duração máxima de duas horas e, nos poucos casos em que houve indisponibilidade do participante, por falta de tempo, cansaço ou mobilidade emocional, um segundo encontro foi marcado com intervalo de, no máximo,

² No manual, não existe qualquer justificativa para dar a mesma instrução da fase acromática de disponibilizar a borracha, mesmo sabendo que o giz de cera não pode ser apagado. No presente estudo, a pesquisadora manteve as instruções para verificar dados de realidade em relação ao uso da borracha na fase cromática.

uma semana. Os horários foram agendados em conformidade com dias previamente disponibilizados pela pessoa participante e pela pesquisadora.

Todas as aplicações foram individuais e ocorreram no consultório particular da pesquisadora, na residência dos participantes, em sala cedida pelo Serviço-Escola da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e nos locais de maior disponibilidade dos participantes. Em todos esses ambientes, as condições adequadas para a aplicação foram observadas: mesa com superfície lisa e cor neutra, cadeira confortável, ambiente silencioso, bem ventilado, com boa iluminação e privacidade, para evitar interrupções. Foi orientado pela pesquisadora, que os equipamentos eletrônicos, principalmente o celular, fossem desligados.

No encontro para a aplicação, cada participante foi convidado a sentar-se confortavelmente, deixar seus pertences em uma mesa de apoio, desligar o celular, fazer uso do *toilette* caso necessitasse, a fim de evitar interrupções. Após o *rapport*, foram entregues duas cópias do TCLE, para que o participante lesse e, estando de acordo, assinasse. Inicialmente, o Questionário de Levantamento Socioeconômico (APÊNDICE B) foi aplicado com o objetivo de obter informações gerais sobre as configurações familiares e condições sociais e econômicas. Além disso, foram introduzidas algumas perguntas para identificação de sinais psicopatológicos (uso de medicação psiquiátrica, acompanhamento psiquiátrico, internações psiquiátricas). Caso o indivíduo apresentasse esses sinais, a aplicação era realizada, porém o material era descartado da amostra.

Após essa etapa, cada participante realizou o H-T-P em suas quatro fases: desenho acromático da casa, da árvore, da pessoa e da pessoa do sexo oposto, desenhado anteriormente, seguidos dos respectivos inquéritos e desenho cromático da casa, da árvore e da pessoa, seguidos dos respectivos inquéritos.

No projeto da presente pesquisa, foi cogitada a possibilidade de, se houvesse disponibilidade pessoal e de tempo, pedir também um Desenho de Família e um Desenho Livre, a fim de obter mais produções gráficas expressivas de cada participante. No entanto, na prática, em função do tempo de duração total da aplicação, essa ideia foi descartada.

Como mencionado anteriormente, foi utilizado um roteiro de aplicação do H-T-P (APÊNDICE C).

Esta pesquisa contou com o auxílio de 1 psicólogo com prática na aplicação e na análise do referido teste e que auxiliou na coleta e na análise dos dados, sempre sob a supervisão da pesquisadora.

7.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O estudo foi realizado de acordo com as normas éticas estipuladas para pesquisas, que envolvem seres humanos, pela Resolução CNS nº 466/12, do Ministério da Saúde e os preceitos determinados pelo Código de Ética do Psicólogo. O TCLE foi lido e, posteriormente, assinado em duas vias, diante da concordância do colaborador para participar da pesquisa. Vale salientar que todos tiveram a opção de aceitar ou recusar e, apesar do direito de interromper sua participação a qualquer momento, nenhum dos participantes o fez.

A colaboração dos participantes envolveu riscos mínimos e suas identidades foram mantidas em sigilo. Entretanto, em casos de desconforto com os procedimentos deste estudo, a pesquisadora responsável e a auxiliar tomaram as providências necessárias e pertinentes a cada caso em particular, como atendimento imediato, sem ônus de qualquer espécie. Foram orientados, que quaisquer despesas decorrentes da participação na pesquisa, tais como transporte e alimentação seriam ressarcidas ao participante.

Os participantes que tiveram interesse puderam ter acesso à interpretação dos resultados do teste, por meio de breve entrevista. Vale ressaltar que não se tratou de uma avaliação psicológica, mas sim de um estudo sobre o instrumento H-T-P, portanto a análise do teste implicou levantamento de hipóteses sobre eventuais características de personalidade dos participantes.

As informações coletadas foram analisadas em conjunto com a de outros participantes e foi garantido o sigilo, a privacidade e a confidencialidade dos dados obtidos, sendo resguardado o nome dos participantes (apenas a Pesquisadora Responsável e o auxiliar tiveram acesso a essa informação), bem como a identificação do local da coleta de dados. Os dados em conjunto poderão ser divulgados em eventos e em publicações científicas, omitindo a identidade dos participantes.

7.5 CRITÉRIOS DE ANÁLISE UTILIZADOS NO H-T-P

A fim de definir, de forma mais precisa e objetiva, e evitar dúvidas interpretativas, foi elaborada pela pesquisadora uma lista de critérios para facilitar e para esclarecer os itens de análise, considerando as referências de Buck (1987/2003), Hammer (1969/1981), Jolles (1964/2004), Kock (1947/1978), Machover (1949/1974), Alves (1986), e Van Kolck (1981, 1984).

A lista envolve os Aspectos Gerais, os Processos Adaptativo, Expressivo e de Conteúdo, bem como o uso das cores na fase cromática. Exceto a lateralidade e o tempo total de duração da aplicação, todos os demais itens foram avaliados em cada desenho.

7.5.1 Aspectos Gerais:

- Lateralidade: destra ou sinistra
- Tempo Total da aplicação (TT): Considerando, que o teste foi aplicado em suas 4 fases, pode levar entre 30 e 90 minutos.
 - ⇒ Menor ou igual a 29 minutos
 - ⇒ Entre 30 e 90 minutos
 - ⇒ Acima de 91 minutos
- Duração do TT da aplicação em minutos e segundos
- Comentários espontâneos: Qualquer comentário verbal, expresso espontaneamente, durante a execução dos desenhos.
 - ⇒ Ausência (manteve-se em silêncio durante toda a execução dos desenhos)
 - ⇒ Presença (expressou, verbalmente, impressões, comentários pessoais ou outras verbalizações gerais)
 - ⇒ Excesso (comentários irrelevantes, bizarros ou persistentes durante grande parte da execução da fase gráfica)
- Atitude: disposição global para enfrentar a tarefa de realizar o teste
 - ⇒ Indiferença, derrotismo e abandono, até a rejeição aberta
 - ⇒ Aceitação esperada (fazer a tarefa, mas com algumas perguntas, dúvidas e comentários durante a aplicação)
 - ⇒ Aceitação total ou hiperegotismo (tendência a monopolizar a atenção e considerar a si mesmo como melhor e mais importante)
- Capacidade crítica: Comportamentos indicativos de autocrítica, tais como abandono de um objeto não completado, recomeçando o desenho em outro lugar da página, sem apagar o desenho abandonado; apagar sem tentar redesenhar; apagar e redesenhar.
 - ⇒ Ausência (displicência ao realizar o desenho, sem corrigir ou apagar)
 - ⇒ Presença (uso adequado da borracha)
 - ⇒ Exagerada (apagar e redesenhar persistentemente um ou mais elementos do desenho)

- Rasuras: borrões, manchas e amassados provocados pela tentativa de apagar.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Poucas rasuras (uma ou duas em cada desenho)
 - ⇒ Excesso de rasuras (mais do que três)
- Pausas: Qualquer pausa após iniciar o desenho, durante o tempo das produções gráficas. Até 5 segundos pode ser considerado como esperado.
 - ⇒ Menor ou igual a 5 segundos
 - ⇒ Maior do que 5 segundos
- Emoções: Qualquer tipo de expressão de emoção mostrada durante a aplicação do teste; sinais de ansiedade (suor, balançar os pés, marejar os olhos, chorar, etc.)
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Tempo de Reação Inicial (TRI): Tempo gasto entre o término das instruções e o início do desenho. Comentários espontâneos são incluídos no TRI.
 - ⇒ Menor ou igual a 30 segundos
 - ⇒ Superior a 30 segundos
- Duração do TRI em segundos
- Tempo Total por desenho (TTD): Tempo gasto entre o término das instruções e o final do desenho.
 - ⇒ Inferior ou igual a 9 minutos
 - ⇒ Entre 10 e 12 minutos
 - ⇒ Acima de 13 minutos
 - ⇒ Duração do TTD em minutos e segundos

7.5.2 Processo Adaptativo: correspondência entre o que foi solicitado nas instruções e o desenho, utilização adequada do material oferecido para a execução e o resultado da produção gráfica. Considerado no desenho da Casa, da Árvore e das duas pessoas na Fase Acromática.

- Idade: levando em conta a idade cronológica do participante e a escolarização.
 - ⇒ Compatível
 - ⇒ Avançado (habilidade artística com riqueza de detalhes)
 - ⇒ Atrasado (desenho infantilizado)
- Adaptação ao tema: desenho em conformidade com as instruções dadas.

- ⇒ Sim
- ⇒ Não
- Realização
 - ⇒ Convencional (produção compatível com o tema proposto)
 - ⇒ Original (produção compatível com o tema proposto, mas com elementos criativos)
 - ⇒ Fantasiosa (produção, que se afasta do tema proposto, com distorções evidentes)
- Especificação da realização, quando for original ou fantasiada, feito a partir da observação do pesquisador sobre o desenho ou por meio do inquérito.

7.5.3 Processo Expressivo: envolve a qualidade gráfica, a expressão motora, o estilo e a organização do desenho, considerado nos desenhos da casa, da árvore e das duas pessoas.

- Posição da folha: apresentação da folha na posição vertical ou horizontal, dependendo do desenho solicitado. Verificado, a partir do desenho finalizado. Na casa, o desenho é oferecido pelo aplicador na posição horizontal e nos outros na posição vertical.
 - ⇒ Sem rotação (fez o desenho na mesma posição apresentada pelo aplicador)
 - ⇒ Com rotação (inverteu a posição apresentada pelo aplicador)
- Tamanho: Considerado o tamanho do desenho em relação às dimensões do papel.
 - ⇒ Muito Pequeno (1/64 e 1/28 da folha)
 - ⇒ Pequeno (1/16, 1/32 da folha)
 - ⇒ Médio (1/3, 1/4, 1/6 e 1/8 da folha)
 - ⇒ Grande (2/3 ou metade da folha)
 - ⇒ Muito Grande (folha toda ou quase toda)
 - ⇒ Grande ou muito grande, ultrapassando as margens da folha
- Pressão: força ou pressão no lápis com que o traçado foi feito.
 - ⇒ Fraca (fina e leve)
 - ⇒ Média (equivalente ao lápis nº 2)
 - ⇒ Forte ou grossa (aparência de negrito)
- Tipo de traçado: tipo de linha resultante da pressão usada.
 - ⇒ Curto e interrompido (fragmentado, aquele que se caracteriza por pequenos espaços entre os traçados)

- ⇒ Longo e contínuo (firme, sem interrupções bruscas; tira pouco o lápis do papel)
- ⇒ Avanço e recuo (repetido, hesitante; semelhante a um esboço)
- ⇒ Reforçado (mais de um traço repetido, deixando sulco no papel)
- ⇒ Trêmulo (pequenas oscilações/ondulações produzidas por tremores nas mãos)
- Detalhes: elementos que compõem o desenho
 - ⇒ Ausência (menos do que os elementos essenciais esperados para o desenho)
 - ⇒ Essenciais (no desenho da casa, a presença de parede, telhado, porta, janela, chaminé; na árvore, a presença de tronco, com ou sem a presença de copa e pelo menos um galho; na pessoa, a presença de cabeça, tronco, braços, pernas e traços faciais)
 - ⇒ Excesso (executados com controle e cuidados exagerados, buscando a perfeição)
- Localização: localização do desenho na folha de papel. Considera-se a folha dividida em quatro quadrantes, a partir do canto superior direito, em sentido horário, independentemente de ser na posição horizontal ou vertical. Verificado o predomínio de localização do desenho.
 - ⇒ Metade Inferior (entre 2º e 3º quadrantes, incluindo desenho que é apoiado na margem inferior da folha, usando a base como linha de solo)
 - ⇒ Centro (centralizado na folha)
 - ⇒ Metade Superior (entre 4º e 1º quadrantes)
 - ⇒ Lado Direito (entre 1º e 2º quadrantes)
 - ⇒ Lado Esquerdo (entre 3º e 4º quadrantes)
 - ⇒ 1º quadrante (canto superior direito)
 - ⇒ 2º quadrante (canto inferior direito)
 - ⇒ 3º quadrante (canto inferior esquerdo)
 - ⇒ 4º quadrante (canto superior esquerdo)
 - ⇒ Em diagonal na folha
- Simetria: disposição simétrica do desenho, tomando como base o eixo central da folha ou o próprio desenho.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
 - ⇒ Excesso

- Movimento: pode ser encontrado em seres animados (pessoas em algum tipo de atividade; animais pulando; pássaros voando; árvores balançando) e inanimados (fumaça; nuvens; chuva)
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
 - ⇒ Excesso
- Sequência: por onde começou a fazer o desenho e sequência das partes.
 - ⇒ Convencional (iniciar pelo telhado no desenho da casa, pelo tronco no desenho da árvore e por qualquer elemento da cabeça na pessoa)
 - ⇒ Não Convencional (começar por lugar diferente do padrão estabelecido por Buck)
- Sequência específica: anotação peculiar da sequência realizada.

7.5.4 Processo Projetivo – indicado pelo conteúdo específico de cada desenho solicitado e pela maneira de tratar o tema.

CASA

- Linha de solo: extensão da base da casa para direita e para esquerda, feita com traço, gramado, sombreado etc.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Telhado: elemento desenhado acima das paredes ou da linha do teto.
 - ⇒ Ausência (somente paredes desenhadas)
 - ⇒ Presença
- Telhas: qualquer representação de cobertura do telhado, indicado por curvas ou linhas aproximadamente paralelas.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Sótão ou lucarna: janela desenhada no telhado.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Porão: cômodo desenhado abaixo do andar térreo.
 - ⇒ Ausência

- ⇒ Presença
- Chaminé: duto que faz comunicação entre dois meios, interno da casa e externo, localizado na parte superior da casa ou do telhado.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Fumaça: elemento representando o vapor, que sai da chaminé.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Paredes: elemento que isola ou divide um espaço, separando-o.
 - ⇒ Ausência (somente telhado desenhado)
 - ⇒ Presença
- Pilares ou apoios: coluna vertical da estrutura de uma construção.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Tijolos aparentes: presença dos tijolos que podem ser vistos em uma parede.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Porta: elemento que acessa o interior da casa, indicando a entrada ou a saída
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Mais de uma porta
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Maçaneta: puxador que se pega para abrir portas.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Detalhes na porta: presença de batente, olho mágico, textura etc.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Degraus ou Escada: série de degraus, que conduz ao andar superior ou inferior e por onde se pode subir ou descer.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença

- Caminho: porção mais ou menos estreita de 2 linhas entre dois lugares, por onde alguém pode seguir; pode ser contínua ou de pedras, madeira, etc.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Cerca: espaço delimitado, de forma rodeada ou circundada com cercado.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Muro: parede para cercar determinada área, servindo de proteção.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Janelas: abertura ou vão na parede externa do desenho, com a finalidade de proporcionar iluminação e ventilação ao seu interior.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Mais de uma janela
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Detalhes na janela: presença de batente, cortina, vidro, veneziana etc.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Visão de baixo para cima: predomínio de paredes, vista em uma perspectiva de baixo para cima.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Visão de cima para baixo: predomínio de visão do telhado, na casa vista de cima para baixo.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Casa dupla: fornece a impressão de ser mais de uma casa.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Parte frontal à esquerda: lateral da casa fica à direita da frente da casa.
 - ⇒ Não

- ⇒ Sim
- Parte frontal à direita: lateral da casa fica à esquerda da frente da casa.
 - ⇒ Não
 - ⇒ Sim
- Fachada: apenas parte frontal desenhada, sem as laterais.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Transparência: tornar visível qualquer elemento que, convencionalmente, está escondido (exemplo: ver os objetos de dentro, mesmo com a parede ou telhado desenhado; um porão visto abaixo da linha de solo ou da rua).
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Paisagem ou Cenário: Outros elementos presentes na folha de papel, exceto os essenciais da casa.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Outros elementos desenhados (paisagem ou cenário), especificamente.

ÁRVORE

- Linha de solo: extensão da base da árvore para a direita e para a esquerda, feita com traço, gramado, sombreado etc.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Raiz: eixo descendente e subterrâneo de uma árvore, frequentemente com ramificações secundárias.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Raiz acima da linha de base, feita sobre o solo, fora da terra.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Raiz embaixo da linha de base, feita sob o solo, em transparência.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença

- Tronco: parte da árvore entre a raiz e os primeiros ramos ou copa; base estrutural da árvore.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Sulcos: ranhuras desenhadas no tronco.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Nó: geralmente em formato espiral, na superfície do tronco.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Buraco: elemento circular ou oval, na superfície do tronco.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Galho lateral no tronco: divisão lateral ou subdivisão na lateral do tronco da árvore, não fazendo parte integrante da copa.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Copa: parte aérea da árvore, composta ou não pela presença de folhas, galhos, flores e frutos.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Galhos na copa: divisão ou subdivisão do tronco da árvore, fazendo parte integrante da copa.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Folhas: elementos desenhados na ponta, ao longo dos ramos ou galhos da árvore ou no chão.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Frutas: produto comestível produzido pela árvore, desenhados na copa, galhos ou no chão.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença

- Flores: estrutura de crescimento da árvore, responsável pela reprodução; normalmente representada na copa com bulbo e pétalas ou no chão.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Animais na árvore: presença de animais na estrutura da árvore (exemplo: esquilos, passarinhos, formigas etc.).
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Transparência: tornar visível qualquer elemento que, convencionalmente, está escondido (exemplo: raízes desenhadas sob a linha de solo).
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Paisagem/Cenário: Outros elementos presentes na folha de papel, exceto os essenciais na árvore.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Outros elementos desenhados (paisagem ou cenário), especificamente.

PESSOA (1ª)

- Próprio sexo: primeira figura humana desenhada, corresponde ao sexo do participante.
 - ⇒ Não (inclui figuras do outro sexo, andrógenas ou assexuadas)
 - ⇒ Sim
- Linha de solo: extensão da base da pessoa desenhada, para direita e esquerda, feita com traço, gramado, sombreado etc.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Apenas o busto: parte superior do corpo humano, acima do pescoço ou ombros; ausência de corpo.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Cabeça: parte superior do corpo humano, acima do pescoço ou ombros.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença

- Olhos: órgão da visão, localizado na cabeça.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Boca: cavidade situada na cabeça, delimitada ou não pelos lábios.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Nariz: órgão do olfato, situado no terço médio da face.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Orelhas: órgão da audição; localizada na parte mais externa da cabeça, na direção do nariz, normalmente desenhada em forma de concha ou semicírculo.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Queixo: parte do rosto que fica embaixo da boca, do maxilar inferior. Deve estar ressaltado como, por exemplo, uma linha abaixo da boca.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Sobrancelhas: saliência arqueada, desenhada acima dos olhos, composta por pelos.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Cílios: pelos desenhados nas pálpebras dos olhos.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Cabelo: conjunto de pelos que cobrem a cabeça da figura humana.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Pelos: pelo no tronco, braços e/ou pernas do desenho da figura humana do sexo masculino ou feminino.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Barba: pelo no queixo e nas faces do desenho da figura humana do sexo masculino.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença

- Bigode: pelo que cresce sobre o lábio superior, desenhada na figura humana do sexo masculino.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Pescoço: região do corpo humano entre o tronco e a cabeça.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Ombros: porção lateral e superior do tronco, em que se localiza a articulação entre o tronco e o membro superior.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Tronco: parte mais volumosa do corpo humano, ligada à cabeça pelo pescoço e a qual se articulam os membros.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Braços: cada um dos dois membros superiores do desenho da figura humana, que vão do ombro até a mão. Na figura de perfil, basta um braço e na de frente, dois.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Mãos: extremidade do membro superior, articulada com o antebraço pelo punho e terminada pelos dedos.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Dedos: cada um dos 5 prolongamentos de cada mão.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Mais de 5 dedos em pelo menos uma das mãos.
 - ⇒ Não
 - ⇒ Sim
- Menos de 5 dedos em pelo menos uma das mãos.
 - ⇒ Não
 - ⇒ Sim

- Cintura: parte mediana do tronco humano, entre o tórax e o abdômen, indicada por linha ou curva.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Quadril: região entre a cintura e a parte superior das pernas, podendo ser indicada por estreitamento do tronco seguido por região larga.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Pernas: cada um dos dois membros inferiores do desenho da figura humana, responsável pela locomoção e pelo suporte do corpo; deve-se considerar também apenas uma perna em figura desenhada em perfil absoluto. Na figura de perfil absoluto, basta uma perna e na de frente, são necessárias duas.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Pés: extremidade do membro inferior; considerar o sapato.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Roupas: peça ou conjunto de peças de vestir, que sirva como adorno ou cobertura para o corpo da figura humana desenhada.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Nu: sem nenhuma peça de roupa que encobre o corpo.
 - ⇒ Assexuado (sem características que diferenciem, se é homem ou mulher)
 - ⇒ Artístico (mesmo havendo alguma referência explícita de genitais masculino ou feminino, o desenho tem um apelo artístico e estético, agradável)
 - ⇒ Erótico (há uma referência explícita de genitais masculino ou feminino, com um apelo agressivo e chocante)
- Acessórios: qualquer elemento desenhado para compor a figura humana, de caráter dispensável, secundário (exemplo: relógio, pulseiras, colares, brincos, anel, bolsa, computador, celular etc.).
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Posição: postura da figura humana desenhada.

- ⇒ Em pé, de frente
- ⇒ Em pé, de costas
- ⇒ Em pé, com meio perfil (corpo de frente e apenas a cabeça de perfil)
- ⇒ Em pé, com perfil total (corpo inteiro está de perfil – perfil absoluto)
- ⇒ Sentada
- ⇒ Deitada
- ⇒ Outra postura (de joelhos, de ponta cabeça etc.)
- Transparência: tornar visível qualquer elemento que, convencionalmente, está escondido (exemplo: ossos, órgãos internos, contorno do corpo com roupa sobreposta, não indicando transparência sensual etc.).
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Paisagem/Cenário: Outros elementos presentes na folha de papel, exceto os essenciais da pessoa.
 - ⇒ Ausência
 - ⇒ Presença
- Outros elementos desenhados (paisagem ou cenário), especificamente.

7.5.5 Cores (Adequação das Cores): único item avaliado na fase cromática.

- Predomínio CASA: preto (contornos, fumaça, cercas); azul (fundo, céu, cortinas); marrom (contornos, solo, paredes); verde (telhado, gramado, paisagem); laranja (flores, frutos); violeta (cortinas); vermelho (chaminé, tijolos, frutas); amarelo (sol, flores, paisagem).
 - Adequação das cores
 - ⇒ Não
 - ⇒ Sim
- Predomínio ÁRVORE: preto (contornos); azul (fundo, céu); marrom (tronco); verde (folhas, copa, gramado, paisagem); laranja (flores, frutos); vermelho (frutas); amarelo (sol, flores, paisagem).
 - Adequação das cores
 - ⇒ Não
 - ⇒ Sim

- Predomínio PESSOA: preto (contornos, cabelo); azul (fundo, céu, olhos); marrom (cabelo, roupas); verde (roupa, gramado, paisagem); laranja (roupa); violeta (roupa); vermelho (roupas, cabelo, lábios); rosa (pele, roupa); amarelo (sol, cabelo).
 - Adequação das cores
 - ⇒ Não
 - ⇒ Sim

7.5.6 Comparação entre a Fase Acromática e a Cromática

- ⇒ Manteve igual: qualidade gráfica (forma) e uso das cores (limites), similares.
- ⇒ Melhorou: qualidade gráfica (forma) e uso das cores (limites) mais claros e definidos na fase cromática.
- ⇒ Piorou: qualidade gráfica (forma) e uso das cores (limites) menos organizados na fase cromática.

7.6 TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Os desenhos foram avaliados e interpretados, a partir de aspectos gerais, adaptativos, expressivos e projetivos, e os inquéritos foram utilizados, para compreender as associações simbólicas, bem como para auxiliar na identificação de partes do desenho e sua representação para o participante. Como exposto anteriormente, os dados foram coletados nos encontros individuais com os adultos, realizados pela pesquisadora e auxiliar deste estudo. As características dos participantes foram categorizadas para descrever a amostra e foi criada uma tabela com os principais itens da análise, pautadas no manual do H-T-P (APÊNDICE D), cujos dados foram lançados em uma planilha para tabulação. As produções gráficas de 36 participantes foram analisadas por três juízes, para garantir a precisão da avaliação dos itens. Como se tratava de verificar a presença ou não dos itens, houve 100% de precisão entre os avaliadores.

As variáveis analisadas nesta pesquisa envolvem os aspectos gerais da aplicação, tais como comentários espontâneos, atitude frente às instruções, a capacidade crítica, as rasuras, o tempo de reação inicial, tempo total e pausas, além das emoções que surgiram durante a aplicação.

No aspecto adaptativo, foi verificado se existe ou não correspondência entre a produção gráfica do sujeito e sua idade, bem como a adaptação ao tema proposto nas instruções e se a realização é convencional, original ou fantasiosa.

Os aspectos expressivos e de conteúdo são inter-relacionados, mas para verificar a frequência da presença dos elementos gráficos das produções, propôs-se a seguinte separação: aspectos expressivos que enfatizam as qualidades gráficas do desenho, tais como posição da folha, localização, tamanho, pressão, traçado (tipo de linha), detalhes (excesso ou ausência), simetria (excesso), sequência (ordem das partes desenhadas) e movimento (presença e excesso) e aspectos de conteúdo ou projetivos propriamente dito, específicos para cada desenho.

No desenho da CASA, foram analisadas as frequências para os seguintes itens: linha de solo, telhado, telhas, sótão, porão, chaminé, fumaça, paredes, pilares, apoios, tijolos aparentes, porta, maçaneta, detalhes na porta, caminho, cerca, muro, janela, visão de cima para baixo, visão de baixo para cima, degraus, casa dupla, parte frontal à direita da casa, paisagem (árvores, flores, sol, nuvens, pessoas, animais, outros elementos).

No desenho da ÁRVORE foram considerados os seguintes itens para a análise: solo, raiz (transparência, sobre o solo), tronco, sulcos, nódoas, galhos, copa, folhas, flores, frutos, paisagem (outras árvores, flores, sol, nuvens, pessoas, animais, outros elementos).

No desenho da PESSOA, fez-se uma comparação entre o sexo do sujeito e o sexo da primeira produção de figura humana. Itens como solo, cabeça, olhos, boca, nariz, orelhas, queixo, sobrancelhas, cílios, cabelo, pelos, barba, bigode, pescoço, ombros, tronco, braços, mãos, dedos, cintura, quadril, pernas, pés, roupas (presença ou ausência), acessórios, paisagem (árvores, flores, sol, nuvens, outras pessoas, animais, outros elementos) foram também itens na tabela de frequência de respostas. O segundo desenho da pessoa - do sexo oposto ao desenhado anteriormente - não foi analisado, haja vista apresentar aspectos semelhantes ao primeiro desenho.

Além desses aspectos, o uso das cores e seu predomínio e a comparação entre a produção acromática e a cromática também foram verificadas. Os inquéritos foram usados para nortear e complementar as análises dos aspectos expressivos e de conteúdo.

Os dados coletados foram tabulados no programa Microsoft Excel e transferidos para o programa SPSS versão 21 para realização da análise estatística. Para a estatística descritiva, as variáveis qualitativas foram apresentadas em frequências absolutas e percentuais; já as variáveis quantitativas foram indicadas por medidas de tendência central e de dispersão. Para analisar as diferenças das variáveis, que compõem o teste HTP, segundo sexo, utilizou-se o teste do qui-quadrado ou teste exato de Fisher, quando necessário (no caso de a segunda variável ter duas

categorias e alguma das células ter contagem esperada menor do que 5). Todos os testes estatísticos consideraram nível de significância $p < 0,05$.

8 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A amostra final do estudo foi de 117 indivíduos, com idade média de 33,9 anos (DP = 14,6), variando entre 18 e 60 anos. A distribuição entre os sexos foi de 61,54% do feminino (n=72) e 38,46% do masculino (n=45), como mostrado na tabela abaixo.

Tabela 1 - Distribuição de frequência e percentual da amostra segundo sexo e idade.

Variáveis		n	%
Sexo	Feminino	72	61,5
	Masculino	45	38,5
Idade	18 a 25 anos	54	46,2
	19 a 40 anos	20	17,1
	41 a 60 anos	43	36,8
Total		117	100

Segundo Buck (2003), o tempo levado pelo indivíduo para realizar a aplicação do H-T-P pode variar entre 30 e 90 minutos, dependendo do número de desenhos solicitados. Nesta pesquisa, foram solicitados 4 desenhos e respectivos inquéritos na fase acromática e 3 desenhos, com inquérito abreviado, na fase cromática. Como indicado na Tabela 2, o tempo mínimo e máximo para realização total da aplicação do H-T-P teve uma amplitude maior, sendo encontrado um tempo mínimo de 22 minutos e máximo de 210 minutos. A média do tempo total de aplicação foi de 64,3 minuto

Ainda referente à Tabela 2, Buck (2003) considera que a realização de três desenhos pode variar entre 2 a 30 minutos. Neste estudo, constatou-se que o tempo mínimo para cada desenho foi de 0,3 minutos e o tempo máximo para desenho da *Árvore* e da *Pessoa* foi respectivamente, 20,7 e 28,7 minutos. Com exceção do tempo máximo para o desenho da *Casa* (47 minutos).

Conforme levantado na presente pesquisa, o tempo médio para realização de cada desenho foi, respectivamente, 5,3 minutos no desenho da *Casa*, 3,3 minutos no desenho da *Árvore* e 4,8 no desenho da *Pessoa*. Portanto, na amostra paulista, verifica-se que a média para realização da fase gráfica, acromática dos desenhos encontra-se abaixo do esperado, sendo que o tempo normal, conforme estabelecido por Buck (2003), varia entre 10 e 12 minutos cada desenho.

Tabela 2- Medidas de tendência central e de dispersão das variáveis relacionadas ao tempo.

Variáveis	Mínimo	Máximo	Média	DP
Total da aplicação total (minutos)	22,0	210,0	64,3	31,5
Desenho da Casa (minutos)	0,3	47,0	5,3	6,6
Desenho da Árvore (minutos)	0,3	20,7	3,3	3,5
Desenho da Pessoa (minutos)	0,3	28,7	4,8	4,9

A proporção de indivíduos do sexo feminino com lateralidade direita (95,8%) foi estatisticamente maior do que no sexo masculino ($p=0,021$), como mostrado na Tabela 3.

Não foi observada diferença significativa entre sexo e tempo de aplicação. Além disso, a maioria dos participantes encontra-se na média de tempo entre 30 e 90 minutos, como demonstrado na Tabela 2 e descrito com mais detalhes, anteriormente.

Tabela 3 - Distribuição de frequência e percentual da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas à dominância lateral e ao TT da aplicação do teste H-T-P.

Características gerais		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Lateralidade	Direita	69	95,8	37	82,2	106	90,6	0,021*
	Esquerda	3	4,2	8	17,8	11	9,4	
Tempo de aplicação	≤ 29 minutos	5	7,0	5	11,1	10	8,5	0,162**
	Entre 30 e 90 minutos	59	81,9	30	66,7	89	76,1	
	>91 minutos	8	11,1	10	22,2	18	15,4	
Total		72	100	45	100	117	100	

*teste exato de Fisher / **teste do qui-quadrado.

As Tabelas 4 a 18 apresentam a comparação dos aspectos expressivos da Casa, no teste H-T-P, segundo o sexo.

A maioria dos participantes (94%), tanto do sexo feminino, quanto masculino, realiza o desenho da Casa na posição horizontal, sem rotação da folha, conforme a Tabela 4, sem diferença estatística entre os sexos.

Tabela 4 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: posição da folha no desenho da Casa.

Casa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Posição da folha	Com rotação	5	6,9	2	4,4	7	6,0	0,706*
	Sem rotação	67	93,1	43	95,6	110	94,0	
Total		72	100	45	100	117	100	

*teste exato de Fisher.

Os indivíduos do sexo feminino elaboraram casa de tamanho grande (33,4%), em maiores proporções, estatisticamente significativas, do que os indivíduos do sexo masculino (Tabela 5), que apresentam maior prevalência de tamanho médio (42,2%), sugerindo que o sexo feminino apresenta maior expansão no ambiente.

Tabela 5- Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: tamanho, no desenho da Casa. (continua)

Casa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Tamanho da casa	Muito pequeno	1	1,4	6	13,4	7	6,0	0,011**
	Pequeno	15	20,8	9	20,0	24	20,5	
	Médio	18	25,0	19	42,2	37	31,6	
	Grande	24	33,4	8	17,8	32	27,4	
	Muito grande	8	11,1	2	4,4	10	8,5	
	Ultrapassando margem	6	8,3	1	2,2	7	6,0	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Em relação à pressão empregada ao fazer o desenho da Casa (Tabela 6), a maioria dos participantes utiliza a pressão forte (61,5%), no entanto houve diferença estatisticamente

relevante entre indivíduos do sexo feminino (73,6%), com maior proporção do que os participantes do sexo masculino. Cabe salientar que 15,6% dos homens realizaram o desenho da Casa com pressão fraca, proporção estatisticamente maior do que as mulheres (2,8%) que realizaram o desenho com pressão fraca.

Tabela 6 - Distribuição da amostra segundo o sexo e características relacionadas ao aspecto expressivo: pressão, no desenho da Casa.

Casa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Pressão	Fraca	2	2,8	7	15,6	9	7,7	0,001**
	Média	17	23,6	19	42,2	36	30,8	
	Forte	53	73,6	19	42,2	72	61,5	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Na tabela 7, verifica-se o predomínio de traçado longo e contínuo na realização do desenho da casa (69,3%), tanto para o sexo feminino quanto para o sexo masculino, não indicando uma diferença significativa.

Tabela 7 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: tipo de traçado, no desenho da Casa.

Casa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Tipo de traçado	Avanços e recuos	5	6,9	10	22,2	15	12,8	0,097**
	Curto e interrompido	7	9,7	3	6,7	10	8,5	
	Longo e contínuo	54	75,1	27	60,0	81	69,3	
	Reforçado	6	8,3	4	8,9	10	8,5	
	Trêmulo	0	0,0	1	2,2	1	0,9	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Apesar de homens e mulheres elaborarem a casa com a presença de detalhes essenciais (66,7%), essa característica apareceu em maior proporção, com diferença estatisticamente significativa, entre os participantes do sexo feminino (77,8%), em relação aos indivíduos do sexo masculino (48,9%), como mostrado na Tabela 8.

Tabela 8 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: detalhes, no desenho da Casa.

Casa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Detalhes	Ausência	0	0,0	11	24,4	11	9,4	<0,001**
	Essenciais	56	77,8	22	48,9	78	66,7	
	Excesso	16	22,2	12	26,7	28	23,9	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Tanto mulheres quanto homens paulistas desenharam a Casa, predominantemente, no lado esquerdo da folha (37,5% e 37,8%, respectivamente) ou no centro (37,5% e 33,3%, respectivamente), conforme consta na Tabela 9. Cabe salientar que foi considerado lado esquerdo da folha, também, os desenhos feitos nos quadrantes 3 e 4.

Tabela 9 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: localização, no desenho da Casa.

Casa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Localização	Centro	27	37,5	15	33,3	42	35,9	0,361**
	Direita	3	4,2	4	8,9	7	6,0	
	Esquerdo	27	37,5	17	37,8	44	37,6	
	Metade inferior	12	16,6	4	8,9	16	13,7	
	Metade superior	3	4,2	5	11,1	8	6,8	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Na Tabela 10, verifica-se uma diferença expressiva, mas não relevante, em relação à ausência de simetria, tanto nos desenhos de Casa, feitos por mulheres, quanto por homens (89,7%).

Tabela 10 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: simetria, no desenho da Casa.

Casa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Simetria	Ausência	65	90,3	40	88,9	105	89,7	0,443**
	Excesso	0	0,0	1	2,2	1	0,9	
	Presença	7	9,7	4	8,9	11	9,4	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

De maneira geral, mulheres e homens não desenharam elementos relacionados a movimento em suas produções de Casa (61,6%). No entanto, 40,3% das mulheres têm presença de movimento, enquanto 26,7% dos homens expressam, graficamente, movimento em seus desenhos de Casa (Tabela 11), sem diferença significativa.

Tabela 11 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: movimento, no desenho da Casa.

Casa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Movimento	Ausência	40	55,5	32	71,1	72	61,6	0,239**
	Excesso	3	4,2	1	2,2	4	3,4	
	Presença	29	40,3	12	26,7	41	35,0	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Os indivíduos do sexo feminino elaboraram o desenho da Casa em sequência convencional (55,6%) e começando pelo telhado (55,6%), em maiores proporções, estatisticamente significativas, do que os indivíduos do sexo masculino. Segundo Buck (2003), Hammer (1981), Van Kolck (1968, 1984) e Alves (1986), a sequência esperada no desenho da Casa é começar pelo telhado seguido pela parede, no entanto vale salientar que 55,6% dos homens, da presente pesquisa, iniciaram o desenho pelas paredes, ou seja, por uma sequência não convencional (Tabela 12).

Tabela 12 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos expressivos: sequência e início do desenho, no desenho da Casa.

Casa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Sequência	Convencional	40	55,6	13	28,9	53	45,3	0,005**
	Não convencional	32	44,4	32	71,1	64	54,7	
Início do desenho	Paredes	24	33,3	25	55,6	49	41,9	0,018**
	Solo	8	11,1	7	15,6	15	12,8	
	Telhado	40	55,6	13	28,8	53	45,3	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Tanto indivíduos do sexo masculino, quanto os do sexo feminino realizaram o desenho da Casa, com uma atitude de Aceitação Razoável (85,4%). No entanto, as mulheres apresentaram um resultado em maiores proporções (93,1%), estatisticamente significativas, do que os homens (73,4%), como apresentado na Tabela 13.

Não houve diferença significativa nos resultados relacionados a comentários espontâneos, entre os sexos, sendo que a presença desses comentários foi predominante (47,9%) no total da amostra, conforme apresentado na Tabela 13.

A presença de emoções expressas, durante as aplicações, foi observada em 53% da amostra (Tabela 13).

Tabela 13 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos expressivos: comentários espontâneos, atitude e emoções, no desenho da Casa.

Casa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Comentários Espontâneos	Ausência	24	33,3	19	42,2	43	36,7	0,206**
	Excesso	9	12,5	9	20,0	18	15,4	
	Presença	39	54,2	17	37,8	56	47,9	
Atitude	Aceitação razoável	67	93,1	33	73,4	100	85,4	0,011**
	Aceitação total	5	6,9	11	24,4	16	13,7	
	Indiferença	0	0,0	1	2,2	1	0,9	
Emoções	Ausência	37	51,4	18	40,0	55	47,0	0,230**
	Presença	35	48,6	27	60,0	62	53,0	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Em relação à capacidade crítica, a maioria da amostra (57,3%) demonstrou a presença desse aspecto, seja pela expressão verbal ou pelo uso da borracha, no entanto, sem indicar uma diferença significativa entre os sexos. Em relação às rasuras, não houve diferença significativa entre os sexos, sendo que houve ausência em 53,8% no total da amostra.

Tabela 14 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos expressivos: capacidade crítica e rasuras, no desenho da Casa. (continua)

Casa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Capacidade crítica	Ausência	22	30,6	8	17,8	30	25,6	0,130**
	Exagerada	9	12,5	11	24,4	20	17,1	
	Presença	41	56,9	26	57,8	67	57,3	

Casa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Rasuras	Ausência	42	58,3	21	46,7	63	53,8	0,431**
	Excesso	2	2,8	1	2,2	3	2,6	
	Poucas	28	38,9	23	51,1	51	43,6	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Os indivíduos do sexo feminino elaboraram o desenho da Casa com pausas menores ou iguais a 5 segundos (83,3%), em maiores proporções, estatisticamente significativas, do que os indivíduos do sexo masculino (66,7%), como apresentado na Tabela 15.

Considerando o tempo de reação inicial para cada desenho, a grande maioria da amostra (95,7%), tanto do sexo feminino (97,2%), quanto do sexo masculino (93,3%), realizou no tempo menor ou igual a 30 segundos (Tabela 15).

Quanto ao tempo total para realização de cada desenho, também a maioria da amostra (87,2%), desenhou em menos do que 9 minutos (Tabela 15).

Todas essas características, relacionadas ao tempo, correspondem às referências normativas trazidas por Buck (2003), Hammer (1981) e Van Kolck (1968, 1984).

Tabela 15 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos expressivos: pausas, TRI e TTD, no desenho da Casa. (continua)

Casa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Pausas	≤ 5”	60	83,3	30	66,7	90	76,9	0,037**
	>5”	12	16,7	15	33,3	27	23,1	
TRI	≤ 30”	70	97,2	42	93,3	112	95,7	0,371*
	>30”	2	2,8	3	6,7	5	4,3	

Casa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
TTD	≤ 9'	64	88,9	38	84,4	102	87,2	0,336**
	>13'	2	2,8	4	8,9	6	5,1	
	Entre 9' e 12'	6	8,3	3	6,7	9	7,7	
Total		72	100	45	100	117	100	

*teste exato de Fisher / **teste do qui-quadrado.

Os indivíduos do sexo feminino elaboraram Casa em idade compatível (79,2%) em maiores proporções, estatisticamente significativas, do que os indivíduos do sexo masculino (55,6%), mesmo que a maioria, de ambos os sexos, tenha apresentado o desenho da Casa em idade compatível.

Tabela 16 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: idade, no desenho da Casa.

Casa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Idade	Atrasado	13	18,1	17	37,7	30	25,6	0,025**
	Compatível	57	79,2	25	55,6	82	70,1	
Idade	Avançado	2	2,8	3	6,7	5	4,3	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Considerando que os participantes desta pesquisa foram voluntários e aceitaram os termos propostos, constatou-se que 99,1% deles adaptaram-se ao tema, sem apresentar resistências ou oposição frente à tarefa (Tabela 17).

Tabela 17 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: adaptação ao tema, no desenho da Casa.

Casa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Adaptação ao tema	Não	0	0,0	1	2,2	1	0,9	0,385*
	Sim	72	100,0	44	97,8	116	99,1	
Total		72	100	45	100	117	100	

*teste exato de Fisher.

Os indivíduos do sexo feminino elaboraram o desenho da Casa, com realização convencional (93,1%) em maiores proporções, estatisticamente significativas, do que os indivíduos do sexo masculino (80%), como apresentado na Tabela 18.

Tabela 18 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: realização, no desenho da Casa.

Casa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Realização	Convencional	67	93,1	36	80,0	103	88,0	0,034**
	Original	5	6,9	9	20,0	14	12,0	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

No aspecto de conteúdo Solo, não houve diferença estatisticamente significativa entre os sexos. No total da amostra, a maioria (52,1%) apresentou a linha de solo no desenho da Casa. Constatou-se que 94,9% da amostra desenharam telhado, no entanto 59,8% fizeram telhas (Tabela 19).

Tabela 19 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: solo, telhado e telhas, no desenho da Casa.

Casa – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Solo	Ausência	32	44,4	24	53,3	56	47,9	0,349**
	Presença	40	55,6	21	46,7	61	52,1	
Telhado	Ausência	2	2,8	4	8,9	6	5,1	0,202*
	Presença	70	97,2	41	91,1	111	94,9	
Telhas	Ausência	25	34,7	22	48,9	47	40,2	0,128**
	Presença	47	65,3	23	51,1	70	59,8	
Total		72	100	45	100	117	100	

*teste exato de Fisher / **teste do qui-quadrado.

Nenhum participante da amostra desenhou porão e apenas 23,1% da amostra desenharam sótão (Tabela 20).

Tabela 20 – Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: sótão e porão, do desenho da Casa.

Casa – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Sótão	Ausência	59	81,9	31	68,9	90	76,9	0,103**
	Presença	13	18,1	14	31,1	27	23,1	
Porão	Ausência	72	100,0	45	100,0	117	100,0	----
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Tanto participantes do sexo feminino, quanto do sexo masculino (74,4%) não desenharam chaminé na Casa (Tabela 21). Cabe ressaltar que esse detalhe é considerado, na amostra original (Buck, 2003), como um detalhe essencial no desenho da Casa.

Em relação aos participantes que desenharam chaminé (n=30), 80% desenharam fumaça (Tabela 21).

Tabela 21 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: chaminé e fumaça, no desenho da Casa.

Casa – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Chaminé	Ausência	53	73,6	34	75,6	87	74,4	0,815**
	Presença	19	26,4	11	24,4	30	25,6	
Fumaça***	Ausência	1	5,3	5	45,5	6	20,0	0,016**
	Presença	18	94,7	6	54,5	24	80,0	

teste do qui-quadrado/ * considerou-se apenas os que desenharam a chaminé (n=30).

As paredes foram desenhadas por 97,4% dos participantes, enquanto pilares ou apoios foram desenhados apenas por 6% da amostra e pilares aparentes por 8,5%, sem diferenças estatísticas entre os sexos (Tabela 22).

Tabela 22- Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: paredes, pilares ou apoios, tijolos aparentes, no desenho da Casa. (continua)

Casa – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Paredes	Ausência	1	1,4	2	4,4	3	2,6	0,558*
	Presença	71	98,6	43	95,6	114	97,4	
Pilares ou apoios	Ausência	68	94,4	42	93,3	110	94,0	1,000*
	Presença	4	5,6	3	6,7	7	6,0	

Casa – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Tijolos aparentes	Ausência	65	90,3	42	93,3	107	91,5	0,739*
	Presença	7	9,7	3	6,7	10	8,5	
Total		72	100	45	100	117	100	

*teste exato de Fisher.

A maioria dos participantes (97,4%) fez porta no desenho da Casa, com a presença de maçaneta em 87,2%, no entanto com ausência de detalhes da porta em 76,1%. Tanto participantes do sexo feminino, quanto masculino desenharam mais de uma porta na casa (84,6%), como apresentado na Tabela 23.

Tabela 23- Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto de conteúdo: porta, no desenho da Casa.

Casa – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Porta	Ausência	1	1,4	2	4,4	3	2,6	0,558*
	Presença	71	98,6	43	95,6	114	97,4	
Mais de uma porta	Ausência	61	84,7	38	84,4	99	84,6	0,968**
	Presença	11	15,3	7	15,6	18	15,4	
Maçaneta	Ausência	7	9,7	8	17,8	15	12,8	0,205**
	Presença	65	90,3	37	82,2	102	87,2	
Detalhes na porta	Ausência	57	79,2	32	71,1	89	76,1	0,320**
	Presença	15	20,8	13	28,9	28	23,9	
Total		72	100	45	100	117	100	

*teste exato de Fisher / **teste do qui-quadrado.

Verificou-se no desenho da Casa a ausência de degraus e de escadas (89,7%), ausência de caminho (70,1%), ausência de cerca (88%) e ausência de muro (94,9%), na maioria dos participantes, tanto do sexo feminino, quanto do sexo masculino, sem diferença estatística (Tabela 24).

Tabela 24 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: degraus ou escadas, caminho, cerca e muro, no desenho da Casa.

Casa – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Degraus ou escadas	Ausência	64	88,9	41	91,1	105	89,7	0,765*
	Presença	8	11,1	4	8,9	12	10,3	
Caminho	Ausência	51	70,8	31	68,9	82	70,1	0,823**
	Presença	21	29,2	14	31,1	35	29,9	
Cerca	Ausência	63	87,5	40	88,9	103	88,0	0,822*
	Presença	9	12,5	5	11,1	14	12,0	
Muro	Ausência	66	91,7	45	100,0	111	94,9	0,081*
	Presença	6	8,3	0	0,0	6	5,1	
Total		72	100	45	100	117	100	

*teste exato de Fisher / **teste do qui-quadrado.

Quanto ao aspecto de conteúdo janelas, no desenho da Casa, constatou-se presença em 98,3%, sendo que 64,1% fizeram mais do que uma janela e 74,4% colocaram detalhes (Tabela 25).

Tabela 25 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto de conteúdo: janela, no desenho da Casa.

Casa – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Janelas	Ausência	1	1,4	1	2,2	2	1,7	1,000*
	Presença	71	98,6	44	97,8	115	98,3	
Mais de uma janela	Ausência	28	38,9	14	31,1	42	35,9	0,394**
	Presença	44	61,1	31	68,9	75	64,1	
Detalhes na janela	Ausência	20	27,8	10	22,2	30	25,6	0,503**
	Presença	52	72,2	35	77,8	87	74,4	
Total		72	100	45	100	117	100	

*teste exato de Fisher / **teste do qui-quadrado.

A análise dos aspectos de conteúdo do desenho da Casa resultou diferenças, estatisticamente significativas, entre os sexos, para a presença de visão de baixo para cima em maior proporção no sexo feminino (63,9%) do que no masculino (24,4%), conforme demonstrado na Tabela 26.

Tabela 26 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto de conteúdo: ângulo de visão, no desenho da Casa.

Casa – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Visão de baixo para cima	Ausência	26	36,1	34	75,6	60	51,3	<0,001**
	Presença	46	63,9	11	24,4	57	48,7	
Visão de cima para baixo	Ausência	58	80,6	31	68,9	89	76,1	0,150**
	Presença	14	19,4	14	31,1	28	23,9	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Na Tabela 27, observa-se que apenas 4,3% da amostra desenhou uma casa dupla. A maioria dos participantes (64,1%) fez o desenho da Casa, com a parte frontal à esquerda, o que é esperado para a maioria da população, segundo os autores de referência (Buck, 2003; Hammer, 1981; Van Kolck, 1981, 1984). No desenho da Casa, 29,9% dos participantes não desenharam sua lateral, ou seja, apresentaram apenas a parte frontal (fachada).

Tabela 27- Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: casa dupla e parte frontal, no desenho da Casa.

Casa – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Casa dupla	Ausência	70	97,2	42	93,3	112	95,7	0,371*
	Presença	2	2,8	3	6,7	5	4,3	
Parte frontal à esquerda	Não	26	36,1	16	35,6	42	35,9	0,951**
	Sim	46	63,9	29	64,4	75	64,1	
Parte frontal à direita	Não	70	97,2	44	97,8	114	97,4	1,000*
	Sim	2	2,8	1	2,2	3	2,6	
Fachada	Não	50	69,4	32	71,1	82	70,1	0,848**
	Sim	22	30,6	13	28,9	35	29,9	
Total		72	100	45	100	117	100	

*teste exato de Fisher / **teste do qui-quadrado.

Conforme a Tabela 28, a análise do aspecto de conteúdo: transparência, no desenho da Casa, resultou diferenças, estatisticamente significativas, entre os sexos, pois se observou a presença de transparência em maior proporção no sexo feminino (61,1%) do que no masculino (24,4%).

Tabela 28 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: transparência, paisagem e outros elementos, no desenho da Casa.

Casa – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Transparência	Ausência	28	38,9	34	75,6	62	53,0	<0,001**
	Presença	44	61,1	11	24,4	55	47,0	
Paisagem	Ausência	35	48,6	25	55,6	60	51,3	0,465**
	Presença	37	51,4	20	44,4	57	48,7	
Outros elementos	Ausência	30	41,7	20	44,4	50	42,7	0,768**
	Presença	42	58,3	25	55,6	67	57,3	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

As Tabelas 29 a 43 apresentam a análise da comparação dos aspectos expressivos da árvore entre os sexos.

Conforme os dados apresentados na Tabela 29, houve diferença, estatisticamente significativa, com maior proporção no sexo feminino para posição da folha sem rotação (75%), mesmo considerando que tanto homens, quanto mulheres realizaram o desenho da Árvore, na posição que foi oferecida pelo aplicador (67,5%).

Tabela 29 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: posição da folha, no desenho da Árvore.

Árvore – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Posição da folha	Com rotação	18	25,0	20	44,4	38	32,5	0,029**
	Sem rotação	54	75,0	25	55,6	79	67,5	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

A maioria dos participantes realizou o desenho da Árvore no tamanho grande (35%), seguidas de 28,2% que fizeram o desenho em tamanho muito grande, sem diferença estatística entre os sexos (Tabela 30).

Tabela 30- Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: tamanho, no desenho da Árvore.

Árvore – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Tamanho da árvore	Muito pequeno	3	4,2	2	4,4	5	4,3	0,662**
	Pequeno	4	5,6	2	4,4	6	5,1	
	Médio	8	11,1	10	22,2	18	15,4	
	Grande	25	34,6	16	35,7	41	35,0	
	Muito grande	22	30,6	11	24,4	33	28,2	
	Ultrapassando a margem	10	13,9	4	8,9	14	12,0	
Total		72	100	45	100	117	100	

*teste exato de Fisher / **teste do qui-quadrado.

No aspecto expressivo pressão, 65,8% da amostra realizaram o desenho da Árvore com pressão forte, sem diferença estatística entre os sexos (Tabela 31).

Tabela 31 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: pressão, no desenho da Árvore.

Árvore – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Pressão	Fraca	4	5,6	2	4,4	6	5,1	0,260**
	Média	17	23,6	17	37,8	34	29,1	
	Forte	51	70,8	26	57,8	77	65,8	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Quanto ao tipo de traçado empregado para execução do desenho da Árvore, 84,7% do sexo feminino realizaram traçado longo e contínuo, proporção maior do que no sexo masculino (57,7%) (Tabela 32).

Tabela 32 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: tipo de traçado, no desenho da Árvore.

Árvore – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Tipo de traçado	Avanços e recuos	5	6,9	7	15,6	12	10,3	0,024**
	Curto e interrompido	2	2,8	4	8,9	6	5,1	
	Longo e contínuo	61	84,7	26	57,7	87	74,3	
	Reforçado	4	5,6	7	15,6	11	9,4	
	Trêmulo	0	0,0	1	2,2	1	0,9	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Conforme demonstrado na Tabela 33, verificou-se diferença estatística com maior proporção no sexo feminino (90,3%) para presença de detalhes essenciais.

Tabela 33 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: detalhes, no desenho da Árvore.

Árvore – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Detalhes	Ausência	1	1,4	12	26,7	13	11,1	<0,001**
	Essenciais	65	90,3	22	48,9	87	74,4	
	Excesso	6	8,3	11	24,4	17	14,5	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Os participantes da pesquisa realizaram o desenho da Árvore no centro da folha (57,4%), seguido do lado esquerdo do papel (23,9%), sem diferença estatística entre os sexos (Tabela 34).

Tabela 34 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: localização, no desenho da Árvore.

Árvore – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Localização	Centro	43	59,7	24	53,4	67	57,4	0,314**
	Direito	1	1,4	1	2,2	2	1,7	
	Esquerdo	13	18,1	15	33,3	28	23,9	
	Metade inferior	7	9,7	3	6,7	10	8,5	
	Metade superior	8	11,1	2	4,4	10	8,5	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Conforme verificado na Tabela 35, a maioria das participantes do sexo feminino (68,1%) apresentou ausência de simetria no desenho da Árvore, em relação ao do sexo masculino (57,8%). Vale destacar que apenas no sexo masculino houve excesso de simetria (13,3%).

Tabela 35 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: simetria, no desenho da Árvore.

Árvore – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Simetria	Ausência	49	68,1	26	57,8	75	64,1	0,006**
	Excesso	0	0,0	6	13,3	6	5,1	
	Presença	23	31,9	13	28,9	36	30,8	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Na Tabela 36, pode-se observar que a maioria dos participantes não apresentou sinais de movimento, no desenho da Árvore (77,8%).

Tabela 36- Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: movimento, no desenho da Árvore.

Árvore – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Movimento	Ausência	54	75,0	37	82,2	91	77,8	0,361**
	Presença	18	25,0	8	17,8	26	22,2	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Conforme esperado a partir dos estudos de Buck (2003), Hammer (1981/1978) e Van Kolck (1968, 1984), a maioria dos participantes realizou o desenho da Árvore, numa sequência convencional (61,5%), iniciando pelo tronco (62,3%) e linha de solo (32,5%) (Tabela 37).

Tabela 37 -Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos expressivos: sequência e início do desenho, no desenho da Árvore.

Árvore – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Sequência	Convencional	46	63,9	26	57,8	72	61,5	0,509**
	Não convencional	26	36,1	19	42,2	45	38,5	
Início do Desenho	Copa	2	2,8	1	2,2	3	2,6	0,293**
	Galhos	0	0,0	2	4,4	2	1,7	
	Raízes	0	0,0	1	2,2	1	0,9	
	Solo	24	33,3	14	31,1	38	32,5	
	Tronco	46	63,9	27	60,1	73	62,3	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Quanto aos comentários espontâneos, realizados durante a fase gráfica da Árvore, 58,2% da amostra permaneceram em silêncio.

A atitude de aceitação razoável, frente à tarefa de desenhar a Árvore foi estatisticamente significativa, com maior proporção no sexo feminino (93,1%) em relação à amostra do sexo masculino (64,4%), conforme demonstrado na Tabela 38. Ainda na mesma Tabela, verifica-se ausência de emoções em 70,1% dos participantes.

Tabela 38 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos expressivos: comentários espontâneos, atitude e emoções, no desenho da Árvore.

Árvore – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Comentários espontâneos	Ausência	45	62,5	23	51,1	68	58,2	0,090**
	Excesso	3	4,2	7	15,6	10	8,5	
	Presença	24	33,3	15	33,3	39	33,3	
Atitude	Aceitação razoável	67	93,1	29	64,4	96	82,1	<0,001**
	Aceitação total	5	6,9	12	26,7	17	14,5	
	Indiferença	0	0,0	4	8,9	4	3,4	
Emoções	Ausência	53	73,6	29	64,4	82	70,1	0,292**
	Presença	19	26,4	16	35,6	35	29,9	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Apenas 10,3% da amostra demonstraram uma capacidade crítica exagerada (Tabela 39). Quanto ao aspecto rasuras, verificou-se diferença estatística entre os sexos, com maior proporção no sexo feminino (66,7%) para ausência de rasuras e o excesso de rasuras apareceu para 13,3% do sexo masculino e em nenhuma participante do sexo feminino (Tabela 39).

Tabela 39 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos expressivos: capacidade crítica e rasuras, no desenho da Árvore.

Árvore – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Capacidade crítica	Ausência	30	41,7	15	33,3	45	38,5	0,666**
	Exagerada	7	9,7	5	11,1	12	10,3	
	Presença	35	48,6	25	55,6	60	51,2	
Rasuras	Ausência	48	66,7	28	62,3	76	65,0	0,005**
	Excesso	0	0,0	6	13,3	6	5,1	
	Poucas	24	33,3	11	24,4	35	29,9	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Participantes do sexo feminino obtiveram pausas menores do que 5 segundos com maior proporção (95,8%) e estatisticamente significativa, do que participantes do sexo masculino (71,1%). Toda a amostra realizou o desenho da Árvore com TRI menor ou igual a 30 segundos. Quanto ao TTD, 91,5% dos participantes fizeram o desenho com tempo menor ou igual a 9 minutos, ficando dentro da média de tempo esperada pelos estudos realizados por Buck (2003), Hammer (1981/1978) e Van Kolck (1968, 1984). Todos esses resultados são apresentados na Tabela 40.

Tabela 40 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos expressivos: pausas, TRI e TTD, no desenho da Árvore. (continua)

Árvore – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Pausas	≤ 5"	69	95,8	32	71,1	101	86,3	<0,001**
	>5"	3	4,2	13	28,9	16	13,7	
TRI	≤ 30"	72	100,0	45	100,0	117	100,0	---

Árvore – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
TTD	≤ 9'	67	93,1	40	88,9	107	91,5	0,735**
	>13'	2	2,8	2	4,4	4	3,4	
	Entre 9' e 12'	3	4,2	3	6,7	6	5,1	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Conforme a Tabela 41, 81,2% dos participantes realizaram o desenho da Árvore, com o aspecto idade compatível, no entanto verificou-se que a maioria dos homens realizou o desenho da Árvore, de forma incompatível com o esperado para faixa de idade da amostra (31,1%), o que contrasta com apenas 2,8% das mulheres que realizaram o desenho com idade incompatível.

Tabela 41 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: idade, no desenho da Árvore.

Árvore – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Idade	Atrasado	2	2,8	14	31,1	16	13,7	<0,001**
	Avançado	3	4,2	3	6,7	6	5,1	
	Compatível	67	93,0	28	62,2	95	81,2	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Quanto ao aspecto adaptação ao tema, 100% dos participantes desenharam a Árvore adaptados ao tema (Tabela 42).

Tabela 42 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: adaptação ao tema, no desenho da Árvore.

Árvore – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Adaptação ao tema	Não	0	0,0	0	0,0	0	0,0	—
	Sim	72	100,0	45	100,0	117	100,0	
Total		72	100	45	100	117	100	

O desenho da Árvore foi realizado de forma convencional pela maioria dos participantes da amostra (85,5%), conforme mostrado na Tabela 43, sendo que apenas um participante do sexo masculino realizou a Árvore, de forma fantasiosa (Tabela 43).

Tabela 43 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: realização, no desenho da Árvore.

Árvore – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Realização	Convencional	64	88,9	36	80,0	100	85,5	0,252**
	Fantasiosa	0	0,0	1	2,2	1	0,9	
	Original	8	11,1	8	17,8	16	13,7	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Em relação aos aspectos de conteúdo solo e raiz, no desenho da árvore (Tabela 44), observou-se que 71,8% dos participantes desenharam linha de solo e, 60,7% não fizeram raiz. Nos 39,3% dos participantes que desenharam raiz, 19,7% fizeram a raiz aparente, acima da linha de solo e apenas 16,2% desenharam a raiz em transparência, abaixo da linha de solo. Nesses aspectos, não houve diferença estatística entre os sexos.

Tabela 44 -Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: solo e raiz, no desenho da Árvore.

Árvore – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Solo	Ausência	23	31,9	10	22,2	33	28,2	0,256**
	Presença	49	68,1	35	77,8	84	71,8	
Raiz	Ausência	45	62,5	26	57,8	71	60,7	0,611**
	Presença	27	37,5	19	42,2	46	39,3	
Raiz sobre solo***	Ausência	15	55,6	8	42,1	23	50,0	0,369**
	Presença	12	44,4	11	57,9	23	50,0	
Raiz embaixo do solo***	Ausência	15	55,6	12	63,2	27	58,7	0,606**
	Presença	12	44,4	7	36,8	19	41,3	

teste do qui-quadrado / * considerou-se apenas os com presença de raiz (n=46).

Na Tabela 45, verifica-se que todos os participantes da amostra (100%) desenharam o tronco da árvore e a maioria fez sulcos ou ranhuras na superfície do tronco (57,3%). A presença de nós no tronco é feita apenas por 22,2% dos participantes, enquanto 30,8% desenharam um galho na lateral do tronco, antes da copa. Buraco desenhado na superfície do tronco não é um aspecto de conteúdo comum, aparecendo em 12,8% da amostra.

Tabela 45 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: tronco, sulcos, nós, buraco e galhos, no desenho da Árvore. (continua)

Árvore – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Tronco	Ausência	0	0,0	0	0,0	0	0,0	—
	Presença	72	100,0	45	100,0	117	100,0	

Árvore – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Sulcos	Ausência	41	56,9	26	57,8	67	57,3	0,929**
	Presença	31	43,1	19	42,2	50	42,7	
Nós	Ausência	57	79,2	34	75,6	91	77,8	0,648**
	Presença	15	20,8	11	24,4	26	22,2	
Buraco	Ausência	64	88,9	38	84,4	102	87,2	0,484**
	Presença	8	11,1	7	15,6	15	12,8	
Galho lateral no tronco	Ausência	47	65,3	34	75,6	81	69,2	0,241**
	Presença	25	34,7	11	24,4	36	30,8	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Em relação aos aspectos de conteúdo da árvore (Tabela 46), observou-se maior proporção, estatisticamente significativa, de indivíduos do sexo feminino em presença de frutos (55,6%) e ausência de flores (86,1%). No presente estudo, constatou-se que nenhum homem da amostra desenhou flores na Árvore. A copa foi feita por 96,6% dos participantes. A maioria da amostra (57,3%) não desenhou galhos na copa e nem folhas (70,9%), apesar de não caracterizar diferença significativa entre os sexos.

Tabela 46 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: copa, galhos na copa, folhas, frutos e flores, no desenho da Árvore. (continua)

Árvore – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Copa	Ausência	2	2,8	2	4,4	4	3,4	0,638*
	Presença	70	97,2	43	95,6	113	96,6	

Árvore – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Galhos na copa	Ausência	46	63,9	21	46,7	67	57,3	0,067**
	Presença	26	36,1	24	53,3	50	42,7	
Folhas	Ausência	51	70,8	32	71,1	83	70,9	0,974**
	Presença	21	29,2	13	28,9	34	29,1	
Frutos	Ausência	32	44,4	31	68,9	63	53,8	0,010**
	Presença	40	55,6	14	31,1	54	46,2	
Flores	Ausência	62	86,1	45	100,0	107	91,5	0,007*
	Presença	10	13,9	0	0,0	10	8,5	
Total		72	100	45	100	117	100	

*teste exato de Fisher / **teste do qui-quadrado.

Na Tabela 47, observa-se o predomínio de participantes que não desenharam animais na árvore (90,6%), com ausência de transparência (58,1%), que não desenharam paisagem (91,5%), nem outros elementos (74,4%), tanto nos participantes do sexo feminino, quanto masculino.

Tabela 47 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: animais, transparência, paisagem e outros elementos, no desenho da Árvore. (continua)

Árvore – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Animais na árvore	Ausência	63	87,5	43	95,6	106	90,6	0,200*
	Presença	9	12,5	2	4,4	11	9,4	
Transparência	Ausência	37	51,4	31	68,9	68	58,1	0,062**
	Presença	35	48,6	14	31,1	49	41,9	

Árvore – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Paisagem	Ausência	64	88,9	43	95,6	107	91,5	0,313*
	Presença	8	11,1	2	4,4	10	8,5	
Outros elementos	Ausência	53	73,6	34	75,6	87	74,4	0,815**
	Presença	19	26,4	11	24,4	30	25,6	
Total		72	100	45	100	117	100	

*teste exato de Fisher / **teste do qui-quadrado.

Em relação aos aspectos expressivos da pessoa (Tabelas 48 a 62), observou-se maior proporção, estatisticamente significativa, de indivíduos do sexo feminino para posição da folha sem rotação (80,6%), tipo de traçado longo e contínuo (47,3%), detalhes essenciais (91,6%), localização ao centro (56,9%), ausência de movimento (93,1%), sequência iniciada pela cabeça (81,9%), presença de comentários espontâneos (62,5%), atitude de aceitação razoável (97,2%), pausas menores do que 5 segundos (88,9%) e idade compatível (84,7%).

Na Tabela 48 verifica-se que há, também, uma diferença significativa entre os sexos masculino (40,0%) e feminino (19,4%), em relação à presença de rotação na posição da folha, ao desenhar a Pessoa.

Tabela 48 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: posição da folha, no desenho da Pessoa.

Pessoa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Posição da folha	Com rotação	14	19,4	18	40,0	32	27,4	0,015**
	Sem rotação	58	80,6	27	60,0	85	72,6	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

No aspecto expressivo tamanho, verifica-se que tanto homens quanto mulheres realizaram um desenho médio da Pessoa (41,1%). O segundo índice, do sexo feminino, para frequência no tamanho da Pessoa foi de 27,8% para o tamanho grande, seguido de 15,3% para o desenho de tamanho pequeno. Quanto aos índices de frequência para o sexo masculino, constata-se que 17,8% fizeram o desenho no tamanho pequeno e 15,6% no tamanho grande, conforme demonstrado na Tabela 49.

Tabela 49 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: tamanho, no desenho da Pessoa.

Pessoa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Tamanho da pessoa	Muito pequeno	1	1,4	1	2,2	2	1,7	0,452**
	Pequeno	11	15,3	8	17,8	19	16,2	
	Médio	25	34,7	23	51,0	48	41,1	
	Grande	20	27,8	7	15,6	27	23,1	
	Muito grande	8	11,1	3	6,7	11	9,4	
	Ultrapassando margem	7	9,7	3	6,7	10	8,5	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

A pressão do lápis sobre o papel, no desenho da Pessoa, é forte em 73,5% dos participantes, sendo 79,2% no sexo feminino e 64,5% no sexo masculino, sem diferença estatística. Nota-se que apenas 0,9% da amostra empregou uma pressão fraca (Tabela 50).

Tabela 50 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: pressão, no desenho da Pessoa.

Pessoa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Pressão	Fraca	0	0,0	1	2,2	1	0,9	0,128**
	Média	15	20,8	15	33,3	30	25,6	
	Forte	57	79,2	29	64,5	86	73,5	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Como mencionado anteriormente, 47,3% das mulheres utilizaram um traçado longo e contínuo para realização do desenho da Pessoa, enquanto 44,5% dos homens realizaram traçado do desenho com avanços e recuos. Na Tabela 51, observa-se que o tipo de traçado curto e interrompido para os homens teve o menor índice de frequência, com 4,4%, diferença estatisticamente significativa.

Tabela 51 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: tipo de traçado, no desenho da Pessoa.

Pessoa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Tipo de traçado	Avanços e recuos	15	20,8	20	44,5	35	29,9	0,005**
	Curto e interrompido	17	23,6	2	4,4	19	16,2	
	Longo e contínuo	34	47,3	17	37,8	51	43,6	
	Reforçado	6	8,3	6	13,3	12	10,3	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

O aspecto que mais se destaca no item detalhes da Tabela 52 é o contraste entre a ausência de detalhes, mais presente no sexo masculino (24,4%) do que no sexo feminino (5,6%). Na presente amostra, apenas 5,1% apresentaram excesso de detalhes no desenho da figura humana.

Tabela 52 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: detalhes, no desenho da Pessoa.

Pessoa Expressivos	Aspectos	Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Detalhes	Ausência	4	5,6	11	24,4	15	12,8	0,003**
	Essenciais	66	91,6	30	66,7	96	82,1	
	Excesso	2	2,8	4	8,9	6	5,1	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

No aspecto expressivo localização da Pessoa, houve diferença estatisticamente significativa entre os sexos, sendo que apenas 1 participante do sexo feminino apresentou o desenho da figura humana no lado direito, sem ninguém do sexo masculino nessa característica. O contrário ocorreu com o desenho na metade superior, quando 2 participantes do sexo masculino apresentaram a figura humana na metade superior e nenhum do sexo feminino apresentou nessa localização (Tabela 53).

Tabela 53 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: localização, no desenho da Pessoa.

Pessoa Expressivos	Aspectos	Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Localização	Centro	41	56,9	20	44,4	61	52,1	0,026**
	Direito	1	1,4	0	0,0	1	0,9	
	Esquerdo	11	15,3	16	35,6	27	23,1	
Localização	Metade inferior	19	26,4	7	15,6	26	22,2	
	Metade superior	0	0,0	2	4,4	2	1,7	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Ao desenhar a Pessoa, 54,7% da amostra de participantes apresentaram ausência de simetria, seguida de 44,4% com preocupação adequada com a simetria, sem diferença estatística entre os sexos. O excesso de simetria foi observado em apenas 0,9% da amostra, ou seja 1 dos 117 participantes (Tabela 54).

Tabela 54 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: simetria, no desenho da Pessoa.

Pessoa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Simetria	Ausência	35	48,6	29	64,5	64	54,7	0,086**
	Excesso	0	0,0	1	2,2	1	0,9	
	Presença	37	51,4	15	33,3	52	44,4	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Na Tabela 55, vale destacar que há diferença significativa no item presença de movimento entre os sexos masculino (28,9%) e feminino (6,9%).

Tabela 55 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: movimento, no desenho da Pessoa.

Pessoa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Movimento	Ausência	67	93,1	32	71,1	99	84,6	0,001**
	Presença	5	6,9	13	28,9	18	15,4	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Na Tabela 56, observa-se que 70,1% dos participantes seguiram uma sequência convencional na realização do desenho da Pessoa, ou seja, a maioria dos participantes (75,2%) iniciou o desenho pela cabeça, seguido de 11,1% que começaram pela linha de solo. Apenas

1,7% da amostra iniciou o desenho pelo pescoço. Verificou-se também uma frequência baixa, mas presente, de indivíduos que iniciaram pelos pés (2,6%), pelas pernas (4,3%) e pelo tronco (5,1%). Há diferença estatisticamente significativa no aspecto de início de desenho, pois 11,1% dos participantes do sexo masculino iniciaram pelas pernas e nenhuma do sexo feminino iniciou o desenho dessa forma.

Tabela 56 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos expressivos: sequência e início do desenho, no desenho da Pessoa.

Pessoa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Sequência	Convencional	54	75,0	28	62,2	82	70,1	0,142**
	Não convencional	18	25,0	17	37,8	35	29,9	
Início do desenho	Cabeça	59	81,9	29	64,5	88	75,2	0,034**
	Pernas	0	0,0	5	11,1	5	4,3	
	Pés	1	1,4	2	4,4	3	2,6	
	Pescoço	2	2,8	0	0,0	2	1,7	
	Solo	7	9,7	6	13,3	13	11,1	
	Tronco	3	4,2	3	6,7	6	5,1	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Na Tabela 57, observa-se diferença significativa entre a maioria das mulheres que apresenta comentários espontâneos, enquanto desenha a Pessoa (62,5%) e a maioria dos homens que fica em silêncio durante o desenho (46,7%). A atitude de aceitação razoável frente às instruções e à tarefa de desenhar uma Pessoa foi encontrada em 86,4% da amostra da pesquisa, no entanto há presença de diferença significativa entre homens (68,9%) e mulheres (97,2%). Vale ressaltar que nenhum participante do sexo feminino mostrou atitude de indiferença frente à tarefa. Em relação à manifestação de emoções, durante a aplicação do H-T-P, constatou-se que houve presença em 57,3% da amostra, tanto em homens quanto mulheres, sem diferença estatística.

Tabela 57- Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos expressivos: comentários espontâneos, atitude e emoções, no desenho da Pessoa.

Pessoa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Comentários espontâneos	Ausência	24	33,3	21	46,7	45	38,5	0,032**
	Excesso	3	4,2	6	13,3	9	7,7	
	Presença	45	62,5	18	40,0	63	53,8	
Atitude	Aceitação razoável	70	97,2	31	68,9	101	86,4	<0,001**
	Aceitação total	2	2,8	6	13,3	8	6,8	
	Indiferença	0	0,0	8	17,8	8	6,8	
Emoções	Ausência	31	43,1	19	42,2	50	42,7	0,929**
	Presença	41	56,9	26	57,8	67	57,3	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Na Tabela 58, verifica-se que 65,8% dos participantes apresentaram capacidade crítica, com poucas rasuras (47%) ou ausência de rasuras (41%). Percebe-se também que 12% da amostra apresentaram excesso de rasuras.

Tabela 58 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos expressivos: capacidade crítica e rasuras, no desenho da Pessoa. (continua)

Pessoa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Capacidade crítica	Ausência	13	18,1	9	20,0	22	18,8	0,486**
	Exagerada	9	12,5	9	20,0	18	15,4	
	Presença	50	69,4	27	60,0	77	65,8	

Pessoa Expressivos	Aspectos	Sexo				Total		Valor p
		Feminino		Masculino				
		n	%	n	%	n	%	
Rasuras	Ausência	30	41,7	18	40,0	48	41,0	0,635**
	Excesso	7	9,7	7	15,6	14	12,0	
	Poucas	35	48,6	20	44,4	55	47,0	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

No aspecto expressivo tempo (Tabela 59) empregado no desenho da Pessoa, 82,1% realizaram pausas menores ou iguais a 5 segundos, sendo que há diferença significativa entre os sexos, pois a proporção de participantes do sexo feminino que fez pausas menores ou iguais a 5 segundos (88,9%) é maior do que do sexo masculino (71,1%). O TTR menor ou igual a 30 segundos foi encontrado em 92,3% da amostra. O TTD menor ou igual a 9 minutos foi observado também em 89,7%. Nesses dois últimos aspectos (TTR e TTD), não houve diferença estatisticamente significativa entre os sexos feminino e masculino. Vale ressaltar que 4,3% da amostra fizeram o TTD entre 9 e 12 minutos.

Tabela 59 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos expressivos: pausas, TTR e TTD, no desenho da Pessoa.

Pessoa Expressivos	Aspectos	Sexo				Total		Valor p
		Feminino		Masculino				
		n	%	n	%	n	%	
Pausas	≤ 5"	64	88,9	32	71,1	96	82,1	0,015**
	>5"	8	11,1	13	28,9	21	17,9	
TTR	≤ 30"	67	93,1	41	91,1	108	92,3	0,732*
	>30"	5	6,9	4	8,9	9	7,7	
TTD	≤ 9'	67	93,0	38	84,5	105	89,7	0,178**
	>13'	2	2,8	5	11,1	7	6,0	
	Entre 9' e 12'	3	4,2	2	4,4	5	4,3	
Total		72	100	45	100	117	100	

*teste exato de Fisher / **teste do qui-quadrado.

A Tabela 60 apresenta o indicador idade compatível em 76,9% dos indivíduos, ao fazerem o desenho da Pessoa, sendo 84,7% das mulheres e 64,5% dos homens, com diferença estatisticamente significativa.

Tabela 60 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: idade, no desenho da Pessoa.

Pessoa – Aspectos Expressivos	Aspectos	Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Idade	Atrasado	9	12,5	11	24,4	20	17,1	0,030**
	Avançado	2	2,8	5	11,1	7	6,0	
	Compatível	61	84,7	29	64,5	90	76,9	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Na Tabela 61, nota-se que 100% dos participantes apresentaram adaptação ao tema para desenhar a Pessoa, em conformidade com as instruções dadas.

Tabela 61 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: adaptação ao tema, no desenho da Pessoa.

Pessoa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Adaptação ao tema	Não	0	0,0	0	0,0	0	0,0	—
	Sim	72	100,0	45	100,0	117	100,0	
Total		72	100	45	100	117	100	

Em relação ao aspecto expressivo realização, 87,2% dos participantes fizeram o desenho da Pessoa, de forma convencional (Tabela 62). Destaca-se que 11,1% desenharam a Pessoa de forma original, como produção de criança, figura humana descalça, sombreada, além de desenhos de bailarina, de noiva, de pessoa de costas, badameco, entre outros. Houve, também, a presença de desenhos de Pessoa com aspecto fantasioso, tais como biscoito do Shrek e cabeça da figura humana, substituída por uma TV.

Tabela 62 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto expressivo: realização, no desenho da Pessoa.

Pessoa – Aspectos Expressivos		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Realização	Convencional	66	91,7	36	80,0	102	87,2	0,085**
	Fantasiosa	0	0,0	2	4,4	2	1,7	
	Original	6	8,3	7	15,6	13	11,1	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

As Tabelas 63 a 73 apresentam os resultados, estatisticamente significativos, com maior proporção de indivíduos do sexo feminino, em relação ao sexo masculino, na comparação dos aspectos de conteúdo da pessoa, segundo o próprio sexo (82,9%). Houve, também, diferença significativa em ausência de orelhas (72,2%), ausência de queixo (79,5%), presença de cílios (69,2%), presença de cabelo (92,3%), ausência de pernas (15,4%) e presença de transparência (homens, 26,7% e mulheres, 48,6%).

Participantes do sexo masculino realizaram o primeiro desenho de Pessoa, do próprio sexo (95,6%) em maior proporção, estatisticamente significativa, que as mulheres, ao desenharem a primeira figura humana do próprio sexo (75%). Apenas 4,4% dos homens que participaram da pesquisa desenharam a primeira Pessoa do sexo oposto ao deles (Tabela 63).

Tabela 63 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto de conteúdo: sexo da 1ª pessoa, no desenho da Pessoa.

Pessoa – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Próprio sexo	Não	18	25,0	2	4,4	20	17,1	0,004**
	Sim	54	75,0	43	95,6	97	82,9	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Em relação ao aspecto de conteúdo linha de solo, verificou-se que 77,8% da amostra não desenharam linha de solo (Tabela 64).

Tabela 64 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto de conteúdo: solo, no desenho da Pessoa.

Pessoa – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Solo	Ausência	57	79,2	34	75,6	91	77,8	0,648**
	Presença	15	20,8	11	24,4	26	22,2	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

A maioria dos participantes (91,5%) fez o desenho da Pessoa de corpo inteiro, sendo que apenas 8,5% fizeram o mesmo desenho, com a presença apenas do busto (Tabela 65).

Tabela 65 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto de conteúdo: busto, no desenho da Pessoa.

Pessoa – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Apenas o busto	Ausência	65	90,3	42	93,3	107	91,5	0,739*
	Presença	7	9,7	3	6,7	10	8,5	
Total		72	100	45	100	117	100	

*teste exato de Fisher.

A cabeça é um elemento essencial no desenho da Pessoa, bem como os traços faciais e detalhes que a compõem, tais como, olhos, boca e nariz (Buck, 2003). Na Tabela 66, verifica-se que 99,1% dos participantes da presente pesquisa desenharam a cabeça, sendo que apenas 1 participante (0,9%) substituiu a cabeça humana por uma televisão, caracterizado como um detalhe fantasioso.

Daqueles que desenharam a cabeça, 94,9% desenharam os olhos e a boca e 92,3% fizeram o nariz no desenho da Pessoa. Dos 7,7% que apresentaram ausência de nariz, 13,3% eram homens e 4,2% mulheres. Os detalhes orelhas e queixo não são considerados detalhes essenciais, por Buck (2003).

No entanto, na presente pesquisa, verificou-se a ausência de orelha em 59% dos desenhos realizados, notando-se a ausência em 72,2% dos desenhos da Pessoa feitos pelos participantes de sexo feminino, em contraste com 37,8% de ausência de orelha, nos desenhos feitos pelos participantes do sexo masculino, com diferença estatisticamente significativa.

Em relação ao conteúdo queixo, no desenho da Pessoa, em 79,5% dos desenhos houve a ausência de queixo, também, indicando diferença significativa entre os sexos, enquanto 31,1% dos homens fizeram o queixo, no desenho da Pessoa e apenas 13,9% das mulheres o fizeram.

Tabela 66 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: cabeça, olhos, boca, nariz, orelhas e queixo, no desenho da Pessoa.

Pessoa – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Cabeça (de tv)	Ausência	0	0,0	1	2,2	1	0,9	0,385*
	Presença	72	100,0	44	97,8	116	99,1	
Olhos	Ausência	2	2,8	4	8,9	6	5,1	0,202*
	Presença	70	97,2	41	91,1	111	94,9	
Boca	Ausência	2	2,8	4	8,9	6	5,1	0,202*
	Presença	70	97,2	41	91,1	111	94,9	
Nariz	Ausência	3	4,2	6	13,3	9	7,7	0,085*
	Presença	69	95,8	39	86,7	108	92,3	
Orelhas	Ausência	52	72,2	17	37,8	69	59,0	<0,001**
	Presença	20	27,8	28	62,2	48	41,0	
Queixo	Ausência	62	86,1	31	68,9	93	79,5	0,025**
	Presença	10	13,9	14	31,1	24	20,5	
Total		72	100	45	100	117	100	

*teste exato de Fisher / **teste do qui-quadrado.

Na Tabela 67, verifica-se diferença estatisticamente significativa para o aspecto conteúdo cílios e cabelo, no desenho da Pessoa. No aspecto cílios, constata-se que 69,2% apresentaram ausência dos cílios, sendo que 45,8% dos participantes do sexo feminino indicaram a sua presença, em contraste com 6,7% dos participantes do sexo masculino que desenharam os cílios.

Nota-se, também, que em 92,3% da amostra houve presença de cabelo, enquanto 2,8% das mulheres não desenharam o cabelo, contra 15,6% dos participantes do sexo masculino que também não o fizeram, indicando diferença significativa. Também constata-se a presença de sobrancelhas nos desenhos da Pessoa em 53,8% da amostra, enquanto houve ausência de barba (94,9%) e de bigode (96,6%), sem diferenças estatísticas.

Tabela 67 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: sobrancelhas, cílios, cabelo, pelos, barba e bigode, no desenho da Pessoa.

Pessoa – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Sobrancelhas	Ausência	35	48,6	19	42,2	54	46,2	0,500**
	Presença	37	51,4	26	57,8	63	53,8	
Cílios	Ausência	39	54,2	42	93,3	81	69,2	<0,001**
	Presença	33	45,8	3	6,7	36	30,8	
Cabelo	Ausência	2	2,8	7	15,6	9	7,7	0,026*
	Presença	70	97,2	38	84,4	108	92,3	
Pelos	Ausência	72	100,0	44	97,8	116	99,1	0,385*
	Presença	0	0,0	1	2,2	1	0,9	
Barba	Ausência	70	97,2	41	91,1	111	94,9	0,202*
	Presença	2	2,8	4	8,9	6	5,1	
Bigode	Ausência	70	97,2	43	95,6	113	96,6	0,638*
	Presença	2	2,8	2	4,4	4	3,4	
Total		72	100	45	100	117	100	

*teste exato de Fisher / **teste do qui-quadrado.

A amostra estudada indicou presença nos aspectos de conteúdo, do desenho da Pessoa para pescoço (89,7%), sendo que 8,9% dos participantes do sexo masculino apresentaram ausência de pescoço, sem diferença estatística em relação ao sexo feminino. Assim, também, nota-se a presença dos ombros em 85,5% e do tronco 86,3% da amostra (Tabela 68).

Tabela 68 -Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: pescoço, ombro e tronco, no desenho da Pessoa.

Pessoa – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Pescoço	Ausência	8	11,1	4	8,9	12	10,3	0,765*
	Presença	64	88,9	41	91,1	105	89,7	
Ombros	Ausência	9	12,5	8	17,8	17	14,5	0,431**
	Presença	63	87,5	37	82,2	100	85,5	
Tronco	Ausência	11	15,3	5	11,1	16	13,7	0,523**
	Presença	61	84,7	40	88,9	101	86,3	
Total		72	100	45	100	117	100	

*teste exato de Fisher / **teste do qui-quadrado.

Na Tabela 69, observa-se, no desenho da Pessoa, em que 90,6% dos participantes desenharam braços. As mãos foram desenhadas por 60,7% da amostra, sendo 56,9% feitas pelas mulheres e 66,7% pelos homens. Houve presença de dedos em 52,1% dos desenhos da amostra, enquanto 9,4% dos participantes desenharam mais de 5 dedos e 13,7% desenharam menos de 5 dedos. Essas características não tiveram diferenças estatísticas entre os sexos.

Tabela 69 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: braços, mãos e dedos, no desenho da Pessoa. (continua)

Pessoa – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Braços	Ausência	7	9,7	4	8,9	11	9,4	1,000*
	Presença	65	90,3	41	91,1	106	90,6	

Pessoa – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Mãos	Ausência	31	43,1	15	33,3	46	39,3	0,295**
	Presença	41	56,9	30	66,7	71	60,7	
Dedos	Ausência	35	48,6	21	46,7	56	47,9	0,838**
	Presença	37	51,4	24	53,3	61	52,1	
Mais de 5 dedos	Não	66	91,7	40	88,9	106	90,6	0,747*
	Sim	6	8,3	5	11,1	11	9,4	
Menos de 5 dedos	Não	64	88,9	37	82,2	101	86,3	0,307**
	Sim	8	11,1	8	17,8	16	13,7	
Total		72	100	45	100	117	100	

*teste exato de Fisher / **teste do qui-quadrado.

Em relação aos aspectos de conteúdo, no desenho da Pessoa, observa-se, nesta pesquisa, que houve presença de cintura (77,8%), de quadril (69,2%) e de pés (77,8%) na amostra. Constatou-se que houve diferença, estatisticamente significativa, para o aspecto de conteúdo pernas, no desenho da Pessoa, no qual apenas 6,7% dos desenhos feitos por homens apresentaram ausência do aspecto de conteúdo pernas, enquanto, a mesma ausência foi verificada em 20,8% dos desenhos realizados por mulheres, proporção estatisticamente maior (Tabela 70).

Tabela 70 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: cintura, quadril, pernas e pés, no desenho da Pessoa. (continua)

Pessoa – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Cintura	Ausência	19	26,4	7	15,6	26	22,2	0,170**
	Presença	53	73,6	38	84,4	91	77,8	
Quadril	Ausência	23	31,9	13	28,9	36	30,8	0,728**
	Presença	49	68,1	32	71,1	81	69,2	

Pessoa – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Pernas	Ausência	15	20,8	3	6,7	18	15,4	0,039**
	Presença	57	79,2	42	93,3	99	84,6	
Pés	Ausência	16	22,2	10	22,2	26	22,2	1,000**
	Presença	56	77,8	35	77,8	91	77,8	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

Na tabela abaixo, verifica-se a presença de roupas em 88% dos desenhos da Pessoa realizados pela amostra, sendo que 9,7% das mulheres e 15,6% dos homens desenharam com ausência de roupas, sem diferença estatística. No aspecto de conteúdo nu, do desenho da Pessoa, percebe-se que foi desenhada pessoa assexuada por 14,3% da amostra, enquanto, a figura humana também foi desenhada em badameco, só busto e só cabeça por 28,6%, respectivamente. Constata-se, ainda, que 71,8% da amostra não fizeram acessórios no desenho da Pessoa, tendo sido feito por 33,3% das mulheres e 20% dos homens, sem diferença estatística (Tabela 71).

Tabela 71 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: roupas e tipo de nu, no desenho da Pessoa.

Pessoa – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Roupas	Ausência	7	9,7	7	15,6	14	12,0	0,344**
	Presença	65	90,3	38	84,4	103	88,0	
Nú***	Assexuado	1	14,3	1	14,3	2	14,3	0,572**
	Badameco	2	28,6	2	28,6	4	28,6	
	Só busto	3	42,9	1	14,3	4	28,6	
	Só cabeça	1	14,3	3	42,9	4	28,6	
Acessórios	Ausência	48	66,7	36	80,0	84	71,8	0,119**
	Presença	24	33,3	9	20,0	33	28,2	

teste do qui-quadrado / * Considerado os que responderam ausência de roupa (n=14).

Na Tabela 72, observa-se que 87,2% dos participantes realizaram o desenho da Pessoa na posição em pé, de frente, seguidos por 5,1% em outras posições, sendo 4,3% em pé com meio perfil, e 1,7% em pé e de costas e, em pé com perfil total.

Tabela 72 – Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao aspecto de conteúdo: posição, no desenho da Pessoa.

Pessoa – Aspectos de Conteúdo	Sexo						Valor p	
	Feminino		Masculino		Total			
	n	%	n	%	n	%		
Posição	Em pé, de costas	1	1,4	1	2,2	2	1,7	0,079**
	Em pé, de frente	65	90,3	37	82,2	102	87,2	
	Em pé, meio perfil	1	1,4	4	8,9	5	4,3	
	Em pé, perfil total	0	0,0	2	4,4	2	1,7	
	Outros	5	6,9	1	2,2	6	5,1	
Total	72	100	45	100	117	100		

**teste do qui-quadrado.

Em relação ao aspecto de conteúdo transparência, no desenho da Pessoa, constata-se que em 59,8% dos desenhos, realizados pelos participantes, houve ausência de transparência, sendo que a presença de transparência foi feita por 48,6% dos participantes do sexo feminino e 26,7% do sexo masculino, indicando diferença estatisticamente significativa. Também nota-se que 94,9% da amostra apresentaram ausência de paisagem e 88% ausência de outros elementos, sem diferença estatística entre os sexos (Tabela 73).

Tabela 73 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas aos aspectos de conteúdo: transparência, paisagem e outros elementos, no desenho da Pessoa. (continua)

Pessoa – Aspectos de Conteúdo	Sexo						Valor p	
	Feminino		Masculino		Total			
	n	%	n	%	n	%		
Transparência	Ausência	37	51,4	33	73,3	70	59,8	0,018**
	Presença	35	48,6	12	26,7	47	40,2	

Pessoa – Aspectos de Conteúdo		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Paisagem	Ausência	67	93,1	44	97,8	111	94,9	0,404*
	Presença	5	6,9	1	2,2	6	5,1	
Outros elementos	Ausência	65	90,3	38	84,4	103	88,0	0,344**
	Presença	7	9,7	7	15,6	14	12,0	
Total		72	100	45	100	117	100	

*teste exato de Fisher / **teste do qui-quadrado.

Nota-se que na Tabela 74, 88,6% dos participantes desenharam a figura humana de forma convencional, sem indicar diferença estatisticamente significativa, seguida pelas formas não convencionais de cabeça (3,4%), badameco (1,7%), e 0,9% como bailarina, criança, descalço, noiva, biscoito do Shrek, cabeça de TV e de costas.

Tabela 74 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas ao tipo de pessoa desenhada.

Tipo da pessoa	Sexo						Valor p
	Feminino		Masculino		Total		
	n	%	n	%	n	%	
Convencional	67	93,0	37	82,3	104	88,6	0,157**
Cabeça	1	1,4	3	6,7	4	3,4	
Badameco	0	0,0	2	4,4	2	1,7	
Bailarina	1	1,4	0	0,0	1	0,9	
Criança	1	1,4	0	0,0	1	0,9	
Descalço	1	1,4	0	0,0	1	0,9	
Noiva	1	1,4	0	0,0	1	0,9	
Biscoito do Shrek	0	0,0	1	2,2	1	0,9	
Cabeça de TV	0	0,0	1	2,2	1	0,9	
De costas	0	0,0	1	2,2	1	0,9	
Total	72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

A localização da Casa, da Árvore e da Pessoa foram analisadas em relação à lateralidade destra e sinistra, sem diferença estatisticamente significativa (Tabela 75). Cabe ressaltar que a maioria dos participantes destros faz o desenho da Casa no lado esquerdo da folha (38,6%), enquanto a maioria dos participantes sinistros realizam o desenho da Casa no centro da folha (54,5%), sem diferença estatística. A maioria dos participantes (57,4%) realiza o desenho da Árvore no centro da folha, independente de sua lateralidade. Isso também foi observado no desenho da Pessoa (52,1%).

Tabela 75 -Distribuição da amostra, segundo características relacionadas à localização dos desenhos e lateralidade.

Item avaliado	Localização	Lateralidade						Valor p
		Direita		Esquerda		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Casa	Centro	36	34,0	6	54,5	42	35,9	0,640**
	Direita	7	6,6	0	0,0	7	6,0	
	Esquerda	41	38,6	3	27,3	44	37,6	
	Metade inferior	15	14,2	1	9,1	16	13,7	
	Metade superior	7	6,6	1	9,1	8	6,8	
Árvore	Centro	59	55,7	8	72,7	67	57,4	0,584**
	Direita	2	1,9	0	0,0	2	1,7	
	Esquerda	25	23,6	3	27,3	28	23,9	
	Metade inferior	10	9,4	0	0,0	10	8,5	
	Metade superior	10	9,4	0	0,0	10	8,5	
Pessoa	Centro	56	52,8	5	45,4	61	52,1	0,958**
	Direita	1	0,9	0	0,0	1	0,9	
	Esquerda	24	22,6	3	27,3	27	23,1	
	Metade inferior	23	21,7	3	27,3	26	22,2	
	Metade superior	2	1,9	0	0,0	2	1,7	
Total		72	100	45	100	117	100	

**teste do qui-quadrado.

As Tabelas 76, 77 e 78 apresentam a análise das cores predominantes de cada item avaliado, respectivamente Casa, Árvore e Pessoa, segundo o sexo. É importante ressaltar que mais de uma cor foi utilizada como predominante, por isso a soma das frequências não coincide com o total da amostra.

Como se observa na Tabela 76, o predomínio do uso da cor marrom (25%) e verde (16%) foi empregada tanto por mulheres quanto por homens, em relação às outras cores, no desenho da Casa (Tabela 76).

Tabela 76 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas às cores predominantes, no desenho da Casa.

Cor predominante	Sexo					
	Feminino		Masculino		Total	
	n	%	n	%	n	%
Marrom	53	27,2	27	21,6	80	25,0
Verde	33	16,9	19	15,2	52	16,2
Azul	24	12,3	18	14,4	42	13,1
Preto	22	11,3	20	16,0	42	13,1
Laranja	22	11,3	11	8,8	33	10,3
Vermelho	21	10,8	11	8,8	32	10,0
Amarelo	11	5,6	7	5,6	18	5,6
Roxo	3	1,5	2	1,6	5	1,6
Rosa	4	2,0	7	5,6	11	3,4
Vinho	1	0,5	1	0,8	2	0,6
Nude	1	0,5	1	0,8	2	0,6
Cinza	0	0,0	1	0,8	1	0,3

As cores verde (38,4%) e marrom (36,1%) foram as mais usadas por homens e mulheres no desenho da Árvore, conforme mostrado na Tabela 77.

Tabela 77 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas às cores predominantes, no desenho da Árvore.

Cor predominante	Sexo					
	Feminino		Masculino		Total	
	n	%	n	%	n	%
Verde	70	38,3	43	38,7	113	38,4
Marrom	67	36,6	39	35,1	106	36,1
Vermelho	23	12,6	10	9,0	33	11,2
Preto	7	3,8	5	4,5	12	4,1
Azul	5	2,7	6	5,4	11	3,7
Laranja	5	2,7	3	2,7	8	2,7
Rosa	5	2,7	2	1,8	7	2,4
Amarelo	1	0,5	2	1,8	3	1,0
Roxo	0	0,0	1	0,9	1	0,3

Na Tabela 78, verificam-se as cores preta, azul e marrom como as predominantes no desenho da Pessoa, com uma frequência de 19,8%, 18,5% e 16,2%, respectivamente, sendo que as mulheres utilizam mais a cor marrom (21,2%) e os homens a preta (25,2%) e a azul (23,5%).

Tabela 78 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas às cores predominantes, no desenho da Pessoa. (continua)

Cor predominante	Sexo					
	Feminino		Masculino		Total	
	n	%	n	%	n	%
Marrom	39	21,2	10	8,4	49	16,2
Preto	30	16,3	30	25,2	60	19,8
Azul	28	15,2	28	23,5	56	18,5
Vermelho	19	10,3	7	5,9	26	8,6
Amarelo	16	8,7	10	8,4	26	8,6
Rosa	19	10,3	14	11,8	33	10,9

Cor predominante	Sexo					
	Feminino		Masculino		Total	
	n	%	n	%	n	%
Laranja	9	4,9	6	5,0	15	5,0
Verde	9	4,9	9	7,6	18	5,9
Roxo	8	4,3	3	2,5	11	3,6
Nude	6	3,3	1	0,8	7	2,4
Vinho	1	0,5	0	0,0	1	0,3
Cinza	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Verde claro	0	0,0	1	0,8	1	0,3

Ao analisar a Tabela 79, quanto ao uso das cores, nota-se diferença significativa com maior proporção de mulheres, que utilizam adequadamente as cores no desenho da Pessoa (70,8%), em comparação com os homens que, em sua maioria (51,1%), não as emprega adequadamente. Observa-se, também, no total da amostra, adequação no uso das cores, para o desenho da Casa (66,7%) e da Árvore (89,7%).

Tabela 79 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas à adequação das cores, nos desenhos da Casa, da Árvore e da Pessoa.

Adequação das cores		Sexo						Valor p
		Feminino		Masculino		Total		
		n	%	n	%	n	%	
Casa	Não	26	36,1	13	28,9	39	33,3	0,420**
	Sim	46	63,9	32	71,1	78	66,7	
Árvore	Não	6	8,3	6	13,3	12	10,3	0,532*
	Sim	66	91,7	39	86,7	105	89,7	
Pessoa	Não	21	29,2	23	51,1	44	37,6	0,017**
	Sim	51	70,8	22	48,9	73	62,4	
Total		72	100,0	45	100,0	117	100,0	

*teste exato de Fisher / **teste do qui-quadrado

Nota-se pouca diferença na comparação entre os desenhos da fase acromática e cromática (47,9% classificaram-se como igual) na amostra total. No entanto, verifica-se uma diferença, estatisticamente significativa, quando comparada a fase acromática com a cromática entre os desenhos realizados por participantes do sexo feminino que foram classificadas como iguais em sua maioria (56,9%) e em uma proporção maior do que entre os do sexo masculino (33,3%) (Tabela 80).

Tabela 80 - Distribuição da amostra, segundo o sexo e as características relacionadas à comparação entre fase acromática e cromática.

Fase acromática x fase cromática	Sexo						Valor p
	Feminino		Masculino		Total		
	n	%	n	%	n	%	
Igual	41	56,9	15	33,3	56	47,9	0,045**
Melhorou	15	20,8	15	33,3	30	25,6	
Piorou	16	22,2	15	33,3	31	26,5	
Total	72	100,0	45	100,0	117	100,0	

*teste exato de Fisher / **teste do qui-quadrado.

9 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Retomando, nesta pesquisa, composta por uma amostra de homens e mulheres entre 18 e 60 anos de idade, com formação superior completa ou incompleta e sem histórico de doença mental, 61,54% eram do sexo feminino e 38,46% do masculino. A média de idade dos participantes foi de 33,9 anos.

O primeiro critério que chamou a atenção da pesquisadora e apresentou diferença significativa em todos os desenhos aplicados do H-T-P, entre homens e mulheres, foi a comparação entre o desenho e a idade do participante. Van Kolck (1968) sugere que a análise dos aspectos adaptativos do desenho configura um recurso importante para identificação de dados relevantes da vida emocional do indivíduo. Ela orienta ao psicólogo que compare o sexo, a idade e o nível sociocultural do indivíduo, com as qualidades gráficas dos desenhos feitos. Caso haja uma incompatibilidade clara, ela indica que aquele aspecto discordante seja melhor investigado.

Por se tratar de uma amostra não clínica, a maioria dos participantes desenhou a Casa (70,1%), a Árvore (81,2%) e a Pessoa (76,9%) compatíveis com sua idade cronológica. Contudo, houve diferença significativa entre sexo feminino e masculino, no desenho da Casa para idade compatível ($p = 0,025$), no desenho da Árvore para idade atrasada ($p < 0,001$) e no desenho da Pessoa, para idade compatível ($p = 0,030$).

A maioria dos participantes da amostra foi do sexo feminino, entretanto, indivíduos do sexo masculino fizeram o primeiro desenho de Pessoa do próprio sexo (95,6%) em maior proporção, estatisticamente significativa, que as mulheres, ao desenharem a primeira figura humana do próprio sexo (75%).

Houve diferença estatística em maior proporção ($p = 0,021$) na lateralidade destra para sexo feminino (95,8%), em comparação com 17,8% de homens sinistros.

Em relação ao TT, a maioria dos participantes (76,1%) realizou o teste H-T-P entre 30 e 90 minutos, sendo que apenas 8,5% fizeram em tempo inferior a 29 minutos e 15,4% obtiveram um TT acima de 91 minutos. A maioria da amostra fez cada um dos desenhos (TTD) dentro do tempo esperado de até 9 minutos, sendo 87,2% na Casa, 91,5% na Árvore e 89,7% na Pessoa. Quanto ao TRI, 95,7% dos participantes ficaram dentro do tempo esperado ($< 30''$), no desenho da Árvore, 100% e no da Pessoa, 92,3%.

Em relação à presença de pausas menores que 5'', em todos os desenhos, houve diferença significativa, em maior proporção para o sexo feminino, sendo $p = 0,037$ no desenho da Casa

(F=83,3% e M=66,7%), $p < 0,001$ no desenho da Árvore (F=95,8% e M=71,1%) e $p 0,015$ no desenho da Pessoa (F=88,9% e M=71,1%).

A maioria das mulheres fez o desenho da Árvore na posição em que a folha foi apresentada no início da aplicação, indicando diferença significativa ($p 0,029$) em relação aos homens (F=75% e M=55,6%). Porém, no desenho da Pessoa, foi observada diferença significativa ($p 0,015$) na posição da folha com rotação, para o sexo masculino (40%), em relação ao sexo feminino (19,4%).

Em relação ao aspecto tamanho, somente no desenho da Casa é que houve diferença significativa entre sexo masculino e feminino, com $p 0,011$ entre 33,4% de mulheres que fizeram a Casa em tamanho grande e 42,2% dos homens que fizeram em tamanho médio.

Foi observada diferença estatisticamente significativa na pressão forte no desenho da Casa ($p 0,001$) entre participantes do sexo feminino (73,6%) e masculino (42,2%), mesmo que a maioria da amostra tenha utilizado a pressão forte (61,5%).

No aspecto expressivo tipo de traçado, observou-se, no desenho da Árvore, uma diferença significativa em relação ao traçado longo e contínuo entre homens (57,7%) e mulheres (84,7%). No desenho da Pessoa, o traçado curto e interrompido, feito por pessoas do sexo masculino (4,4%), foi estatisticamente significante ($p 0,005$) em comparação às mulheres.

Interessante notar a presença de diferença, estatisticamente significativa, em relação ao aspecto expressivo detalhes essenciais nos desenhos da Casa e da Árvore. Essa diferença foi observada em maior proporção nos participantes do sexo feminino, com $p < 0,001$ nos desenhos da Casa (F=77,8% e M=48,9%) e Árvore (F=90,3% e M=48,9%). No entanto, destaca-se que no desenho da Pessoa a ausência de detalhes foi mais presente no sexo masculino que feminino, com $p 0,003$ (F=5,6% e M=24,4%).

No aspecto expressivo localização, observou-se que no desenho da Pessoa, nenhum homem usou o lado direito da folha, enquanto, apenas uma mulher o fez. De forma contrária, nenhuma mulher utilizou a metade superior da folha para desenhar a Pessoa, enquanto, dois homens o fizeram ($p 0,026$).

Outros aspectos expressivos que indicaram diferença, estatisticamente significante, entre os sexos foram ausência de simetria no desenho da Árvore ($p 0,006$; F=68,1% e M=57,8%); presença de movimento no desenho da Pessoa ($p 0,001$; M=28,9% e F=6,9%); sequência do desenho da Casa, feito de forma convencional ($p 0,005$; F=55,6% e M=28,9%) e começando pelo telhado ($p 0,018$; F=55,6% e M=28,8%), percebendo-se no sexo feminino, maior proporção que no sexo masculino; sequência no desenho da pessoa em que nenhum

participante do sexo feminino começou o desenho pelas pernas, enquanto 11,1% dos participantes do sexo masculino iniciaram o desenho por essa parte do corpo (p 0,034).

Houve presença de comentários espontâneos, no desenho da Pessoa, feitos por 62,5% das mulheres (p 0,032) em relação à ausência dos comentários nos homens (46,7%) e de atitude de aceitação razoável para o desenho da Casa (p 0,011; F=93,1% e M=73,4%), da Árvore (p < 0,001; F=93,1% e M=64,4%) e da Pessoa (p < 0,001; F=97,2% e M=68,9%).

Constatou-se, ainda, como visto nas tabelas anteriores, diferença significativa entre os sexos, na ausência de rasuras no desenho da Árvore (p 0,005; F=66,7% e M=62,3%), na realização convencional da Casa (p 0,034; F=93,1% e M=80,0%) e na presença de transparência no desenho da Casa (p < 0,001; F=61,1% e M=24,4%) e da Pessoa (p 0,018; F= 48,6% e M=26,7%).

Em relação ao aspecto de conteúdo da Casa, visão de baixo para cima, verificou-se diferença significativa (p < 0,001) entre participantes do sexo feminino (63,9%) que desenharam a Casa com essa perspectiva, em comparação com os participantes do sexo masculino (75,6%), que desenharam com ausência desta.

Os dois únicos aspectos de conteúdo no desenho da Árvore, que tiveram diferença significativa entre os participantes, foram a presença de frutos (p < 0,010) encontrada, em maior proporção, nas mulheres (55,6%) do que nos homens (31,1%) e a ausência de flores (p 0,007) encontrada em 100% dos homens em comparação a 86,1% das mulheres.

Considerando os aspectos de conteúdo do desenho da Pessoa, foi encontrada diferença, estatisticamente significativa, em ausência de orelhas (p < 0,001; F=72,2% e M=37,8%), presença de queixo (p 0,025; F=13,9% e M=31,1%), presença de cílios (p < 0,001; F=45,8% e M=6,7%), ausência de cabelo (p 0,026; F=2,8% e M=15,6%) e ausência de pernas (p 0,039; F=20,8% e M=6,7%).

Em relação ao predomínio de cores utilizadas pelos participantes da pesquisa, para fazerem os desenhos, verificou-se que as cores marrom (27,2%), verde (16,9%), azul (12,3%), preta e laranja (11,3%) foram as mais usadas por mulheres para o desenho da Casa e, marrom (21,6%), preto (16%), verde (15,2%) e azul (14,4%), as mais utilizadas pelos homens. No desenho da Árvore, tanto homens quanto mulheres utilizaram, predominantemente, as cores verde (F=38,3% e M=38,7%), marrom (F=36,6% e M=35,1%) e vermelho (F=12,6% e M=9%). Já no desenho da Pessoa, participantes do sexo feminino usaram mais as cores marrom (21,2%), preto (16,3%) e azul (15,2%), enquanto os homens usaram mais o preto (25,2%), azul (23,5%) e marrom (8,4%).

Finalmente, no desenho da Pessoa, houve adequação no uso das cores em 70,8% das mulheres, com $p = 0,017$, em relação ao uso inadequado em 51,1% dos homens. Na comparação entre os desenhos da fase acromática com cromática, houve diferença significativa ($p = 0,045$) em relação aos desenhos que se mantiveram iguais entre o sexo feminino (56,9%) e masculino (33,3%).

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como descrito nesta pesquisa e mencionado anteriormente, o Teste H-T-P é um dos instrumentos projetivos gráficos mais utilizados no Brasil. Sua aplicação não requer material oneroso, tornando-se acessível à maioria dos contextos de inserção dos Psicólogos que trabalham com Avaliação da Personalidade. Foi elaborado para investigar aspectos psicodinâmicos de indivíduos de toda faixa de idade, sejam crianças, adolescentes, adultos e idosos.

No entanto, estudos publicados até a presente data, que estabeleçam critérios de validade, precisão e fidedignidade, especificamente do instrumento H-T-P, são inexistentes no Brasil (Dias-Viana, 2020). Considerando a necessidade de compensar esse déficit, é que surgiu o interesse da pesquisadora, em associar sua prática clínica e acadêmica à construção de parâmetros normativos para o H-T-P. Foi então que, em 2016, a pesquisadora ingressou no doutorado. Submeteu seu projeto ao Comitê de Ética com Seres Humanos do IPUSP em 2017 e fez sua qualificação em 2018.

Vale assinalar que o começo da coleta de dados para a pesquisa teve início em 2019, alguns meses antes da pandemia do COVID-19. No projeto inicial, a amostra seria composta por, no mínimo, 30 indivíduos de 3 grupos de escolaridade (Ensino Fundamental I e II; Ensino Médio; Ensino Superior), 3 grupos etários (de 18 anos recém completados a 25 anos e 11 meses; 26 anos recém completados a 40 anos e 11 meses; 41 anos recém completados a 60 anos e 11 meses) e do sexo masculino e feminino, compondo, assim, dezoito grupos ao todo. Isso representaria uma amostra em torno de 540 participantes. Devido ao distanciamento social, em função da Pandemia, as aplicações foram suspensas e a amostra limitada apenas para o Ensino Superior, completo ou incompleto, já que era o grupo com maior número de aplicações realizadas.

Das 163 amostras coletadas, 46 foram excluídas por apresentarem algum dos critérios de exclusão. No entanto, como as informações, sobre esses critérios, foram dadas no início ou durante as aplicações já agendadas, mesmo que os participantes voluntários tivessem recebido as orientações dos critérios de exclusão, a pesquisadora fez a aplicação completa do H-T-P e separou esse material para futura pesquisa. A saber, 17 tinham acima de 61 anos, 06 moravam em outros estados e 23 apresentavam histórico de psicopatologia, com diagnóstico nos últimos 5 anos, restando uma amostra final de 117 participantes.

Como apontado anteriormente, a larga margem de idade – dos 18 aos 60 anos – nos participantes, foi, inicialmente, dividida em três grupos etários, no entanto não houve diferença significativa nas produções gráficas do H-T-P, em razão disso as faixas etárias foram agrupadas.

No início da pesquisa a proposta era trabalhar com uma amostra de indivíduos binários e não binários. Todavia, também em razão da pandemia, o número de participantes não binários não foi expressivo, restringindo, assim, em sexo masculino e feminino.

A principal dificuldade encontrada pela pesquisadora foi o extenso número de aspectos considerados para análise estatística, sendo utilizados mais de 170 itens. No entanto, cada um deles poderia ser tema para futuras pesquisas, visto que cada aspecto proporciona um vasto material de investigação, colaborando para o aprofundamento dos elementos interpretativos e normativos no H-T-P.

Ao concluir este trabalho, a pesquisadora foi tomada por muitas questões, que estiveram presentes durante a coleta de dados e que estão diretamente relacionadas ao uso do H-T-P e que serão expostas a seguir:

No projeto desta pesquisa, foi considerada uma amostra multicêntrica, com o foco principal de estabelecer parâmetros normativos das características comuns encontradas no H-T-P, apresentando um panorama amplo sobre os itens analisados e como estes eram representados pela população brasileira. Tendo em vista, as dificuldades enfrentadas com a Pandemia e a necessidade de reduzir, drasticamente, a amostra, a pesquisadora viu-se limitada a restringir este estudo ao estado de São Paulo e ao nível de escolaridade superior. Sendo assim, percebe-se a necessidade de elaboração de estudos, com a mesma finalidade, em todo o território brasileiro, que gerarão informações relevantes sobre o teste H-T-P, ampliando sua aplicabilidade.

Alguns aspectos considerados na análise interpretativa do H-T-P são mais qualitativos e subjetivos. No manual do teste (Buck, 2003), esses aspectos gerais, adaptativos, expressivos e projetivos ou de conteúdo não estão claramente descritos. São eles: adaptação ao tema, realização, comentários espontâneos, atitude, capacidade crítica, rasuras, pausas durante a tarefa, emoções, entre outros.

A pesquisadora considera que, para evitar distorções interpretativas, esses aspectos devem ser descritos de forma mais detalhada, inclusive, com ilustrações, tal qual o “*House-Tree-Person Drawings: an illustrated diagnostic handbook*”, editado pela WPS, nos EUA (Wenck, 2007/1977), porém com amostra brasileira.

Ainda sobre aumentar as referências de interpretação do H-T-P, Jolles (1971/1964) elaborou “*A Catalogue for the qualitative interpretation of the H-T-P (revised)*”, que é vendido

como material adicional ao teste H-T-P, nos EUA e que serviria como recurso para atender a escassez de material dessa natureza, no Brasil.

Nessa mesma perspectiva, Hutton (1994), em "*House-Tree-Person and Draw-a-Person as measures of abuse in children: a quantitative scoring system*", apresenta um sistema de pontuação para ser usado no H-T-P e no D-A-P frente à triagem de crianças com suspeita de abuso sexual. Como visto no desenvolvimento deste trabalho, no Brasil, o uso do H-T-P é frequentemente utilizado no contexto jurídico, junto às varas de infância, adolescência e família, carecendo de referências específicas na avaliação de violência sexual. Esse material poderia atender às demandas dessa área.

No entanto, assim como para o material de Wenck, Jolles e Hutton há necessidade de produzir estudos para a população brasileira.

Os PDIs foram usados na pesquisa para esclarecer dúvidas sobre alguma parte do desenho que poderia não estar clara. As respostas dadas aos PDIs não foram consideradas como elementos de análise de frequência, mas se mostraram de suma importância para revelar aspectos da vida psíquica dos participantes, mesmo considerando não ser essa a intenção deste trabalho. Desenvolver pesquisas que explorem os aspectos de representação simbólica envolvidas nas respostas pode contribuir para aprimorar essa etapa, na aplicação completa do H-T-P, do ponto de vista qualitativo.

Concluindo, a pesquisa indicou que existem diferenças significativas na maioria dos aspectos expressivos, no entanto, nos aspectos gerais, adaptativos e de conteúdo as diferenças não se mostraram estatisticamente relevantes. A partir disso, é evidente a necessidade de novas pesquisas sobre o H-T-P, em território brasileiro, que criem parâmetros normativos em diferentes populações, faixas etárias e condições socioculturais, pois na prática profissional e avaliação psicológica, o H-T-P tem se mostrado eficiente para identificar sinais da psicodinâmica do indivíduo, além de colaborar para a compreensão de quadros psicopatológicos.

REFERÊNCIAS

- Almeida, A. M. D. (2020). *Indicadores psíquicos de puérperas do alojamento conjunto do Hospital Universitário Júlio Muller de Cuiabá/MT e a interrupção precoce do aleitamento exclusivo*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal de Mato Grosso.
- Alves, I. C. B. (1986). *O desenho da casa: Evolução e possibilidades diagnósticas*. [Tese de Doutorado]. Universidade de São Paulo.
- Alves, I. C. B.; Alchieri, J. C., & Marques, K. C. (2002). *As técnicas de exame psicológico ensinadas nos cursos de graduação de acordo com os professores*. *Psico-USF*, 7(1), 77 - 88.
- Amorim, P. T.; Oliveira, F. B.; Souza, M. A., & de Souza, T. M. (2022). *Utilização de técnicas projetivas com crianças brasileiras: Revisão sistemática*. *Research, Society and Development*, 11(9).
- Andrade, M. L. (2013). *Depois do temporal: um estudo psicodinâmico sobre a criança enlutada e seus pais*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade de São Paulo.
- Anastasi, A., & Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica*. Artes Médicas.
- Anzieu, D. (1989). *Os métodos projetivos*. Campus. (Original publicado em 1976)
- Arzeno, M. E. G. (1995). *Psicodiagnóstico clínico: novas contribuições*. Artmed.
- Azenha, M. G. (1997). *Imagens e letras: Ferreiro e Lúria duas teorias psicogenéticas*. Editora Ática.
- Bédard, N. (2010). *Como interpretar os desenhos das crianças*. Editora Isis.
- Bernstein, J. (1978). El test de la pareja humana. In Bell, J. *Técnicas proyectivas*. Paidós.
- Borges, K. N. (2020). *Indicadores emocionais de adolescentes vítimas de abuso sexual: estudo compreensivo de casos múltiplos*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal de Mato Grosso.
- Borsa, J. C. (2010). *Considerações sobre o uso do teste da Casa-Árvore-Pessoa – HTP*. *Avaliação Psicológica*, 9(1), 151-154.
- Brasil, M. D. G. N.; Ferreira, S. D. F. B.; Neves, P. H.; Santos, I. C. G., & Silva, D. D. M. (2021). *Avaliação neuropsicológica na síndrome de Prader-Willi: estudo de caso*. *Brazilian Journal of Development*, 7(4), 41589-41600.
- Buck, J. N. (1946). *The H-T-P: A measure of adult intelligence and a projective device*. *American Psychologist*, 1, 285-286.

- Buck, J. N. (1948). *The H-T-P technique: A qualitative and quantitative scoring manual*. *Journal of Clinical Psychology*, 4, 317-396.
- Buck, J. N. (1950). *Administration and Interpretation of the H-T-P Test: Proceedings of the H-T-P Workshop held at Veterans Administration Hospital, Richmond, Virginia, March 31-April 2*. WPS.
- Buck, J. N. (1987) *The House-Tree-Person Technique – Revised Manual*. WPS.
- Buck, J. N. (2003). *H-T-P: Casa - Árvore - Pessoa. Técnica projetiva de desenho: manual e guia de interpretação*. Vetor. (Original publicado em 1964).
- Buck, J. N. & Hammer, E. F. (1969) *Advances in The House-Tree-Person Technique: variations and applications*. WPS.
- Burns, R.C. (2009). *Kinetic-House-Tree-Person drawings (K-H-T-P). An interpretative manual*. Routledge. (Original publicado em 1987).
- Cardoso, Á. L., Silva, G. M., Campos, T. P. S., Ciraulo, L. M., & Gaudêncio, C. A. (2020). *Avaliação psicológica de agressores sexuais no contexto brasileiro: Instrumentos e perspectivas*. *Revista Brasileira de Direito Processual Penal*, 6(1), 247-281.
- Cardoso, L. L., Alberton, N. V. B.; Fernandes, F. S., & Castro, A. (2019). *Percepção de familiares, crianças e adolescentes em tratamento oncológico sobre o papel do psicólogo*. *Id on Line Ver.Mult. Psic.*, vol.13, n.46, p. 508-523.
- Cattaneo, B. H. (2020). *El dibujo em el contexto del psicodiagnóstico*. Paidós.
- Cohen, R. J., Swerdlik, M. E., & Sturman, E. D. (2014). *Testagem e avaliação psicológica: introdução a testes e medidas*. AMGH.
- Cox, M. (2007). *Desenho da criança*. Martins Fontes.
- Conselho Federal de Psicologia (2003). *Resolução n.º 002, de 24 de março de 2003*. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2003/03/resolucao2003_02_Anexo.pdf>. Acesso em: 06/09/2017.
- Conselho Federal de Psicologia (2018). *Resolução n.º 009, de 25 de abril de 2018*. Disponível em: <https://satepsi.cfp.org.br/docs/ResolucaoCFP009-18.pdf>. Acesso em: 15/05/2018.
- Conselho Nacional de Saúde (2012). *Resolução no. 466, de 12 de dezembro de 2012*. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 10/09/2017.
- Cunha, J. A. (2000). Módulo VII – Catálogo de técnicas úteis. In: Cunha J. A., & colaboradores. *Psicodiagnóstico-V*. (pp. 202-290). Artmed.

- Cunha, J. A. & Freitas, N. K. (2000). Módulo XII – Técnicas de fazer desenhos. In: Cunha J. A., & colaboradores. *Psicodiagnóstico-V*. (pp. 519-528). Artmed.
- Derdyk, E. (2010). *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. Zouk.
- Diamond, S. (1954). The house and tree in verbal fantasy: I. Age and sex differences in themes and content. *Journal of Projective Techniques*, 18:3, 316-325. DOI: 10.1080/08853126.1954.10380564
- Dias-Viana, J. L. (2020). Propriedades psicométricas do Teste House-Tree-Person (HTP): Análise da produção científica brasileira. *Psicologia para América Latina*, (34), 159-170.
- Dias-Viana, J. L., & Da Costa, T. M. (2021). Formação, contexto, instrumentos e prática profissional de psicólogos em avaliação psicológica. *Psicologia Argumento*, 39(105), 408-429.
- Di Leo, J.H. (1985). *A interpretação do desenho infantil*. Artes Médicas.
- Farah, F. H. Z.; Cardoso, L. M. & Villemor-Amaral, A. E. (2014). Precisão e Validade do Pfister para avaliação de crianças. *Avaliação Psicológica*, 13(2), 187-194.
- Franco, R. R. C. (2012). Estudo de caso pelo método fenômeno-estrutural. *Avaliação Psicológica*, 11(3), 347-360, dezembro.
- Frank, L. K. (1939). Projective methods for the study of personality. *Journal of Psychology: Interdisciplinary and Applied*, 8, 389-413. DOI: 10.1080/00223980.1939.9917671
- Freitas, F. A., & Noronha, A. P. P. (2005). Clínica-escola: levantamento de instrumentos utilizados no processo psicodiagnóstico. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9(1), 87- 93.
- Freitas, J. C. A., & Santos, M. L. G. (2020). Avaliação psicológica de crianças nas varas da infância e juventude: composição de possibilidades em organograma. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 11(1), 257-271.
- Freud, S. (2010) Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia relatado em autobiografia: (“O Caso Schreber”): artigos sobre técnica e outros textos. In: *Obras Completas, volume 10* [tradução e notas Paulo César de Souza]. Companhia das Letras. (Original publicado em 1911-1913).
- Freud, S. (2012) Totem e Tabu, contribuições à história do movimento psicanalítico e outros textos. In: *Obras Completas, volume 11* [tradução Paulo César de Souza]. Companhia das Letras. (Original publicado em 1912-1914).
- Freud, S. & Breuer, J. (2016) Estudos sobre a histeria. In: *Obras Completas, volume 2* [tradução Laura Barreto; revisão da tradução Paulo César de Souza]. Companhia das Letras. (Original publicado em 1893-1895).

- Freud, S. & Fliess, W. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhem Fliess*. Imago Ed. (Original publicado em 1887-1904).
- Fromont, G (1980). Síntesis bibliográfica. In: Stora, R. *El test del árbol*. Paidós. (Original publicado em 1948).
- Goodenough, F. L. (1926). *Measurement of intelligence by drawings*. World Book Company.
- Grassano, E. (2004). *Indicadores psicopatológicos nas técnicas projetivas*. Casa do Psicólogo.
- Greig, P. (2004). *A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita*. ArtMed.
- Hammer, E. F. (Org.). (1981). *Aplicações clínicas dos desenhos projetivos*. Interamericana. (Original publicado em 1969).
- Hammer, E. F. (1954). Comparison of the performances of negro children and adolescents on two tests of intelligence, one an emergency scale. *The Pedagogical Seminary and Journal of Genetic Psychology*, 84:1, 85-93. DOI: 10.1080/08856559.1954.10533668
- Hammer, E. F. (1991). *The House-Tree-Person (H-T-P) clinical research manual*. WPS. (Original publicado em 1964).
- Hammer, E. F. (1969). *Tests proyectivos gráficos*. Paidós.
- Hammer, E. F. (1997) *Advances in projective drawing interpretation*. Charles C. Thomas Publisher Ltd.
- Hogan, T. P. (2006). *Introdução à prática de testes psicológicos*. LTC.
- Hurlock, E. B., & Thomson, J. L. (1934). Children's drawings: An experimental study of perception. *Child Development*, 5, 127-138.
- Hutton. V. V. (1994). *House-Tree-Person and Draw-a-Person as measures of abuse in children: a quantitative scoring system*. Psychological Assessment Resources.
- Jacob, A. V., Loureiro, S. R., Marturano, E. M., Linhares, M. B. M., & Machado, V. L. S. (1999). *Aspectos afetivos e o desempenho acadêmico de escolares*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(2), 153-162.
- Joles, I. (2004). *A catalog for the qualitative interpretation of the House-Tree-Person (H-T-P)*. WPS. (Original publicado em 1964).
- Klepsch, M., & Logie, L. (1984). *Crianças desenham e comunicam: uma introdução aos usos projetivos dos desenhos infantis da figura humana*. Artes Médicas.
- Kock, K. (1978). *Teste da árvore*. Editora Mestre Jou. (Original publicado em 1949).
- Lago, V. M., & Bandeira, D. R. (2008). As práticas em avaliação psicológica envolvendo disputa de guarda no Brasil. *Avaliação Psicológica*, 7(2), 223-234.
- Lowenfeld, V. (1977). *A criança e sua arte*. Editora Mestre Jou.

- Lowenfeld, V., & Brittain, W. L. (1970). *Desenvolvimento da capacidade criadora*. Editora Mestre Jou.
- Luquet, G.H. (1969) *O desenho infantil*. Porto: Minho, Portugal. (Original publicado em 1927).
- Macedo Neto, A. J. D., Granado, L. C., & Salles, R. J. (2020). *A compreensão das atitudes diante do diagnóstico de câncer de próstata no processo psicodiagnóstico interventivo*. *Revista da SBPH*, 23(1), 66-80.
- Machover, K. (1974). *Proyección de la personalidad en el dibujo de la figura humana*. Ediciones Cultural. (Original publicado em 1949).
- Magnus, A., & De Medeiros Lago, V. (2020). Processos de avaliação psicológica forense em situação de disputa de guarda no contexto sul brasileiro. *Psicologia em Revista*, 26(2), 580-604.
- Mèredieu, F. (2006). *O desenho infantil*. Cultrix.
- Mikami, N. (1995). *The S-HTP Technique: The clinical and Developmental Approach in Synthetic-H-T-P Test*. Seishinshobo, Tokyo.
- Pereira, E., Menegatti, C., Percegon, L., Aita, C. A., & Riella, M. C. (2007). *Aspectos psicológicos de pacientes diabéticos candidatos ao transplante de ilhotas pancreáticas*. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 59(1), 62-71.
- Pereira, R. S. (2011). *Transtornos dissociativo e histriônico: Contribuições da avaliação psicodiagnóstica*. [Monografia de curso de aprimoramento]. Universidade de São Paulo.
- Perondi, D., Tronca, D. S., & Tronca F. Z. (2001). *Processo de alfabetização e desenvolvimento do grafismo infantil*. EDUCS.
- Pillar, A. D. (2012). *Desenho e escrita como sistemas de representação*. Penso.
- Rabello, N. (2014). *O desenho infantil: entenda como a criança se comunica por meio de traços e cores*. Wak Editora.
- Rabello, N. (2015). *O desenho do idoso: as marcas e os simbolismos que o tempo traz*. Wak Editora.
- Reppold, C. T., & Hutz, C. S. (2008). *Investigação psicodiagnóstica de adolescentes: encaminhamentos, queixas e instrumentos utilizados em clínicas-escolas*. *Avaliação Psicológica*, 7(1), 85-91.
- Rocco, M. C. C. (2019). *Experiência materna, psicodinamismos e o desenvolvimento do self de mulheres e meninas vítimas de abuso sexual: um estudo transgeracional*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade de São Paulo.
- Salgado, G. (2021). *O ensino de avaliação psicológica no estado de São Paulo: análise dos programas das disciplinas*. [Monografia]. Universidade Federal de São Carlos.

- Santos, C. N., & Gazzaneo, L. V. A. (2021). *Testes projetivos aplicados ao processo de recrutamento e seleção de pessoas: o diferencial do teste dos seis desenhos. Uma Nova Pedagogia para a Sociedade Futura*, 156-168.
- Santos, F. A. (2014). *Características psicológicas, faciais e buco-dentárias de crianças com bruxismo da Clínica de Odontopediatria da Faculdade de Odontologia Araçatuba – UNESP*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Estadual Paulista.
- Schreber, D. P. (2006) *Memória de um doente dos nervos*. Paz e Terra. (Original publicado em 1905).
- Schütz, D. M., Hausen, D. O., Costa, D. B., Paulachi, R. A., & Irigaray, T. Q. (2022). Caracterização e operacionalização de perícias psicológicas em processos de disputa de guarda. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, 10(1), 96-104.
- Silva, F. M. A. M., Silva, S. M. M., Monteiro, S. G., & Branco, A. G. C. C. (2011). Variáveis disfuncionais: Prejuízos causados pela hospitalização de crianças com câncer. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 80(1), 166-187
- Silva, F. M. A. M., Silva, S. M. M., Monteiro, S. G., Nascimento, M. D. S. B., & Santos, S. M. (2010). Cuidado paliativo: Benefícios da ludoterapia em crianças hospitalizadas com câncer. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 78(1), 168-183.
- Silva, J. M. M., & Avelar, T. C. (2014). *Crianças em situação de rua e suas representações sobre lar e família por meio do desenho. Psicologia: Argumento*, 32(76), 69-77.
- Silva, K., & Belmonte-de-Abreu, P. (2016). Psicodiagnóstico nas psicoses. In: Hutz, C. S.; Bandeira, D. R.; Trentini, C. M & Krug, J. S. *Psicodiagnóstico*. Artmed.
- Silva, M. F. X., & Villemor-Amaral, A. E. (2006). *A auto-estima no CAT-A e HTP: estudo de evidência de validade. Avaliação Psicológica*, 5(2), 205-215.
- Silva, M. L. E. (1981). *Interpretação de testes projetivos: projeção e representação*. Campus.
- Silva, S. M. C. (2002). *A constituição social do desenho da criança*. Mercado de Letras.
- Silva, T. M. M. D. (2021). *Avaliação psicológica de crianças testemunhas da violência intrafamiliar*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade de São Paulo.
- Stanley, H. M. (2016). *In darkest Africa*. Sampson Low. (Original publicado em 1890).
- Stora, R. (1980). *El test del árbol*. Paidós. (Original publicado em 1948).
- Tardivo, L. S. (2019). *O desenho da Casa-Árvore e Pessoa no Contexto Brasileiro: Estudos de Fidedignidade e Validação*. Relatório Científico. Projeto FAPESP: 2016/10115-8.
- Uliana, R. S., & Cunha, M. C. (2020). *Intervenções Assistidas por Animais na expressão psíquica de Deficientes Intelectuais Adultos (IAA e Deficiência intelectual)*. *Distúrbios da Comunicação*, 32(1), 114-123.

- Ultramari, S. R. (2007). *Opinião de crianças sobre o lar de longa permanência para idosos: mudanças por contato lúdico*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Metodista de São Paulo.
- Van Hutton, V. (1994) *House-tree-person and draw-a-person as measures of abuse in children: a quantitative scoring system*. Psychological Assessment Resources (PAR).
- Van Kolck, O. L. (1981). *Técnicas de exame psicológico e suas aplicações no Brasil*. Volume 2. Vozes. (Original publicado em 1975).
- Van Kolck, O. L. (1968). *Interpretação psicológica de desenhos: três estudos*. Pioneira.
- Van Kolck, O. L. (1984). *Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico*. EPU.
- Vergueiro, P. W., Wahba, L. L., Conforto, A. B., Masini, M. L. H., & Fuso, S. F. (2013). *Um estudo do processo expressivo de afásicos sob enfoque da Psicologia junguiana*. *Acta fisiátrica*, 20(3), 129-137.
- Wenck, L. S. (2007) *House-Tree-Person Drawings: an illustrated Diagnostic Handbook*. WPS. (Original publicado em 1977).
- Widlöcher, D. (1971). *Interpretação dos desenhos infantis*. Editora Vozes.
- Xavier, M. F., Pereira, P. A., Pupo, A. C. S., & Silva, M. C. R. (2015). *Particularidades do enfrentamento psicológico a partir do diagnóstico de recidiva de câncer*. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 35(89), 409-423.
- Zavala, C. P., Elmor, P. M., & Lourenço, L. M. (2021). *Instrumentos de identificação da alienação parental no contexto jurídico: uma revisão sistemática da literatura*. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 14(SPE), 1-20.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PARTICIPANTE DE PESQUISA

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa “*O teste do desenho da Casa-Árvore-Pessoa (H-T-P) em adultos paulistas*” que se propõem a estudar a técnica projetiva H-T-P (*House-Tree-Person Technique*). A tarefa consiste em fazer alguns desenhos e responder perguntas sobre eles. Para realizar a atividade, não é necessária habilidade artística.

Os dados para o estudo serão coletados por meio de uma breve entrevista e da aplicação completa do H-T-P. Os instrumentos de coleta serão aplicados pelo Pesquisador Responsável ou auxiliares da pesquisa, com período aproximado de duas horas. Caso haja indisponibilidade por falta de tempo, cansaço ou mobilidade emocional, um segundo encontro será marcado com intervalo de, no máximo, uma semana.

Tanto os instrumentos de coleta de dados, quanto o contato interpessoal e a aplicação da técnica oferecem riscos mínimos aos participantes. No entanto, caso você necessite, será prestado atendimento imediato e sem ônus de qualquer espécie. Caso haja despesas decorrentes da participação na pesquisa, tais como transporte e alimentação, estas serão ressarcidas ao participante.

Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso ao Pesquisador Responsável para o esclarecimento de eventuais dúvidas e terá o direito de retirar a permissão para participar do estudo a qualquer momento, sem qualquer penalidade ou prejuízo.

As informações coletadas serão analisadas em conjunto com a de outros participantes e será garantido o sigilo, a privacidade e a confidencialidade dos dados obtidos, sendo resguardado o nome dos participantes (apenas o Pesquisador Responsável e os auxiliares terão acesso a essa informação), bem como a identificação do local da coleta de dados. Os dados em conjunto poderão ser divulgados em eventos e publicações científicas, omitindo a identidade dos participantes.

Todos os participantes receberão duas vias deste Termo de Consentimento, que será lido e assinado, sendo a participação voluntária. Uma via ficará com o participante e outra com o pesquisador.

Caso você tenha alguma consideração ou dúvida sobre os aspectos éticos da pesquisa, poderá entrar em contato com a **Pesquisadora Responsável**, no telefone (11) 98517-4747 ou pelo e-mail denise.mraz@usp.br. Sobre os aspectos éticos, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Seres Humanos do IPUSP (Endereço: Av. Prof. Mello Moraes, 1721 – bloco G, sala 27; Cidade Universitária; CEP 05508-030; São Paulo/SP; telefone: 11-3091-4182; e-mail: ceph.ip@usp.br).

Desde já agradecemos a sua atenção e colaboração para realização da pesquisa.

Eu, (nome do participante), declaro que li e entendi os objetivos deste estudo e que as dúvidas que tive foram esclarecidas pela Pesquisadora Responsável ou auxiliar de pesquisa. Estou ciente de que a participação é voluntária, e que, a qualquer momento, tenho o direito de obter outros esclarecimentos sobre a pesquisa e de retirar-me dela, sem qualquer penalidade ou prejuízo.

Fui certificada de que as informações que fornecerei terão caráter confidencial e que recebi uma via do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Nome: _____

RG: _____ CPF: _____ Sexo: _____

Data de Nascimento: ___ / ___ / ___ Local de Nascimento: _____ UF: . _____

Endereço: _____ n°: _____

Compl: _____ CEP: _____ Cidade: _____ UF: _____

. _____

Telefone celular: (____) _____ Telefone fixo: (____) _____

Assinatura do Participante da Pesquisa:

Declaro que expliquei ao Participante da Pesquisa os procedimentos a serem realizados neste estudo, seus eventuais riscos/desconfortos, possibilidade de retirar-se da pesquisa sem qualquer penalidade ou prejuízo, assim como esclareci as dúvidas apresentadas.

Denise Teixeira Mráz Zapparoli
Pesquisadora Responsável
denise.mraz@usp.br
(11) 98517-4747

Irai Cristina Boccato Alves
Orientadora Responsável
iraicba@usp.br

Local: _____ UF: _____ Data: ___ / ___ / ___

APÊNDICE B – Questionário de Levantamento socioeconômico

I. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO			
Nº da Aplicação		Iniciais	
Lateralidade		Deficiência	
Idade		Data de Nascimento	
Local de Nascimento		UF	
Cidade que reside		UF	
Sexo		Estado Civil	
Nível de Instrução³ <input type="checkbox"/> Ensino superior (acima de 12 anos de estudo) <input type="checkbox"/> Ensino Médio (10 a 12 anos de estudo) <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental II (6 a 10 anos de estudo) <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental I (1 a 6 anos de estudo)			
Profissão			
Habilidade Artística			

II. QUESTIONÁRIO PESSOAL	
Constituição da família de origem (sexo, idade, profissão, estado civil)	
Estrutura Familiar <input type="checkbox"/> Nuclear (pais e filhos) <input type="checkbox"/> Ampliada (pais, filhos e avós/tios/primos) <input type="checkbox"/> Reconstruída (casal em que pelo menos um dos membros tem filhos de uma relação anterior) <input type="checkbox"/> Uniparental	
Com quem reside	
Constituição família atual (sexo, idade, profissão, estado civil)	

³ Em face da pandemia de Coronavírus e a dificuldade em coletar um número significativo de participantes em todas as idades e níveis de escolaridade, esta pesquisa focou exclusivamente nos participantes de nível superior, completo e incompleto (incluindo pós-graduados).

Estrutura Familiar			
<input type="checkbox"/> Nuclear (pais e filhos)			
<input type="checkbox"/> Ampliada (pais, filhos e avós/tios/primos)			
<input type="checkbox"/> Reconstruída (casal em que pelo menos um dos membros tem filhos de uma relação anterior)			
<input type="checkbox"/> Uniparental			
Faz ou fez algum tipo de acompanhamento psicoterapêutico?			
Qual?		Há quanto tempo?	
Toma ou já tomou algum tipo de medicação de uso contínuo / psicofarmacológica?			
Qual?		Há quanto tempo?	
Posologia			
III. FONTE DE RENDIMENTO FAMILIAR			
<input type="checkbox"/> Principal fonte de renda foi herdada ou adquirida			
<input type="checkbox"/> Profissional liberal ou autônomo, mas com boa remuneração			
<input type="checkbox"/> Assalariado, com rendimento mensal fixo			
<input type="checkbox"/> Assalariado, com rendimento semanal ou por jornada de trabalho			
<input type="checkbox"/> Sustentado pela beneficência pública ou privada (aposentados / desempregado)			
IV. MORADIA: <input type="checkbox"/> Própria <input type="checkbox"/> Alugada <input type="checkbox"/> Alienada <input type="checkbox"/> Emprestada			
<input type="checkbox"/> Residência com padrão elevado (luxuosa e máximo de conforto)			
<input type="checkbox"/> Residência com padrão bom (espaçosa e confortável)			
<input type="checkbox"/> Residência modesta (bem construída e em bom estado de conservação)			
<input type="checkbox"/> Residência modesta (com certa privação de conforto)			
<input type="checkbox"/> Alojamento, albergue (sem conforto)			

APÊNDICE C – Roteiro de aplicação

ROTEIRO DE APLICAÇÃO - HTP	
DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	
Nº da Aplicação:	Iniciais:
Data da aplicação: / /	Horário de início da aplicação:

FASE ACROMÁTICA – DESENHOS

1º desenho: **CASA** (apresentar a **folha na posição horizontal + lápis preto + borracha**)

INSTRUÇÃO: “*Eu quero que você desenhe uma casa. Você pode desenhar o tipo de casa que quiser. Faça o melhor que puder. Você pode apagar o quanto quiser e pode levar o tempo que precisar. Apenas faça o melhor possível.*” (Buck, 2003, p.6)

Acionar o cronômetro

Tempo de latência inicial: _____

Seqüência do desenho; comentários do sujeito; pausas; expressões não verbais

Parar o cronômetro

Tempo parcial (para realização do desenho):

2º desenho: **ÁRVORE** (apresentar a **folha na posição vertical + lápis preto + borracha**)

INSTRUÇÃO: “*Eu quero que você desenhe uma árvore. Você pode desenhar o tipo de árvore que quiser. Faça o melhor que puder. Você pode apagar o quanto quiser e pode levar o tempo que precisar. Apenas faça o melhor possível.*” (Buck, 2003, p.6)

Acionar o cronômetro

Tempo de latência inicial: _____

Seqüência do desenho; comentários do sujeito; pausas; expressões não verbais

Parar o cronômetro

Tempo parcial (para realização do desenho):

3º desenho: PESSOA (apresentar a folha na posição vertical + lápis preto + borracha)
INSTRUÇÃO: <i>“Eu quero que você desenhe uma pessoa. Você pode desenhar o tipo de pessoa que quiser. Faça o melhor que puder. Você pode apagar o quanto quiser e pode levar o tempo que precisar. Apenas faça o melhor possível.” (Buck, 2003, p.6)</i>
Acionar o cronômetro
Tempo de latência inicial: _____ Sequência do desenho; comentários do sujeito; pausas; expressões não verbais
Parar o cronômetro
Tempo parcial (para realização do desenho):

4º desenho: PESSOA do sexo oposto ao desenhado anteriormente (apresentar a folha na posição vertical + lápis preto + borracha)
INSTRUÇÃO: <i>“Eu quero que você desenhe uma pessoa do sexo oposto ao desenhado anteriormente. Você pode desenhar o tipo de pessoa que quiser. Faça o melhor que puder. Você pode apagar o quanto quiser e pode levar o tempo que precisar. Apenas faça o melhor possível.” (Buck, 2003, p.6)</i>
Acionar o cronômetro
Tempo de latência inicial: _____ Sequência do desenho; comentários do sujeito; pausas; expressões não verbais
Parar o cronômetro
Tempo parcial (para realização do desenho):

FASE ACROMÁTICA – INQUÉRITOS⁴

Retirar o lápis, para evitar que o sujeito acrescente novos elementos ao seu desenho. Apresentar cada desenho de uma vez. Deixar o desenho **sob os olhos do sujeito**.

INQUÉRITO CASA

1. De que é feita? (explorar o significado do material)
2. Esta casa é sua? (se não for) De quem é?
3. Você gosta (ou gostaria) de ser dono dela? Por quê?
4. Em que casa você estava pensando enquanto estava desenhando?
5. Que parte da casa você tomaria para si? Por quê?
6. Com quem você gostaria de morar nessa casa?
7. Ao olhar a casa ela parece estar perto ou longe?
8. O que esta casa faz você lembrar, pensar ou imaginar?
9. Que impressão esta casa lhe causa?
10. Alguém já causou algum dano a esta casa? Quem? O quê?
11. Do que ela mais precisa?
12. Como está o tempo neste desenho? (período do dia e ano; céu; temperatura)
13. De que tipo de tempo você gosta?

Se houver algum elemento no desenho que o aplicador desconheça, dizer para o sujeito: “Fale um pouco sobre isso que você desenhou”.

Se houver qualquer objeto desenhado, separado da casa, perguntar para o sujeito: “Se isto fosse uma pessoa ao invés de ..., quem seria?”

INQUÉRITO ÁRVORE

1. Que tipo de árvore é esta?
2. Onde está localizada?
3. Qual a idade dela?
4. Esta árvore está viva?
(Se a resposta for SIM)
O que lhe dá a impressão de vida?

Existe alguma parte morta? Qual?

O que provocou a morte?

(Se a resposta for NÃO)
O que provocou a morte?

⁴ Para os inquéritos da fase acromática, foram criadas, pela pesquisadora, algumas perguntas, a partir das sugestões de Buck (2003/1948), Machover (1974/1949) e Koch (1978/1952)

5. Se essa árvore fosse uma pessoa, que sexo você daria a ela?
6. O que provocou essa impressão?
7. Se a árvore fosse uma pessoa, para onde estaria virada?
8. Esta árvore está sozinha ou em grupo?
9. O que esta árvore faz você lembrar, pensar ou imaginar?
10. Existe vento soprando? Em que direção? Que tipo de vento é esse?
11. De quem esta árvore faz você lembrar?
12. Do que esta árvore mais precisa? Por quê?
13. Alguém já machucou esta árvore? Como?
14. Como está o tempo no desenho? (Período do dia e ano; céu; temperatura)

Se houver algum elemento no desenho que o aplicador desconheça, dizer para o sujeito: “Fale um pouco sobre isso que você desenhou”.

Se houver qualquer objeto desenhado, separado da casa, perguntar para o sujeito: “Se isto fosse uma pessoa ao invés de ..., quem seria?”

INQUÉRITO PESSOA

1. Qual o nome desta pessoa?
2. Qual a idade dela?
3. Fale um pouco sobre esta pessoa...
 - a) O que ela faz?
 - b) Como se sente?
 - c) Que outras coisas gostaria de fazer?
 - d) Do que ela mais precisa?
 - e) O que ela pensa de si mesma?
 - f) O que ela acha que os outros pensam dela?
 - g) Quem esta pessoa lhe lembra? Por quê?
 - h) Alguém já fez mal a esta pessoa? Quem é o que fez?
4. Como está o tempo no desenho? (Período do dia e ano; céu; temperatura)
5. Qual a melhor parte da figura? (desenho)
6. Qual a parte mais feia da figura? (desenho)
7. Qual a melhor parte do seu corpo? (colaborador)
8. Qual a parte mais feia, ou a que menos gosta em você? (colaborador)

Se houver algum elemento no desenho, que o aplicador desconheça, dizer para o sujeito: “Fale um pouco sobre isso que você desenhou”.

Se houver qualquer objeto desenhado, separado da casa, perguntar para o sujeito: “Se isto fosse uma pessoa ao invés de ..., quem seria?”

INQUÉRITO PESSOA DO SEXO OPOSTO AO ANTERIOR

1. Qual o nome desta pessoa?
2. Qual a idade dela?
3. Fale um pouco sobre esta pessoa...
 - a) O que ela faz?
 - b) Como se sente?
 - c) Que outras coisas gostaria de fazer?
 - d) Do que ela mais precisa?
 - e) O que ela pensa de si mesma?
 - f) O que ela acha que os outros pensam dela?
 - g) Quem esta pessoa lembra? Por quê?
 - h) Alguém já fez mal a esta pessoa? Quem é o quê?
4. Como está o tempo no desenho? (Período do dia e ano; céu; temperatura)
5. Qual a melhor parte da figura? (desenho)
6. Qual a parte mais feia da figura? (desenho)

Se houver algum elemento no desenho, que o aplicador desconheça, dizer para o sujeito: “Fale um pouco sobre isso que você desenhou”.

Se houver qualquer objeto desenhado, separado da casa, perguntar para o sujeito: “Se isto fosse uma pessoa ao invés de ..., quem seria?”

FASE CROMÁTICA – DESENHOS

1º desenho: **CASA** (apresentar a **folha na posição horizontal + giz de cera + borracha**)

INSTRUÇÃO: “*Eu quero que você desenhe uma casa. Você pode desenhar o tipo de casa que quiser. Faça o melhor que puder. Você pode apagar o quanto quiser e pode levar o tempo que precisar. Apenas faça o melhor possível.*” (Buck, 2003, p.6)

Acionar o cronômetro

Tempo de latência inicial: _____

Seqüência do desenho; comentários do sujeito; pausas; expressões não verbais

Parar o cronômetro

Tempo parcial (para realização do desenho):

2º desenho: **ÁRVORE** (apresentar a **folha na posição vertical + giz de cera + borracha**)

INSTRUÇÃO: “*Eu quero que você desenhe uma árvore. Você pode desenhar o tipo de árvore que quiser. Faça o melhor que puder. Você pode apagar o quanto quiser e pode levar o tempo que precisar. Apenas faça o melhor possível.*” (Buck, 2003, p.6)

Acionar o cronômetro

Tempo de latência inicial: _____

Sequência do desenho; comentários do sujeito; pausas; expressões não verbais

Parar o cronômetro

Tempo parcial (para realização do desenho):

3º desenho: **PESSOA** (apresentar a **folha na posição vertical + giz de cera + borracha**)

INSTRUÇÃO: “*Eu quero que você desenhe uma pessoa. Você pode desenhar o tipo de pessoa que quiser. Faça o melhor que puder. Você pode apagar o quanto quiser e pode levar o tempo que precisar. Apenas faça o melhor possível.*” (Buck, 2003, p.6)

Acionar o cronômetro

Tempo de latência inicial: _____

Sequência do desenho; comentários do sujeito; pausas; expressões não verbais

Parar o cronômetro

Tempo parcial (para realização do desenho):

FASE CROMÁTICA – INQUÉRITOS⁵

Retirar o lápis, para evitar que o sujeito acrescente novos elementos ao seu desenho. Apresentar cada desenho de uma vez. Deixar o desenho **sob os olhos do sujeito**.

INQUÉRITO CASA

1. Quantos andares têm esta casa? (Esta casa tem um andar superior?)
2. Esta é sua própria casa? De quem ela é?
3. Se esta casa fosse sua e você pudesse fazer nela o que quisesse, qual quarto você escolheria para você? Por quê?
4. Quem você gostaria que morasse nesta casa com você? Por quê?
5. Como está o tempo neste desenho? (período do dia e ano; céu; temperatura)
6. Do que esta casa mais precisa? Por quê?

Se houver algum elemento no desenho, que o aplicador desconheça, dizer para o sujeito: “Fale um pouco sobre isso que você desenhou”.

Se houver qualquer objeto desenhado, separado da casa, perguntar para o sujeito: “Se isto fosse uma pessoa ao invés de ..., quem seria?”

INQUÉRITO ÁRVORE

1. Que tipo de árvore é esta?
2. Mais ou menos qual a idade desta árvore?
3. Esta árvore está viva?
4. Para você, esta árvore parece mais um homem ou uma mulher?
5. Como está o tempo no desenho? (Período do dia e ano; céu; temperatura)
6. Há algum vento soprando? Mostre-me em que direção ele está soprando. Que tipo de vento é esse?
7. Do que esta árvore mais precisa? Por quê?

Se houver algum elemento no desenho, que o aplicador desconheça, dizer para o sujeito: “Fale um pouco sobre isso que você desenhou”.

Se houver qualquer objeto desenhado, separado da casa, perguntar para o sujeito: “Se isto fosse uma pessoa ao invés de ..., quem seria?”

⁵ Para os inquéritos da fase cromática, foram usadas as sugestões originais do H-T-P (Buck, 2003, p.6).

INQUÉRITO PESSOA

- a. Esta pessoa é um homem ou uma mulher? (menino ou menina)?
- b. Quantos anos ele (a) tem?
- c. Quem é ele (a)?
- d. O que ele (a) está fazendo? Onde ele (a) está fazendo isso?
- e. Como ele (a) se sente? Por quê?
- f. Em que a pessoa faz você pensar ou lembrar?
- g. Do que esta pessoa mais precisa? Por quê?
- h. Que tipo de roupa esta pessoa está vestindo?

Se houver algum elemento no desenho, que o aplicador desconheça, dizer para o sujeito: “Fale um pouco sobre isso que você desenhou”.

Se houver qualquer objeto desenhado, separado da casa, perguntar para o sujeito: “Se isto fosse uma pessoa ao invés de ..., quem seria?”

Horário de término da aplicação		Duração da aplicação	
----------------------------------------	--	-----------------------------	--

APÊNDICE D – Tabela de análise dos itens utilizados na pesquisa

ASPECTOS ADAPTATIVOS			
Idade	<input type="checkbox"/> Compatível	<input type="checkbox"/> Não compatível	
Gênero	<input type="checkbox"/> Feminino	<input type="checkbox"/> Masculino	
Dominância Lateral	<input type="checkbox"/> Direita	<input type="checkbox"/> Esquerda	
Adaptação ao tema	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
Realização	<input type="checkbox"/> Convencional	<input type="checkbox"/> Original	<input type="checkbox"/> Fantasiada

ASPECTOS GERAIS			
Comentários espontâneos	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	<input type="checkbox"/> Excesso
Atitude de aceitação	<input type="checkbox"/> Total	<input type="checkbox"/> Razoável	<input type="checkbox"/> Indiferença
Capacidade crítica	<input type="checkbox"/> Ausência	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Excesso
Rasuras	<input type="checkbox"/> Ausência	<input type="checkbox"/> Poucas	<input type="checkbox"/> Excesso
Pausas	<input type="checkbox"/> Menor ou igual a 5 segundos		<input type="checkbox"/> Maior que 5 segundos
Emoções	<input type="checkbox"/> Ausência		<input type="checkbox"/> Presença
Tempo de reação inicial por desenho	<input type="checkbox"/> Menor ou igual a 30 segundos		<input type="checkbox"/> Maior que 30 segundos
Tempo total por desenho	<input type="checkbox"/> Menor ou igual a 9 minutos	<input type="checkbox"/> Entre 9 e 12 minutos	<input type="checkbox"/> Maior que 13 minutos
Duração total por desenho			
Tempo total da aplicação	<input type="checkbox"/> Menor ou igual 29 minutos	<input type="checkbox"/> Entre 30 e 90 minutos	<input type="checkbox"/> Maior que 91 minutos
Duração total da aplicação			

ASPECTOS EXPRESSIVOS (itens avaliados para cada desenho)			
Posição da folha	<input type="checkbox"/> Com rotação		<input type="checkbox"/> Sem rotação
Tamanho	<input type="checkbox"/> Muito pequeno <input type="checkbox"/> Pequeno <input type="checkbox"/> Médio		<input type="checkbox"/> Grande <input type="checkbox"/> Muito grande <input type="checkbox"/> Ultrapassando a margem da folha
Pressão	<input type="checkbox"/> Fraca	<input type="checkbox"/> Normal / Média	<input type="checkbox"/> Forte / Negrito
Tipo de traçado	<input type="checkbox"/> Longo e contínuo <input type="checkbox"/> Avanços e recuos		<input type="checkbox"/> Curto e interrompido <input type="checkbox"/> Trêmulo
Detalhes	<input type="checkbox"/> Ausência	<input type="checkbox"/> Essenciais	<input type="checkbox"/> Excesso
Localização	<input type="checkbox"/> Centralizado <input type="checkbox"/> Inferior <input type="checkbox"/> Superior	<input type="checkbox"/> Direita <input type="checkbox"/> Esquerda <input type="checkbox"/> Quadrante 1	<input type="checkbox"/> Quadrante 2 <input type="checkbox"/> Quadrante 3 <input type="checkbox"/> Quadrante 4
Simetria	<input type="checkbox"/> Ausência	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Excesso
Movimento	<input type="checkbox"/> Ausência	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Excesso
Sequência	<input type="checkbox"/> Convencional		<input type="checkbox"/> Não convencional
Transparência	<input type="checkbox"/> Ausência		<input type="checkbox"/> Presença
Sequência realizada pelo participante			

ASPECTOS DE CONTEÚDO – CASA		
Linha de solo	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Telhado	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Telhas	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Sótão	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Porão	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência

Chaminé	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Fumaça	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Paredes	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Pilares / Apoios	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Tijolos aparentes	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Porta	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Mais de uma porta	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Maçaneta	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Detalhes na porta	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Degraus / Escada	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Caminho	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Cerca	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Muro	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Janela	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Mais de uma janela	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Detalhes na janela	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Vista de baixo	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Vista do alto	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Casa dupla	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Parte frontal à direita	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Fachada	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Paisagem:	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Outros elementos	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Quais elementos		

ASPECTOS DE CONTEÚDO – ÁRVORE		
Solo	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Raiz	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Tipo de raiz	<input type="checkbox"/> Sobre o solo	<input type="checkbox"/> Em transparência
Tronco	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Sulcos	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Nós / Buracos	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Galhos na lateral do tronco	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Copa	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Galhos na copa	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Folhas	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Frutos	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Flores	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Animais na árvore	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Paisagem:	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Outros elementos	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência
Quais elementos		

ASPECTOS DE CONTEÚDO – 1ª PESSOA DESENHADA			
Solo	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Próprio sexo	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
Tipo	<input type="checkbox"/> Badameco	<input type="checkbox"/> Apenas cabeça / busto	<input type="checkbox"/> Corpo inteiro
Cabeça	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Olhos	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Boca	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Nariz	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	

Orelhas	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Queixo	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Sobrancelhas	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Cílios	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Cabelo	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Pelos	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Barba	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Bigode	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Pescoço	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Ombros	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Tronco	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Braços	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Mãos	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Dedos	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Mais de cinco dedos	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Menos de cinco dedos	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Cintura	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Quadril	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Pernas	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Pés	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Roupas	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Sem roupa	<input type="checkbox"/> Assexuado	<input type="checkbox"/> Artístico	<input type="checkbox"/> Erótico
Acessórios	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Posição	<input type="checkbox"/> Em pé, de frente <input type="checkbox"/> Em pé, perfil total <input type="checkbox"/> Em pé, meio perfil <input type="checkbox"/> Em pé, de costas	<input type="checkbox"/> Sentado <input type="checkbox"/> Deitado <input type="checkbox"/> Ajoelhado <input type="checkbox"/> Outras	
Paisagem	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Outros elementos	<input type="checkbox"/> Presença	<input type="checkbox"/> Ausência	
Quais elementos			

CORES		
Predomínio no desenho da CASA		
Adequação das cores	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
Predomínio no desenho da ÁRVORE		
Adequação das cores	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
Predomínio no desenho da 1ª PESSOA		
Adequação das cores	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não

COMPARAÇÃO FASE ACROMÁTICA E FASE CROMÁTICA		
<input type="checkbox"/> Melhorou	<input type="checkbox"/> Piorou	<input type="checkbox"/> Igual